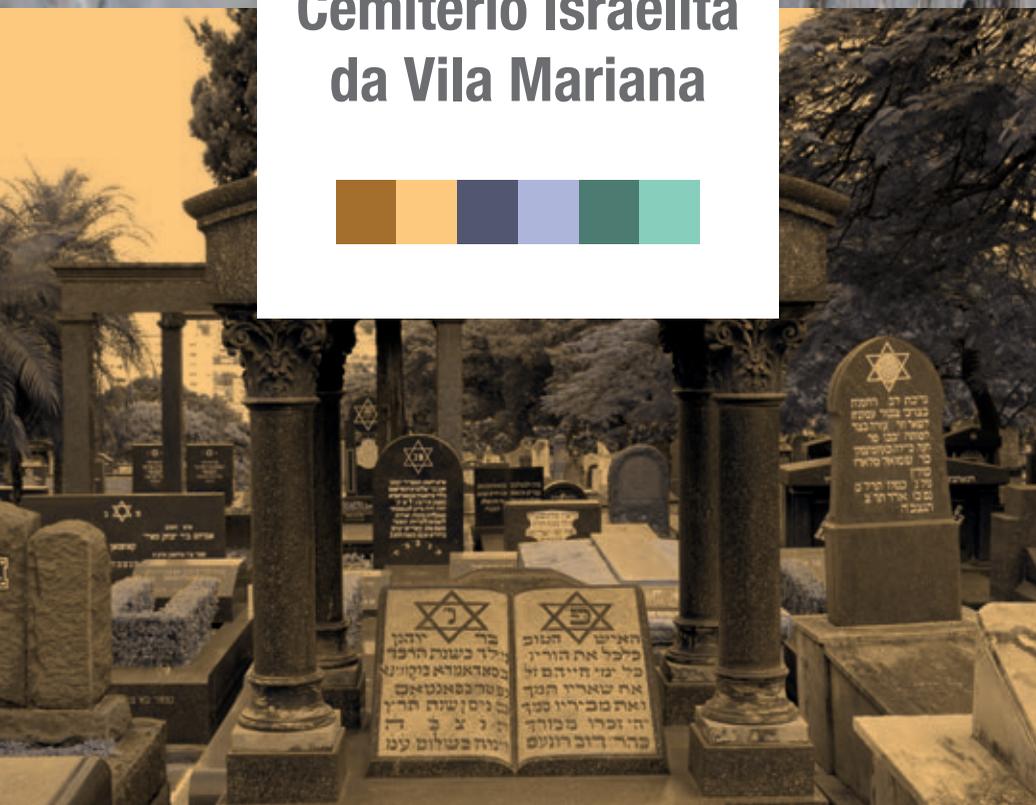


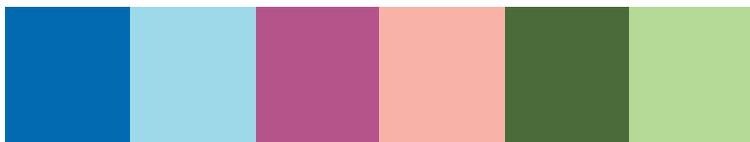


GUIA DE VISITAÇÃO

# Cemitério Israelita da Vila Mariana







GUIA DE VISITAÇÃO

# Cemitério Israelita da Vila Mariana



י ז

דודתה של  
הנה שניידמן  
נפטרה  
ביום י"ב שבט ה'תש"ח  
בבית

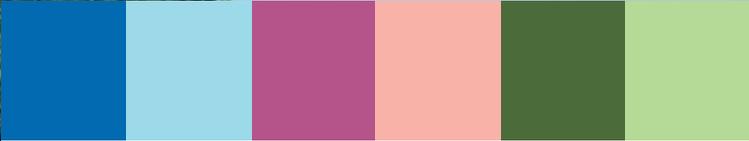
HANA SHAIMERMAN

17.8.1908 21.12.1977

אשתו של משה שניידמן,  
הוריה: משה ורחל

06  
R4

06  
R5



# GUIA DE VISITAÇÃO

# **Cemitério Israelita**

# **da Vila Mariana**

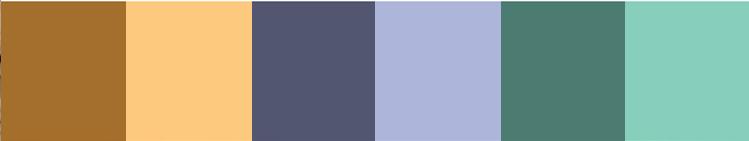
Roney Cytrynowicz

*Fotografia*

Laila Zilber Kontic



narrativa-um



*Projeto e Realização*  
Narrativa Um

*Coordenação de Projeto e Edição*  
Roney Cytrynowicz

*Pesquisa Histórica, Roteiros e Redação*  
Monica Musatti Cytrynowicz  
Roney Cytrynowicz

*Fotografia*  
Laila Zilber Kontic

*Design e Diagramação*  
Ricardo Assis  
Tainá Nunes Costa  
Negrito Produção Editorial  
[www.negritodesign.com.br](http://www.negritodesign.com.br)  
[negritodesign@gmail.com](mailto:negritodesign@gmail.com)

*Mapas*  
Laila Zilber Kontic  
Joana Spadaccini

*Revisão*  
Mariangela Paganini  
Libra Edição de Texto  
[mariangela.revisa@gmail.com](mailto:mariangela.revisa@gmail.com)

*Agradecimentos*  
Lucia Pernambuco  
Luiz Pernambuco  
Shoshana Buck



*narrativa-um*

EDITORA NARRATIVA UM  
Projetos e Pesquisas de História  
[editora@narrativaum.com.br](mailto:editora@narrativaum.com.br)  
[www.narrativaum.com.br](http://www.narrativaum.com.br)

São Paulo, novembro de 2021.

# Sumário

**7**  
Prefácio

**11**  
Introdução

**25**  
Roteiro 1

**67**  
Roteiro 2

**95**  
Roteiro 3

**125**  
Roteiro 4

**149**  
Roteiro 5

**171**  
Bibliografia



אלה הם יוסי  
 בנים ואילן ימי  
 שבו שנים תע  
 וחי שנה לאבני  
 ר' יוסף  
 בן יצחק יחי ודי  
 באגודת קהילתנו  
 נפטר יום א' חשוון  
 תשס"ח

ב"ר  
 פ"ה  
 פ"ה

[Faded Hebrew text on the tombstone base]

46

[Faded Hebrew text on the tombstone base]

45



ב      ✪      ב  
 רבקה משרון  
 בת אריה  
 נפטרה רח פנים אב משער  
 תל אביב



ב      ✪      ב  
 [Faded Hebrew text]

# Prefácio

**E**ste guia propõe uma visita ao Cemitério Israelita da Vila Mariana, que completa seu centenário em 2021, considerando-o um lugar significativo do patrimônio histórico e cultural da cidade e do estado de São Paulo. São cinco roteiros que apresentam diversos aspectos da história de como um grupo imigrante se inseriu na cidade e passou a fazer parte do seu dia a dia.

Os roteiros contam a história do próprio cemitério e destacam detalhes de formatos de sepulturas, esculturas, símbolos, ornamentos, epitáfios, mostrando tanto os padrões, as regularidades e as tradições como também as singularidades, como, por exemplo, um túmulo com uma escultura de globo terrestre que tem encravado nele o mapa da trajetória de imigração de uma mulher nascida em uma pequena localidade na Lituânia. Detalhes assim vão compondo uma história e o imaginário da imigração, da presença judaica e do cotidiano da cidade. Os percursos também destacam sepulturas de homens e mulheres que tiveram uma vida pública nas artes, na cultura, na ciência, na economia, na política e nas instituições da comunidade judaica, mostrando a diversidade destas instituições.

Os personagens que tiveram uma vida reconhecidamente pública, como Maurício Klabin, Lasar Segall, Tatiana Belinky e outros, estão identificados no roteiro com nome e sobrenome. Já os túmulos que foram escolhidos pelas características das próprias sepulturas, seu

formato, símbolos e outros aspectos, estão identificados apenas com o primeiro nome do falecido ou falecida, mas a fotografia eventualmente mostra o nome em um contexto de valorização do patrimônio histórico. Foram escolhidos 120 personagens e sepulturas.

Alguns cemitérios de São Paulo são tombados pelo patrimônio histórico estadual, o Condephaat, como o da Consolação, da Ordem Terceira do Carmo e o Cemitério dos Protestantes. Existem muitos cemitérios que são também locais turísticos. Provavelmente entre os mais famosos estão o Pear Le Chaisse, em Paris, e o La Rigoleta, em Buenos Aires, que, como os cemitérios da Consolação, São Paulo e Araçá, são museus a céu aberto.

O cemitério é um lugar de celebração da memória e da vida dos que se foram, lugar onde vive a memória de cada um dos sepultados. Mas, mais do que a lembrança de pessoas individualmente, este cemitério é um lugar da memória da comunidade judaica e da cidade de São Paulo. Fundar um cemitério e enterrar os mortos nesse local foi um dos marcos do estabelecimento, e enraizamento, de milhares de imigrantes que aqui aportaram vindos da Europa Oriental, da Europa Central e do Oriente Médio. São imigrantes que vieram de mais de vinte países/regiões diferentes e, inclusive, falavam línguas diferentes, como o ídiche, o alemão, o francês, o húngaro, o russo, o polonês, o hebraico, o italiano, o ladino, o hakitia, o árabe e assim por diante. A



construção deste cemitério é um marco fundador de uma comunidade judaica em São Paulo.

Em grande parte, os imigrantes judeus que chegaram ao Brasil vieram de comunidades judaicas que depois foram destruídas durante o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial, seja Varsóvia ou Lodz na Polônia, Iedenitz ou Securon na Bessarábia, Vilna na Lituânia, Berlim na Alemanha, entre outras. As comunidades dos países árabes também praticamente desapareceram nos anos 1950. Junto com este desaparecimento das comunidades, centenas de cemitérios judaicos da Europa Oriental e da Europa Central foram destruídos durante o Holocausto e a maior parte deles ficou inteiramente abandonada após a guerra. Na Polônia, principal origem dos imigrantes, onde havia mais de 3,3 milhões de judeus, cerca de 3 milhões foram mortos. Lápides foram usadas para a construção civil e, após 1945, o abandono e o descaso predominou.

Neste sentido, o valor deste Cemitério Israelita da Vila Mariana está também em seu lugar como testemunho dos vínculos e das principais origens dos imigrantes judeus, de um mundo social e cultural desaparecido e do qual a cidade de São Paulo recebeu um significativo influxo, que passou a integrar o seu cotidiano, como veremos na história das instituições e dos personagens aqui apresentados. Cada uma das sepulturas deste campo santo diz respeito a pessoas que fizeram a travessia destas comunidades para aportar em São Paulo. Este cemitério é, assim, um testemunho, um lugar da memória, um elo entre essas comunidades da Europa e do Oriente Médio e a cidade de São Paulo – neste caso exemplarmente cuidado, mantido e preservado pela Associação Cemitério Israelita de São Paulo.

A realização deste Guia foi possível graças ao apoio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, do Estado de São Paulo, por meio do Programa de Ação Cultural (Proac) de “Produção e Publicação de Obras sobre Patrimônio Histórico e Cultural Material e Imaterial” de 2020. Agradeço à Associação Cemitério Israelita de São Paulo, ao presidente Mauro Zaitz e à diretoria, a Simone Sinatore, gerente geral da ACISP, e à equipe do Cemitério de Vila Mariana, em particular a Isabel Silveira.



# Introdução

## Os cinco roteiros: como organizar sua visita

---

**E**ste Guia é composto por cinco roteiros, independentes entre si, que foram organizados pensando na experiência do visitante. Sugerimos que você faça primeiro os Roteiros 1, 2 e 3, que ficam na parte de cima do cemitério, ou seja, entre o portão de entrada e o Memorial, a construção que se avista ao entrar no cemitério e fica no final da arborizada Alameda 1.

A distância a percorrer em cada um destes roteiros é relativamente pequena e o tempo estimado é de cerca de 45 minutos em cada, que evidentemente varia de acordo com a visita de cada um. Estes três primeiros roteiros contêm as informações gerais sobre a história do cemitério e as características das sepulturas, como seus formatos, textos, esculturas, símbolos e ornamentos.

Para facilitar a localização nos percursos, utilizamos a denominação oficial do próprio cemitério: Alameda 1, a mais larga, que começa no portão e continua depois do Memorial; Alameda 2, mais estreita e paralela à Alameda 1, e, por fim, Alameda 3, curta e mais próxima do muro paralelo à rua lateral. As ruas são sempre paralelas ao muro do portão de entrada. São nomes para facilitar a identificação nos mapas que acompanham todos os roteiros.



O cemitério – conforme os mapas neste Guia – é organizado em Quadras, Ruas e Número da sepultura, com a notação Q, R e N. Assim Q<sub>1</sub> R<sub>1</sub> N<sub>1</sub> significa Quadra 1, Rua 1, túmulo Número 1. A localização espacial das quadras, como se observa no mapa da página 21, não segue uma ordem sequencial de numeração, assim, por exemplo, ao lado da Q<sub>2</sub> está a Q<sub>14</sub>, em função das ampliações pelas quais o cemitério passou.

Para organizar melhor os roteiros, cada túmulo recebeu um número, que é a sequência de visitação proposta e tem o número correspondente no mapa, independentemente do “endereço” de cada sepultura. Dentro de cada roteiro, cada sepultura tem, assim, o “endereço” oficial (Q R N) e a numeração da visita no mapa, dentro de um pequeno círculo colorido.

O Guia propõe mais dois Roteiros, 4 e 5, ambos após o Memorial, mais extensos no percurso e uma forma de percorrer todo o cemitério e mostrar sepulturas e histórias bem originais. Como o terreno do cemi-

tério é relativamente íngreme, os Roteiros 4 e 5 exigem um pouco mais de esforço físico e o percurso de cada um é de cerca de 50 minutos. O Roteiro 4 começa no Memorial e termina no final da Alameda 1, junto ao muro, e você pode retornar de lá para a entrada do cemitério, sempre subindo em direção ao Memorial. O Roteiro 5 começa a partir do Roteiro 4 e também retorna ao Memorial.

## Antes de começar a visita

---

O Cemitério Israelita da Vila Mariana, como todos os cemitérios, é, antes de tudo, um lugar sagrado para os vivos e para os mortos. Então, pede-se aos visitantes que respeitem as regras do cemitério, como o uso de chapéu ou de kipá (distribuída na entrada do cemitério) e, mais do que tudo, andem e desfrutem da visita com respeito ao local e a cada sepultura. Em caso de dúvida, basta consultar um funcionário do Cemitério.

A maioria dos roteiros utiliza as alamedas e ruas de acesso aos túmulos. Quando, eventualmente, o roteiro indicar uma passagem entre as sepulturas, por favor, faça isso nos espaços livres entre as sepulturas por meio dos quais é possível passar e não pise sobre elas.

## Quem cuida do cemitério

---

Este cemitério, assim como os outros três cemitérios judaicos do Estado de São Paulo, é privado e administrado e mantido pela Associação Cemitério Israelita de São Paulo (ACISP), conhecida pelo nome hebraico de Chevra Kadisha (sociedade sagrada), uma organização da comunidade judaica cujo presidente e diretores são voluntários. Os funcionários, da administração e que trabalham nos cemitérios, são profissionais.

A entidade administra os quatro cemitérios judaicos existentes no Estado de São Paulo: Vila Mariana, Cubatão, Butantã e Embu. Mas esta é uma escolha, com raízes históricas, da própria comunidade

paulista, a de manter uma administração única. No Rio de Janeiro, por exemplo, existe mais de um cemitério administrado por entidades diferentes.

## Apresentando o Cemitério Israelita

---

O Cemitério Israelita da Vila Mariana, fundado em 1920, sendo que o primeiro sepultamento se deu em 1921, é vizinho ao Cemitério Municipal da Vila Mariana, aberto em 1904. Até a inauguração do Cemitério Israelita do Butantã, em 1953, este foi o principal cemitério judaico da cidade e do estado. A história dos cemitérios de Cubatão e de Santana, fundados nos anos 1920, ambos ligados às “polacas”, é mencionada no Roteiro 1.

Este é um cemitério de imigrantes da Europa Oriental, da Europa Central e do Oriente Médio, com sepulturas de pessoas de cerca de 20 países e regiões de origem, entre os quais Polônia, Rússia, Bessarábia (cuja maior parte do território pertence atualmente à Moldávia), Ucrânia, Lituânia, Romênia, Hungria, Alemanha, Áustria, Itália, Egito, Líbano, Síria, Marrocos, Palestina/Israel, Turquia. A maioria dos sepultados neste cemitério são da primeira metade do século 20. Quando este cemitério foi aberto, a cidade de São Paulo tinha 580 mil habitantes e a Vila Mariana era um bairro pouco urbanizado, os cemitérios ficavam distantes do centro e dos bairros de moradia da população.

A grande corrente migratória de judeus que chegou a São Paulo (e ao Brasil) é originária da Europa Oriental, que era o centro demográfico da vida judaica até a Segunda Guerra Mundial. Os primeiros imigrantes judeus, oriundos da Europa Oriental, começaram a chegar a São Paulo nos anos 1910 e fundaram, em 1912, no bairro do Bom Retiro, sua primeira entidade, a sinagoga *Kahalat Israel* (Comunidade de Israel), e pretendiam também adquirir um terreno para servir de cemitério, garantir o funeral dos “israelitas necessitados” e cumprir o “ritual hebraico”.

Depois da fundação desta sinagoga, de uma biblioteca, de uma escola complementar para ensinar a tradição e do início de atividades



culturais e teatrais, a reivindicação do cemitério ganhou força e em 1915 um grupo de 109 integrantes da “colônia israelita”, como se dizia à época, enviou um abaixo-assinado solicitando, ao prefeito Washington Luís, uma licença para a abertura de um cemitério próprio. O cemitério era considerado uma instituição vital para a existência de uma comunidade. E, ao mesmo tempo, a demanda por um cemitério dava substância ao projeto de formar e enraizar uma comunidade judaica em São Paulo, no País, onde os mortos seriam sepultados dali em diante.

## Sepulturas individuais e perpétuas

---

A primeira justificativa para fundar um cemitério judaico, em 1915, era a de que nos cemitérios públicos e municipais existentes, embora

houvesse liberdade de rito, os jazigos perpétuos individuais foram se tornando cada vez menos usuais, sendo transformados em jazigos familiares ou os corpos exumados e colocados em ossários para permitir maior número de sepultamentos. Conforme o documento de 1915: “Pelos ritos e tradições da nossa religião, os despojos dos mortos uma vez sepultados não devem e não podem ser tocados, de modo que toda sepultura de um israelita deve ser perpétua, para que em tempo algum possa ser revolvido o lugar, retirados os ossos, ou nela ser feito outro enterramento”.

No caso do cemitério judaico, existe um compromisso comunitário, seguido à risca pela Associação Cemitério Israelita de São Paulo, a Chevra Kadisha, de que todas as sepulturas são perpétuas e individuais, independentemente da condição social e econômica dos familiares. Sendo um cemitério privado, é claro que o cemitério deve ser mantido



pela comunidade e, assim, é necessário e desejável que os que podem pagar pela manutenção o façam, o que permite cuidar melhor de todas as sepulturas e do cemitério como um todo.

O segundo argumento em prol da construção de um cemitério próprio era que, embora os cemitérios fossem, desde 1889, laicos e públicos, havia uma presença ostensiva de símbolos cristãos, com cruzeiros e esculturas de anjos, além de que o principal lugar de culto é uma capela cristã. Ou seja, a aparência era de um cemitério cristão ou católico, o que continua a ocorrer nos cemitérios públicos, muitas vezes chamados equivocadamente de “cemitérios católicos”.

Até a existência do cemitério israelita, as poucas dezenas de famílias judias que viviam na cidade, e não formavam uma comunidade organizada em instituições (não havia sinagoga até 1912), optavam pelos cemitérios públicos, como o da Consolação, e muitas vezes pelo cemitério protestante, onde a presença de esculturas e símbolos religiosos é mais discreta e onde as famílias de imigrantes judeus se sentiam bem recebidos.

Para reforçar o pedido de 1915, o industrial Mauricio Klabin, um dos signatários do abaixo-assinado, propôs ceder à Prefeitura um terreno de sua propriedade que era contíguo ao Cemitério Municipal da Vila Mariana. Mauricio Klabin possuía uma expressiva gleba de terras na Vila Mariana, onde ele morava e onde vivia também parte de sua família, Jenny Klabin e Lasar Segall (casa que se tornou o Museu Lasar Segall) e Mina Klabin e Gregori Warchavchik (casa que se tornou a Casa Modernista, do Museu da Cidade de São Paulo).

## “Onde vive a memória”

---

O cemitério é o lugar onde jazem os mortos. Mas, mais do que tudo, é o lugar onde os vivos visitam e lembram os mortos e cultivam a sua memória. O cemitério é, assim, um lugar da memória, onde vive a memória. Pode-se dizer que, para além da relação pessoal de cada um com os familiares e amigos falecidos, o cemitério é um lugar da memória do grupo, neste caso uma comunidade de imigrantes.

Cada túmulo, com suas características originais ou padronizadas, com o nome do falecido e alguns dados e dizeres sobre ele, é a última fronteira de cada vida e como a conhecemos. É um pequeno monumento pessoal erguido pela família para perpetuar a memória da pessoa falecida e que ocupa quase todo o pequeno lote do terreno de cada túmulo.

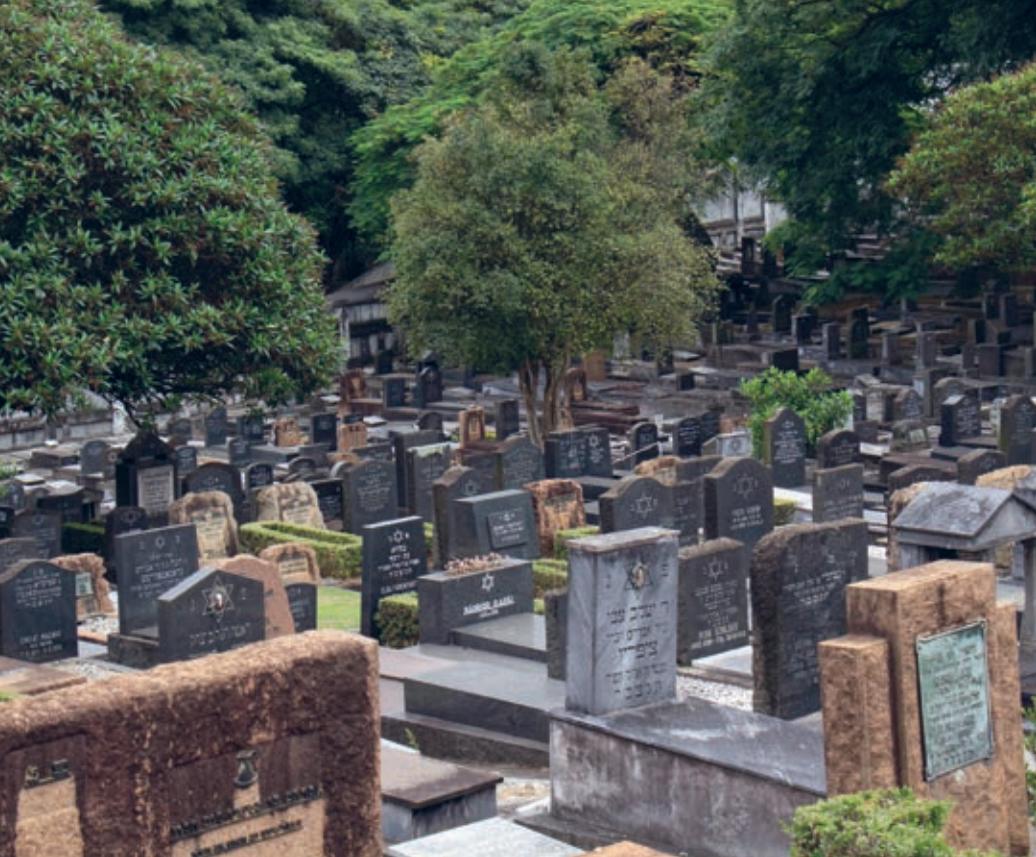
Mas, mesmo ao se visitar uma sepultura em particular, se está visitando um falecido integrante deste grupo, se está visitando um lugar da memória do grupo, que marca, mais do que qualquer outro espaço, a fundação, o estabelecimento e o enraizamento dos imigrantes judeus nesta cidade. Os vivos escolhem o lugar dos mortos e este lugar define a escolha sobre onde se construiu uma comunidade também para as gerações seguintes.

O que todas as sepulturas deste cemitério têm em comum, sem exceção, é que os mortos estão enterrados em uma cova embaixo da terra, de cerca de um metro de profundidade, e foram sepultados dentro de um caixão. O espaço da cova é preenchido com terra e em cima da terra se faz em quase todos os túmulos uma base de cimento para a sepultura (as exceções são os que têm um pequeno jardim). O espaço (lote) de cada sepultura é bastante padronizado, com pequenas variações.

No judaísmo, o sepultamento e a inauguração do túmulo, conhecidos como *matzeivá*, são dois momentos distintos do luto. A maioria das famílias inaugura o túmulo um ano após o falecimento, mas ele pode ocorrer a partir de um mês da morte.

Tudo o que vemos acima da terra – sepulturas, esculturas, símbolos, ornamentos, fotografias, inscrições – se refere à memória pessoal de cada um, definidos em parte por padrões e tradições e em parte livremente escolhido pela família. Todos estes componentes representam nossas ideias sobre a morte e sobre o falecido em particular, dizem respeito à sua história e à maneira como seus familiares e amigos querem perpetuar a sua lembrança.

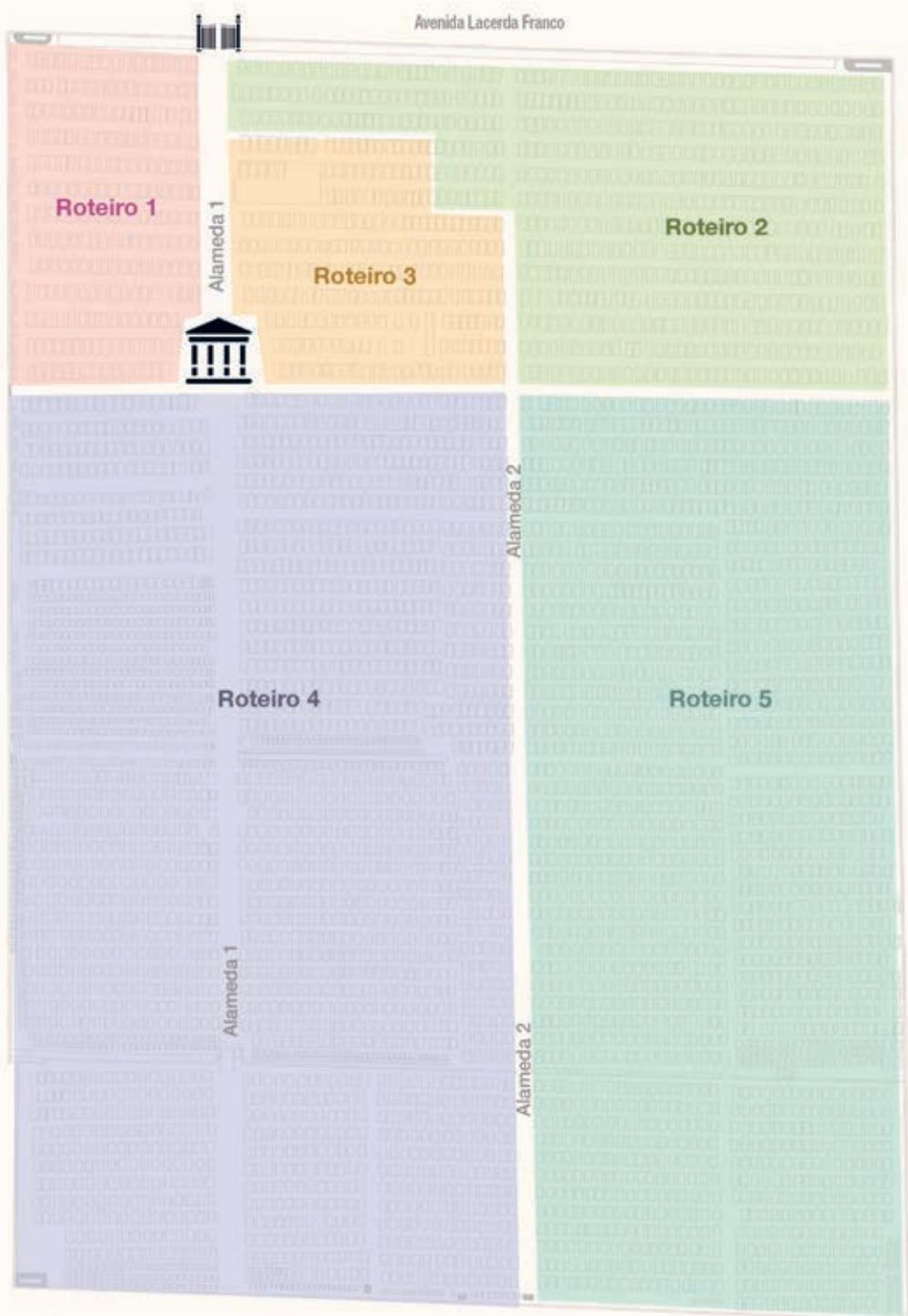
Assim, o cemitério, lugar dos mortos, é o lugar da memória e dos vivos, porque o cemitério existe para que os vivos visitem e lembrem dos mortos, dos seus antepassados e amigos. É um lugar de memória da



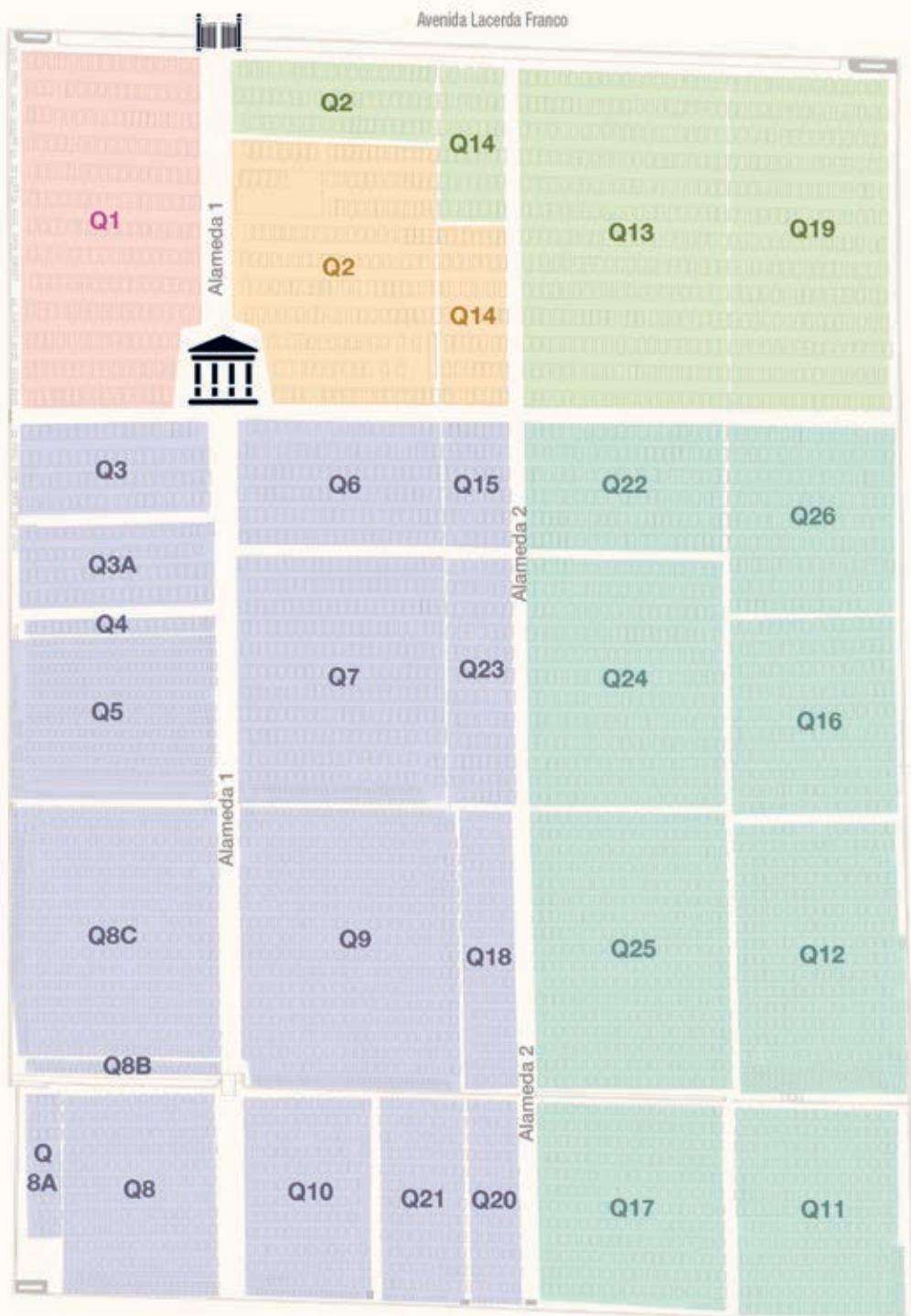
comunidade e da cidade e da memória de cada falecido. Nós visitamos o cemitério e seus túmulos para lembrar dos mortos e, portanto, tornar essa memória viva e presente. Em hebraico, cemitério é *beit hakvarot* ou *beit hachaim*, casa dos túmulos ou casa da vida.

Ao visitar um cemitério como o da Vila Mariana, ao mesmo tempo visitamos individualmente um falecido, lembramos dele, de sua vida, e lembramos da história da comunidade e da cidade de São Paulo. Assim, o cemitério é ao mesmo tempo o local onde estão sepultados nossos familiares, ancestrais e amigos e o local que, coletivamente, preserva a memória da comunidade. O sepultamento em um cemitério judaico é uma marca de pertencimento à comunidade, e, neste caso, uma marca que a enraizou na cidade de São Paulo.

## Mapa que localiza os 5 Roteiros na área do Cemitério



## Mapa com a numeração das Quadras do Cemitério





QUADRAS

2

MEMORIAL





## A entrada do Cemitério

---

**A**o entrarmos no Cemitério Israelita da Vila Mariana, observamos ao mesmo tempo uma paisagem de uniformidade e de diversidade. Podemos notar mais a relativa uniformidade e sobriedade e o fato de que as sepulturas não são altas, se compararmos com cemitérios com túmulos e esculturas monumentais, como Consolação, Araçá ou São Paulo. Ou podemos notar mais a diversidade, se começarmos a observar as variações entre as sepulturas, os diferentes formatos e alturas, com ou sem pedra vertical, a presença de obeliscos e outras esculturas, a presença de texto nos epitáfios tanto na pedra horizontal como na vertical, constatando que o texto ocupa um lugar importante, muitas vezes inscrito em pequenas esculturas em forma de livros. Muitas sepulturas possuem fotografias, símbolos e ornamentos. Há também variações de cor nas pedras, mármore, granito e outras, as mais antigas na parte perto da entrada em tons próximos ao branco e depois muitas em tons mais escuros e preto.

Conheceremos, ao longo deste guia, entre as mais de 5.500 sepulturas existentes, tanto os padrões e as regularidades como as singularidades e curiosidades inusitadas. Se comparado aos outros cemitérios judaicos de São Paulo, como Butantã e Embu, mais recentes, nos



quais existem padronizações mais definidas para as sepulturas, com menor espaço para variações, este apresenta uma diversidade maior.

A entrada do cemitério fica no topo de uma linda alameda margeada por flamboyants que leva a uma construção que hoje sedia o Memorial do Cemitério, que visitaremos ao final do Roteiro 1. Nesta pequena construção, a Casa de Tahará, se fazia o ritual de lavagem dos corpos que precede o sepultamento judaico.

Em 1920 estava inaugurado o cemitério onde nos encontramos agora. Inicialmente, o cemitério judaico era anexo ao cemitério municipal, separado pelo muro, mas ligado por um portão. Até pelo menos os anos 1950, se passava por dentro do Cemitério Municipal da Vila Mariana para ingressar aqui. Essa antiga entrada, entre as Quadras 2 e 3, permitia às carroças que levavam os mortos chegarem à Casa de Tahará.

Nos cemitérios judaicos, as sepulturas são individuais (a cada túmulo corresponde um único falecido) e perpétuas, ou seja, os restos



mortais não são removidos para dar lugar a outro sepultamento no mesmo local. Por isso, o cemitério não possui jazigos familiares e nem ossário. O sepultamento em túmulos individuais e perpétuos foi uma das principais razões para a construção deste cemitério. Os corpos estão sepultados embaixo da terra, a cerca de 1 metro, ou seja, tudo o que vemos acima da terra é a sepultura.

Os costumes em torno do sepultamento formam um conjunto de tradições, que podem variar de lugar para lugar e de época para época, como o uso de fotografias dos falecidos, prática comum neste cemitério (e no Cemitério Israelita de Cubatão), mas proibida nos outros cemitérios judaicos paulistas.

Todos os túmulos (com três exceções, das quais falaremos daqui a pouco) estão voltados para o Leste, para Jerusalém, o que coincide com a atual direção do portão de entrada, que, entre os ornamentos de sua decoração, além da estrela de David, apresenta tamareiras e uma paisagem que remete a Jerusalém.

1

**Q1 R1 N1** Logo à esquerda da entrada, na parte mais alta do cemitério, fica a **Q1** e avistamos a primeira, mais antiga, sepultura do cemitério, em mármore branco e com inscrições em alto relevo, de Nathan (Nute) Tabacow, que nasceu em Securania, Bessarábia, província do Império Russo, em 1836, e faleceu em 1920. A lápide, *matzeivá* em hebraico, é em forma de caixão e alta, como são muitas das mais antigas que encontraremos nas primeiras fileiras das **Q1** e **Q2**. Lembre-se que o corpo está sempre embaixo da terra, em covas de 1 metro de profundidade, e o espaço do terreno de cada sepultura (a campa) mede, em geral, 2 m x 0,80 m. A sepultura em forma de caixão é possivelmente um padrão dos cemitérios públicos na cidade na mesma época, pois permitia que fossem abertos nos jazigos familiares, e isso definia um padrão para as oficinas que confeccionavam as sepulturas.

Conforme a inscrição em hebraico (foto na p. 29), Nathan foi o “primeiro judeu sepultado neste cemitério judaico nesta cidade”, o que sugere que o sepultamento marcou a comunidade na época, a ponto de o próprio túmulo ter se transformado em uma espécie de monumento ou marco inicial do cemitério. Nathan foi casado com Anita e tiveram seis filhos, entre eles Idel Tabacow. Segundo a memória familiar, ao chegar ao Brasil, Idel se apresentou na imigração como “Tabacow, Idel” – o sobrenome primeiro, forma comum em alguns países europeus – e foi registrado como “José Tabacow Hidal” (Idel se tornou Hidal), dando origem ao sobrenome composto. José e sua esposa, Ester, assim como seu filho Jacob Tabacow Hidal e sua esposa, Fanny, estão sepultados bem próximos de Nathan, na **Q2 R2 N17** a **N20**. Jacob e Fanny, por sua vez, são os pais de Manoel Tabacow Hidal, médico que foi o fundador e primeiro diretor do Hospital Israelita Albert Einstein, sepultado no Cemitério do Butantã.

Nas **Q1**, à esquerda do portão de entrada, e **Q2**, que fica à direita da entrada, nas Ruas 1, 2 e 3 estão muitas sepulturas dos anos 1920 a 1922 e podemos observar os diversos padrões e variações segundo os quais elas foram construídas. Na **R1**, do lado esquerdo, há uma série de homens, e, do lado direito em relação à entrada, na **Q2 R1**, de mulheres, uma indicação de que, nos primeiros sepultamentos, a separação entre homens e mulheres tinha significado, mas pouco depois já ocorreram

sepultamentos lado a lado de homens e mulheres, especialmente casais. Em geral se evita sepultar pessoas de sexos diferentes, que não sejam parentes, lado a lado.

Na década de 1920 foram realizadas no Cemitério Israelita da Vila Mariana um total de 355 sepultamentos (além dos restos mortais trasladados). Em 1921 realizaram-se 11 sepultamentos, seguidos de 17 em 1922. Uma relação de sepultamentos realizados em 1923 e 1924 apresenta um perfil dos falecidos: todos os 21 adultos eram

imigrantes, principalmente da Rússia, Polônia e Romênia (homens e mulheres com idades de 23 a 82 anos). Havia também um adolescente e três crianças imigrantes. Dos nascidos no Brasil, eram 14 crianças até dois anos (11 de São Paulo, uma de Araraquara, uma do Rio de Janeiro e uma de Sorocaba). Outros quatro sepultamentos entre 1923 e 1924 foram restos mortais trasladados de cemitérios não judaicos de Ribeirão Preto, de Poços de Caldas e da Suíça. Uma das exceções que permite a exumação e traslado do corpo é transferi-lo para um cemitério judaico.

Entre as primeiras sepulturas, há alguns túmulos de mulheres que se sobressaem no aspecto do seu formato e das esculturas, o que sugere que nos anos 1920 mulheres e homens recebiam sepulturas iguais e, em muitos casos, como o de diversas capelas que logo veremos, com notável destaque para as mulheres.



## A cidade de Securon

Nenhuma cidade de origem dos imigrantes é mais mencionada nas lápides deste cemitério do que Securon, onde nasceu Nathan, e a localidade é um exemplo das transformações políticas e geográficas pelas quais pas-

saram a Europa Oriental e suas fronteiras nos séculos 19 a 20, incluindo a população judaica.

Escrita de diversas formas, como Securania, Secureni, Sekurian, Sikuran, Sekuren, Sekuron, Sokorone, entre outras, e acompanhada ou não da referência da província ou do país ao qual pertencia – Bessarábia, Rússia ou Romênia –, a menção à cidade consta em 128 lápides. Até 1711, Secureni fez parte do Principado da Moldávia. De 1711 a 1812 pertenceu à província otomana de Hotin e, em seguida, até 1918, à província da Bessarábia do Império Russo. De 1918 a 1944 Secureni foi capital do distrito romeno de igual nome, abrangendo 23 vilarejos e constituindo importante centro cultural e econômico.

Na década de 1930, a população judaica correspondia a 72% dos habitantes da cidade e somava 15 mil pessoas em 1940. Durante a Segunda Guerra Mundial, a população judaica foi inteiramente assassinada ou expulsa pelos nazistas. Com o fim da guerra, Secureni passou a ser parte da União Soviética e, a partir de 1991, Secureni (Sokyryany) integra a Ucrânia, mas não há mais comunidade judaica na cidade. Essa história, as diferentes culturas e línguas e a sua tradução e transliteração ao português explica a diversidade de grafias do nome da cidade.

O maior influxo de imigrantes judeus que chegou ao Brasil era originário da Europa Oriental e do Império Russo, onde ficavam províncias como a Bessarábia e a Podólia. Cerca de 27% a 35% dos judeus que vieram ao Brasil eram originários do território historicamente pertencente à Polônia, vindo depois Romênia, Rússia, Lituânia, Letônia, Ucrânia e Hungria. Em 1900 havia sete milhões de judeus na Europa Oriental e Rússia, o que correspondia a 67% da população judaica no mundo, e 1,1 milhão nos Estados Unidos e no Canadá, representando 10%.

► *Passa agora para a Quadra 2, à direita da entrada do cemitério (olhando para o Memorial) e vamos conhecer as primeiras sepulturas da Q2 R1, onde observaremos as características principais das sepulturas dos primeiros tempos do cemitério.*

As primeiras sepulturas, da década de 1920, são bastante semelhantes à que vimos agora, em mármore branco e em forma de “caixão”. A ação do tempo durante anos e anos obriga a reparos e ações de

conservação e a Associação Cemitério Israelita de São Paulo, além da manutenção e da preservação, procura restaurar as sepulturas mantendo ao máximo suas características originais. Em alguns poucos casos, quando a ação do tempo danificou a pedra, os túmulos foram refeitos.

2

**Q2 R1 N1** Uma das sepulturas mais antigas do cemitério, de Gregório (1852-1921), apresenta, desenhados, uma Estrela de David, uma espécie de urna e motivos ornamentais de plantas. O túmulo foi confeccionado pela Marmoraria Itália Silvestro Amaro e Co, conforme plaquinha colocada em uma lateral, com endereço na Rua Ribeiro de Lima, no Bom Retiro. O telefone era



3385. Algumas das sepulturas ainda mantêm esse tipo de plaquinha. Na década de 1920, o Bom Retiro era um bairro também de imigrantes, italianos, espanhóis, judeus, e era um local importante pela presença da Estação da Luz, oficinas, comércio e instituições, como a Escola Politécnica, a Faculdade de Odontologia e outras.

Uma curiosidade da lápide é o desenho de parafusos nas quatro extremidades, indicação de que provavelmente a sepultura seguia um padrão dos sepultamentos cristãos nos quais a sepultura poderia ser aberta depois para retirada dos restos mortais e colocação de outro falecido nos jazigos familiares. Parafusos, de verdade, serviriam então para abrir a sepultura. Como no judaísmo a sepultura é individual e inviolável e não existem jazigos familiares, ficou apenas o desenho dos parafusos. Não deixa de ser curioso como uma prática que era comum nos cemitérios da cidade fica registrada, sem utilidade concreta, neste cemitério judaico.

## EXPLICANDO OS SÍMBOLOS E OS ORNAMENTOS

O símbolo judaico mais frequente nas sepulturas, principalmente nas estelas, as pedras verticais, é a Estrela de David. Identifica os judeus como grupo, como nação. Ela remete ao Rei David e a um período bíblico do antigo Reino de Israel. Com o movimento nacional judaico, o Sionismo, fundado no final do século 19, e a criação do Estado de Israel, em 1948, passou a ser o principal símbolo nacional judaico e está presente na bandeira de Israel.

Algumas sepulturas apresentam outros símbolos, também usuais em outros cemitérios judaicos ao redor do mundo, como candelabros de sete velas, a *menorá* (ou *menorot*, no plural), retangular ou semicircular, e castiçais de duas ou três velas. Acender velas é um ritual e símbolo importante no judaísmo, em geral

associado às mulheres e as casas têm castiçais e candelabros. Acende-se velas no início do *shabat* (dia santificado que começa na sexta-feira à noite), nas festas, no dia de aniversário dos falecidos e é costume se acender uma vela ao visitar um túmulo (sepulturas mais antigas ainda têm uma caixinha de velas acoplada, mas hoje, até por razões de segurança, deve-se pedir a vela na entrada do cemitério). As *menorot*, que representam os dias da semana, aparecem tanto em desenhos como em esculturas em metal ou mesmo na janela de uma capela.

Dois símbolos relacionados à memória do Antigo Templo do Reino de Israel, jarros e mãos abençoando, aparecem desenhados ou esculpidos. O símbolo de duas mãos abençoando com dedos entreabertos remete à memória



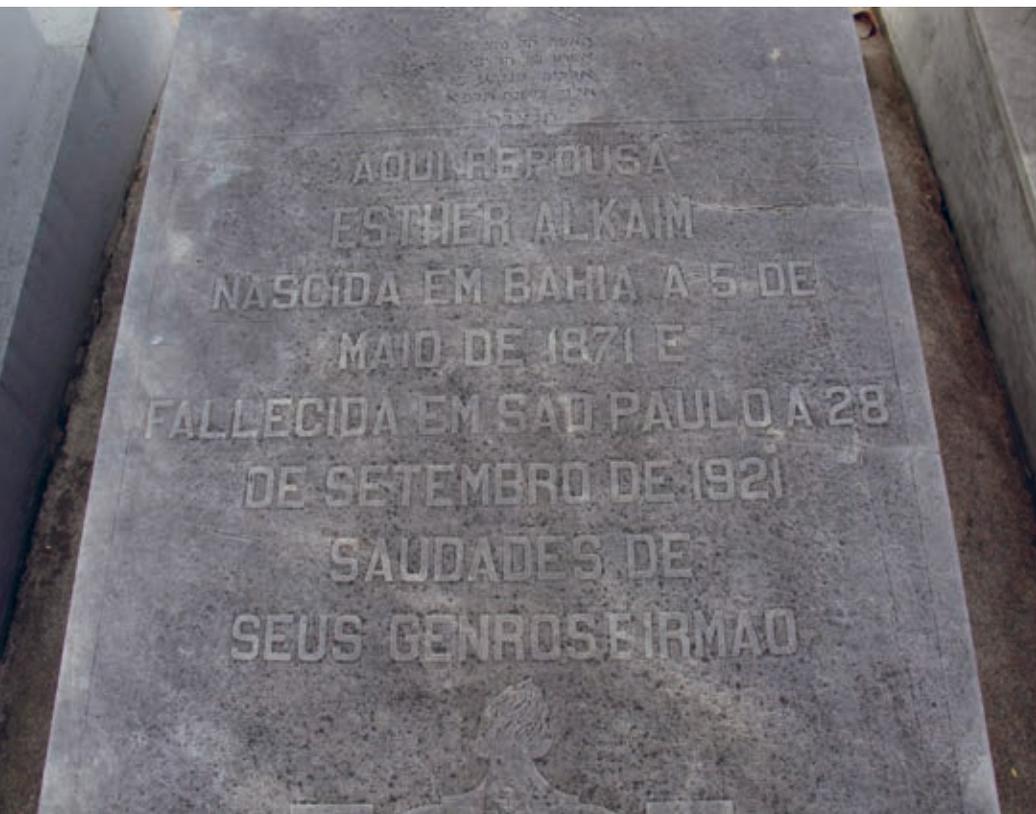
dos descendentes dos *cohanim*, os sacerdotes do Antigo Templo, destruído pelos romanos no século 1. O jarro remete à memória dos descendentes dos *levitas*, que na Antiguidade eram os responsáveis por lavar as mãos dos sacerdotes antes dos serviços e também eram músicos, cantores e guardiões do templo. Ambos os símbolos ocorrem apenas em túmulos de homens, já que esta distinção é exclusiva dos homens. Esta é a única distinção, entre os símbolos, as esculturas, os ornamentos e o formato dos túmulos, entre homens e mulheres.

O simbolismo do livro, remetendo à lei, à religião, ao conhecimento e ao estudo, é muito presente. Também há algumas lamparinas ou urnas, coroa e *shofar*. Existem também símbolos não especificamente judaicos, como o tronco de árvore cortado (desenhado ou como escultura), em geral simbolizando uma

vida jovem interrompida. Outros símbolos frequentes em cemitérios judaicos europeus são, por exemplo, desenhos de animais (galo, carneiro, vaca, ganso, pombo e outros pássaros, carpa e outros peixes), estantes de livros, caixinhas de *tzedaká* (caridade), Arcas da Lei, cenas bíblicas (David tocando harpa, Moisés com as tábuas da Lei), brasões de família, mas nenhum desses símbolos tem registro neste cemitério.

Além dos símbolos, há ornamentos desenhados, especialmente de ramos de plantas e de flores, que são muito comuns em sepulturas judaicas em geral. Folha da palmeira (*Iulav*, broto), *etrog* (cidra), árvores e galhos. Também há desenhos e pequenas composições de linhas e de traços, cantoneiras e molduras. Muitas vezes é preciso olhar atentamente para perceber estes ornamentos, que podem ser muito discretos ou estarem um pouco apagados pela ação do tempo.





3

**Q2 R1 N2** A lápide de Esther (1871-1921), nascida na Bahia, possui inscrição em hebraico, encravada na pedra horizontal, em letras bem pequenas. A referência aos familiares está dividida em duas partes: na pedra horizontal, constam genros e irmão; em uma escultura em forma de livro está escrito: “A inesquecível mãe-zinha / os corações dilacerados / suas filhas e neta”. A sepultura tem ainda desenhos de uma Estrela de David e de uma urna funerária.

A lápide de uma mulher nascida na Bahia remete à imigração e à formação de comunidades judaicas no Nordeste a partir dos anos 1910, em Salvador, Recife e Natal, com a fundação de entidades tais

como sinagoga, escola, cemitério, organizações assistenciais, culturais e políticas. Pequenos núcleos também se estabeleceram em capitais como Maceió, Fortaleza, Aracaju e João Pessoa. Em 1900, depois de Rio de Janeiro e São Paulo, Salvador e Recife estavam entre as cidades mais populosas do País e a intensa urbanização e possibilidades de trabalho atraíam os imigrantes.



## Comunidade judaica na Bahia

---

Em Salvador, uma primeira entidade cultural, Tiferet Sion, foi criada em 1914, depois, a entidade assistencial Achiezer, com uma biblioteca, e em seguida uma sinagoga começou a funcionar em 1924 em uma casa. A comunidade judaica era formada por cerca de 200 famílias. Em 1925 foi estabelecida a Escola Jacob Dinenzon, associada à Sociedade Israelita da Bahia. Na década de 1930 uma segunda escola foi fundada, Ber Borochof, sionista e que priorizava o hebraico, que se distinguia da escola Jacob Dinenzon, também acoplada a uma sinagoga. A escola era de orientação progressiva e idichista (Ber Borochof era um teórico do sionismo marxista, que entendia que para os judeus participarem das lutas sociais tinham que primeiro resolver sua questão nacional e se equiparar aos outros povos, fundando um Estado próprio, onde seriam a maioria de operários e camponeses). É significativo que uma comunidade relativamente pequena mantivesse tal diversidade política e ideológica. Pequenos grupos também se estabeleceram em Ilhéus e Itabuna, na região onde a economia local com base no cacau floresceu, e também nas cidades de Cachoeira, Feira de Santana, Alagoinhas, Bonfim, Petrolina, Juazeiro e Jacobina, ao longo das margens do Rio São Francisco.

## OBSERVANDO A FORMA DOS TÚMULOS



A relativa sobriedade da paisagem do cemitério constitui uma representação coletiva forte de comunidade e uma ideia de igualdade no encerramento da vida, perante Deus e a religião. Quase todas as sepulturas têm uma *matzeivá*, a lápide retangular plana horizontal de pedra, mais ou menos espessa, embora existam algumas poucas campas com um pequeno canteiro gramado, sem a lápide, ou apenas um contorno de pedra ao redor do gramado. Além da lápide de espessura variada na parte horizontal, a sepultura pode ser retangular baixa ou alta (em forma de caixão) e ter uma, duas ou mais camadas ou degraus escalonados, com base inferior

maior ou menor, uma estrutura em dois ou três níveis. A pedra horizontal também pode estar inclinada em relação ao piso.

A maioria das sepulturas tem uma pedra vertical, a estela, com dimensões variadas na altura e na largura, mas em geral bem menores, em dimensão, que as lápides horizontais. A pedra vertical pode ter formas diferentes de escultura ou ser ela mesma uma escultura, por exemplo, com colunas e o formato de um pequeno templo; há também obeliscos, que são formas comumente encontradas em cemitérios públicos.

Algumas sepulturas são pequenas “capelas”. Neste cemitério há cerca de 25 delas, mais da metade de mulheres.

Sobre os materiais, todas as sepulturas são de pedra, em sua maioria de mármore, granito ou misturas. As cores variam entre preto, branco, cinza e outros. Há também alguns túmulos de outras pedras.

Do ponto de vista da forma das sepulturas, não existe uma tradição única nos cemitérios judaicos. As regras são definidas pela Associação Cemitério Israelita de São Paulo e a partir dos anos 1950 passou-se a padronizar cada vez mais. Mas não são regras religiosas no sentido estrito. Uma visita

aos cemitérios do Butantã ou Embu mostra a diferença visível (mas existem também semelhanças) entre os padrões dos cemitérios. Uma parte da variedade provavelmente advém dos padrões tumulares que os imigrantes trouxeram de suas comunidades de origem e também de características dos cemitérios paulistanos, abertos na segunda metade do século 19 e começo do 20, inclusive porque eram os mesmos artesãos e mestres que faziam as sepulturas, com os materiais localmente disponíveis, e esses padrões se generalizavam.



4

**Q2 R1 N3** Ao lado de Esther está a sepultura de Gitel, que faleceu em 1921 aos 53 anos. O texto em hebraico esculpido em alto relevo na pedra horizontal chama a atenção pelo trabalho artesanal. Gitel era filha de Nathan Tabacow. Em diversas sepulturas, além do trabalho de escultura das letras, em alto ou baixo relevo, as inscrições têm diferentes tipologias (desenho das letras) tanto em português como em hebraico, às vezes reproduzindo letra cursiva. Algumas vezes, uma tipologia diferente está em destaque e compõe o aspecto ornamental da lápide.



O texto em português está na pedra vertical: “Aqui repousa em paz a pranteada”, forma comum em cemitérios públicos na mesma época. Em hebraico, é frequente a presença das letras hebraicas *פ* (*pei*) e *נ* (*nun*), iniciais de *Po Nitman*, “aqui jaz”, antes do nome do falecido ou próximas à Estrela de David ou mesmo dentro dela.

Da mesma forma que “Aqui repousa”, o termo “Aqui jaz” também era comum em cemitérios públicos na época, assim como “Aqui é a eterna morada”, “Aqui perpetua-se”, “Aqui poussa”, “dorme”, “descansa”, “jazem os restos mortais de”, “Aqui jaz o corpo de”, formas que também foram adotadas em cemitérios judaicos.

Na sepultura ao lado, de Augusta, o texto em hebraico está na pedra vertical e a inscrição em português na horizontal, indicando a variação possível entre as sepulturas.

Na seguinte, de outra falecida também de nome Esther, a sepultura tem desenhos de uma urna funerária, da Estrela de David e ornamentos com motivos florais. Não tem pedra vertical, o que reforça a diversidade das primeiras sepulturas em 1921 e 1922, logo após a abertura do cemitério.

## TEXTOS E EPITÁFIOS: PALAVRAS DE MEMÓRIA E HOMENAGEM

As inscrições de texto, às vezes gravadas em alto ou baixo relevo na pedra, lembram os falecidos e foram escritas para serem lidas pelos familiares e amigos que visitam as sepulturas. Estas inscrições se dividem basicamente em informações mais objetivas e factuais sobre o falecido, com alguns padrões, e outras frases em parte com certos padrões e tradições, em parte mais pessoais e subjetivas, com alguns exemplos muito singulares e tocantes que conheceremos nos roteiros, enfatizando, por exemplo, o quanto a morte foi repentina, o quanto a pessoa era jovem, o quanto os que ficaram o amavam. Podemos ler estes textos como pequenas bênçãos aos falecidos, mesmo com poucas palavras e de forma sintética. Em muitos casos, sem um texto específico, a memória, o amor, a saudade, podem ser evocados pela simples referência ao nome do falecido.

Todas as sepulturas têm informações sobre o falecido, em português e em hebraico (eventualmente em outras línguas). É tradição escrever o nome completo do falecido na língua do país, muitas vezes acompanhado de outras informações como data e local de nascimento (cidade, região, país), o que pode ser destacado em exemplos como “de Piracicaba” ou “de Yedenitz, Bessarábia”, reforçando seja

o enraizamento local seja o percurso imigrante.

Do final dos anos 1940 em diante, a inscrição nos túmulos tendeu a ser cada vez mais padronizada. Em 1954, quando foi aberto o cemitério do Butantã, a Associação Cemitério Israelita decidiu que as inscrições sobre as sepulturas deveriam conter, em caracteres hebraicos, o nome do falecido e do respectivo pai e data do falecimento, mesmo que estivessem gravadas em português.

Além das informações mais objetivas, pode-se escrever um texto em português, como se pode observar e ler em muitas sepulturas. Em algumas está escrito “saudades”. É bonito pensarmos que, desde os primeiros sepultamentos nos anos 1920 os familiares incorporaram o uso de uma palavra tão expressiva no português para designar sua relação com a memória do falecido. Há informações objetivas e textos também em outras línguas, tais como ídiche, alemão, italiano ou húngaro, enfatizando uma identidade cultural mais específica.

Nos textos em hebraico, que vemos em geral na pedra vertical, é comum constar o nome do falecido e do pai, com as datas de nascimento e falecimento escritas com o valor numérico das letras hebraicas (a primeira letra, Aleph, é 1, Beit é 2 e assim por diante). É comum haver menção ao parentesco dos familiares >



que permanecem, em geral à família nuclear: maridos/esposas, filhos/filhas, pais/mães, irmãos/irmãs e, muito menos comum, avós, tios, sobrinhos ou netos.

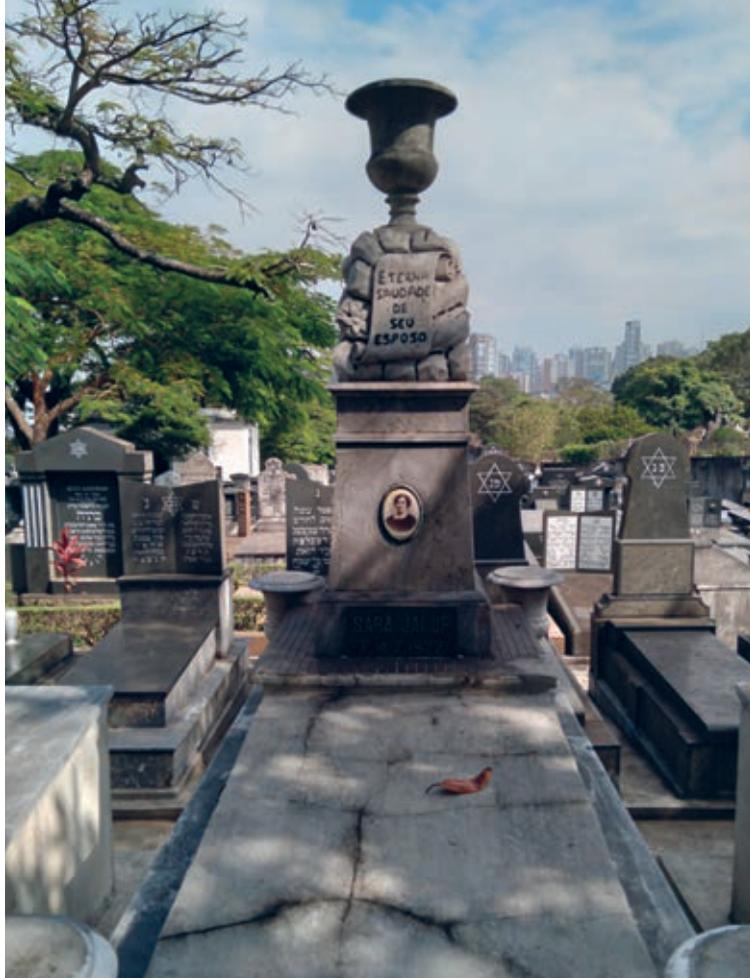
Também é comum encontrar, além das letras iniciais em hebraico para *Po Nitman* (Aqui jaz), as letras iniciais de *Tehi Nishmató Tzurá Bitzror Hachaim*, ת.נ.צ.ב.ר., que significa “*Que sua alma tenha sido acolhida na corrente da vida eterna*”. Ao longo do roteiro, vamos ler algumas destas inscrições e comentá-las. Além disso, há algumas frases genéricas, tais como “Ó Eterno Deus nosso, tem misericórdia com as almas de todos os israelitas falecidos. Dá-lhes repouso, compadece-te e as coloca na mansão da vida eterna, dá-lhes paz, misericórdia e perdão”.

E é comum se inscreverem em hebraico versículos bíblicos e pequenos trechos que lembram e exaltam qualidades pessoais do falecido em relação à família, como marido/esposa, pai/mãe, irmão/irmã, amigo exemplar.

Também em relação à força da fé, à bondade, às boas ações, generosidade, caridade, sabedoria, inteligência, ao senso de justiça, à honradez, honestidade, ao conhecimento e comprometimento com a Torá, o judaísmo, o próximo e a comunidade. Às vezes constam informações mais específicas sobre o falecido, alguma obra social que tenha realizado. Frases que destacam que dedicou a vida a Deus, ao trabalho, à caridade, à religião, à filantropia, à benemerência. Também é comum se escrever “*peessoa importante*”, no sentido de honrado em sua comunidade e que trabalhou pelo coletivo.

As menções acima valem para homens e mulheres, mas no caso de mulheres podem constar também qualidades como virtuosa, venerada, abnegada, esposa exemplar, esposa dedicada, mãe que amava os filhos, símbolo de amor, compreensão, bondade e caridade, fé e resignação, praticante e conhecedora de sua religião, pureza, doçura. Neste cemitério temos uma variação significativa desses textos. Esses dizeres são ao mesmo tempo genéricos e individuais, são como bênçãos finais, que, com pequenas variações, são inscritos nas sepulturas.

Alguns símbolos ou referências, em alguns poucos túmulos, ao trabalho do falecido, são as únicas que lembram algum aspecto da vida material do falecido, não é costume colocar qualquer alusão à riqueza ou posse de bens. Os dizeres, como vimos acima, lembram e enaltecem valores éticos e morais, o estudo e a dedicação em prol da comunidade.



5

**Q2 R1 N6** A sepultura de Sara, mulher falecida em 1922, se sobressai por uma escultura de pedras com uma taça ou vaso acima com a inscrição “Eterna saudade de seu esposo”. Na base da escultura, uma foto da falecida. Nos quatro cantos, quatro vasos ornamentais cujos orifícios estão fechados. Uma das primeiras sepulturas deste cemitério mostra a liberdade com que os familiares, no caso o marido, escolhiam a forma que lembraria a companheira falecida. Também indica, de alguma maneira, que, desde o início da formação da comunidade judaica e abertura do cemitério, sepulturas de mulheres podiam se sobressair no conjunto dos túmulos.

## FOTOGRAFIAS: OS ROSTOS DE UMA IMIGRAÇÃO



Dezenas de túmulos têm fotografias, homens, mulheres, jovens e crianças. Ao olharmos de perto as fotos, há nos rostos marcas da trajetória pessoal, pelo olhar – altivo, tímido, envelhecido ou cheio de esperanças –, pelas longas barbas brancas ou rostos ainda imberbes, cabelos cobertos com pudor ou cuidadosamente penteados, mas também pelas roupas simples de imigrantes recém-chegados ou acessórios elegantes de quem realizou o sonho de ascensão social. Fotos tiradas ainda na Europa ou no Brasil. Ao olharmos essas fotos, imaginamos as pessoas e pensamos nesta escolha da imagem que ficou de cada uma delas.

Esse costume de colocar fotografias, incomum em cemitérios judaicos, provavelmente seguia um modelo utilizado, até hoje, em alguns cemitérios públicos. Em frente ao Cemitério da Vila Mariana funciona uma loja que vende fotos e molduras para os túmulos do cemitério municipal. O que hoje parece quase um tabu, e não tem nenhuma ocorrência nos cemitérios do Butantã e do Embu, era, de fato, costume bastante popular nos sepultamentos judaicos em

São Paulo até os anos 1940. O Cemitério Israelita de Cubatão, dos anos 1920, também possui muitas fotografias.

A colocação de fotografias nos túmulos foi proibida pela Associação Cemitério Israelita de São Paulo em 1949, após três décadas sem restrição, em um movimento de padronizar os túmulos, que ocorreu a partir da contratação do rabino David Valt, que considerou inadequado o seu uso em sepulturas.

É importante destacar que comunidades judaicas de diferentes lugares, e mesmo na mesma comunidade, mas de origens diferentes, têm costumes diferentes e essas diferenças aparecem de forma mais marcante justamente em momentos significativos do ciclo da vida. Cabe à comunidade e à Associação Cemitério encontrar o equilíbrio entre a padronização das sepulturas e o desejo de algumas famílias de fazer algo original e diferente, já que a Associação zela por um conceito de discrição e certa uniformidade nos túmulos, uma forma de não diferenciar as pessoas por posses, fama, poder e assim por diante. E, mais do que tudo, a Associação cuida do cemitério como uma organização comunitária.



**6** **Q2 R1 N7** Faleceu “com 90 anos de idade”, destaca o epitáfio desta sepultura de “D. Lea”, que faleceu em 1922 com uma idade fora do comum e muito acima da expectativa de vida naqueles anos. É, possivelmente, uma das pessoas com o ano de nascimento mais antigo neste cemitério, 1832.

Quando o cemitério foi fundado, na década de 1920, a expectativa de vida ao nascer no Brasil era de apenas 35 anos, passando para 37 anos e 43 anos nas décadas seguintes. Atualmente é de cerca de 72 anos. Por isso, vemos tantas pessoas relativamente jovens sepultadas. Pode ocorrer também de a idade ser mencionada por se desconhecer a data exata do nascimento e, neste caso, a informação da idade no momento da morte serve como referência.



**7** **Q1 R1 N8** Na sepultura de Paulina (1892-1923), a estela tem um desenho em baixo relevo de uma paisagem, com pedras e ramo de palmeira, em que há uma árvore quebrada, indicação de uma vida interrompida jovem ou subitamente.

O túmulo ao lado, de Elisa, foi parcialmente restaurado.

**8** **Q2 R2 N10** Sepultura de Chana, mulher imigrante nascida em 1866 e falecida em 1923 com uma escultura vertical em forma de obelisco, composta por cinco pedras de dimensões diferentes, espécie de torre, e ladeada por dois vasos, embora não seja costume levar flores ao cemitério ou mandar corbélias, coroas e outros arranjos florais em velórios e enterros judaicos. Vimos muitas sepulturas de mulheres. Aliás, a rua inteira, com uma exceção, tem apenas túmulos de mulheres.

► *Continuando até o muro, descemos duas ruas, até a R3, parando nos túmulos N45 e N46.*



## VELAS E PEDRINHAS: PRESENÇA NA AUSÊNCIA



É costume judaico acender velas em memória de falecidos. Em algumas sepulturas pode-se observar caixinhas de metal atrás dos túmulos para que se acendam as velas dentro delas. Hoje estão disponíveis na entrada caixas de metal que podem ser colocadas próximas ao túmulo enquanto as velas estão acesas, sendo retiradas em seguida, facilitando a limpeza e evitando acidentes com fogo.

Também é costume colocar uma pedrinha em cima da sepultura visitada, marcando que a pessoa foi lembrada, por isso existem recipientes com pedrinhas espalhados pelo cemitério. O mais frequente é a visita nos aniversários de falecimento, chamados em ídiche de *yurtsait*. Mas familiares e amigos

evidentemente podem visitar sempre que quiserem ou sentirem saudades, excetuando os dias de feriados religiosos, nos quais não se visita os cemitérios, conforme informado no site da Associação Cemitério. Não é costume levar flores ou objetos para deixar junto aos túmulos.





## ESCUPTURAS

**D**a mesma forma que o formato das sepulturas, os símbolos, os ornamentos, os epitáfios e as esculturas compõem uma sepultura para lembrar o falecido, foram escolhidas pelos familiares e amigos como o que deve representar a vida e a lembrança do falecido (pode ser que o falecido tenha manifestado alguma vontade nesta escolha).

Além das pedras horizontal e vertical, em suas diversas dimensões e formas de apresentação, muitos túmulos têm esculturas, que podem ser visíveis ou muito pequenas e discretas. Nem sempre é simples definir onde termina a pedra tumular e começa a escultura. Por exemplo, um túmulo que tem apenas

uma pedra vertical, como um monólito, que é uma escultura, ou uma única pedra horizontal, mas inteiramente bruta, sem nenhuma superfície lisa, ou duas sepulturas em forma de livro, que são, de fato, túmulos-esculturas.

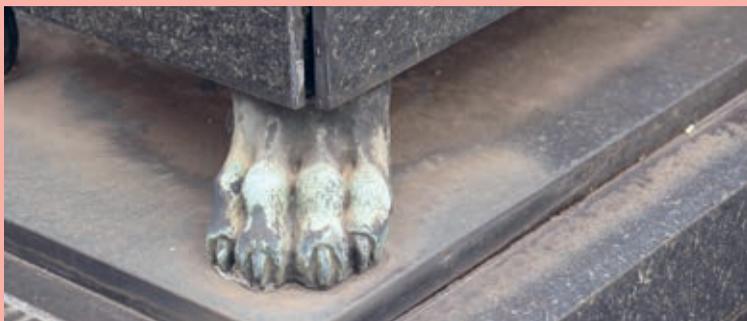
A maioria das esculturas está no lugar da pedra vertical, sobre ela, ou sobre a pedra horizontal. No caso da pedra vertical há muitos casos em que, sobre ela ou no lugar dela ou na frente dela, existe uma construção ou escultura em forma de “templo”, que lembra o antigo Templo de Jerusalém, com colunas laterais e um arco ou que remetem ao *Haron Hakodesh*, o armário onde se guarda o livro da Torá na sinagoga.

O livro é um símbolo bastante frequente neste cemitério. Eles aparecem dentro das esculturas de “templos”, sobre a lápide, nas pedras verticais, com a escultura de um livro aberto, que tanto pode simbolizar a Torá como os Dez Mandamentos, a Lei, a tradição. Podem remeter também ao conhecimento, ao estudo e à sabedoria. Em alguns túmulos a própria estela é em forma de livro.

Além disso, existem algumas construções em forma de obeliscos, que são frequentes nos cemitérios públicos da mesma época. Também há algumas torres com pedras escalonadas. Existem esculturas com símbolos judaicos, como Estrelas de David de pedra em cima da estela e algumas pequenas e singelas esculturas estão sobre a pedra horizontal,

como uma rosa ou as mãos que simbolizam um *cohen*.

Há algumas esculturas de árvore ou tronco ou coluna cortada, interrompida, simbolizando a interrupção e a finitude da vida, especialmente em túmulos de pessoas que faleceram jovens ou quando estavam começando a vida ou um casamento ou uma família. Estas esculturas podem aparecer também como símbolos desenhados. Existem ainda algumas esculturas absolutamente originais, singulares e inusitadas, projetadas e construídas especialmente para um determinado túmulo. Vamos conhecer na visita. E o cemitério tem quatro efigies. Não há esculturas de anjos, tão comuns nos cemitérios públicos e católicos.





9

**Q2 R3 N45 e N46** A exemplo de outras sepulturas deste setor da Q2, estas duas (foto na p. 48) são de um casal sepultado lado a lado, padrão que se tornaria depois muito comum. Neste caso, Anna (1868-1923) e Luiz (1860-1928). Com o falecimento de um dos cônjuges é possível reservar o espaço ao lado.

► *Seguindo na mesma rua, vemos outro exemplo de túmulo de um casal, nos N39 e N39A.*

10

**Q2 R3 N39 e N39A** As lápides do casal Guita e José Mindlin são pequenas e discretas, com um canteiro gramado e um jasmim. Com um toque pessoal e intimista, na lápide de José Ephim Mindlin está escrito: “Não faço nada sem ALEGRIA (Montaigner Deslivies)”, com a assinatura dele. Na de Guita Kauffmann Mindlin, está escrito em letra manuscrita: “Muitos anos / poucos anos / vida curta / muito amor”, com a assinatura dela.

Em um cemitério com sua maioria de sepulturas de pedra, a sepultura com o pequeno gramado lembra os cemitérios-jardins. A legislação permitiu cemitérios privados e religiosos a partir de 1951 e foi nos anos 1970 que começou o conceito de cemitérios-jardins, que têm entre os mais conhecidos os do Morumbi (1970) e Getsêmani (1971). No Cemitério Israelita do Butantã, aberto em 1953, foi inaugurada uma quadra-jardim nos anos 1980 e o cemitério do Embu, de 1998, foi concebido de acordo com este conceito.

O casal Guita e José Mindlin se tornou conhecido por sua biblioteca e coleção de livros e manuscritos raros. A Brasileira, sobre temas brasileiros, de história a biologia, é considerada uma das





mais importantes coleções particulares do gênero, com 32 mil títulos, e foi doada à Universidade de São Paulo (USP), dando origem em 2006 à Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM).

José Mindlin nasceu em São Paulo em 1914, filho do casal de imigrantes ucranianos Ephim e Fanny Mindlin (p. 85), também sepultados nesse cemitério. Apaixonado pela leitura, começou a trabalhar como jornalista com apenas 15 anos na redação do jornal *O Estado de S. Paulo*. Estudou na Faculdade de Direito da USP, formando-se em 1936 e trabalhou como advogado por 20 anos. Foi no Largo de São Francisco que José conheceu Guita Kauffmann, com quem viria a se casar. Nascida em São Paulo em 1916, Guita se formou em Direito em 1940, mas nunca exerceu a profissão.

Em 1950, José Mindlin foi um dos fundadores da Metal Leve, fabricante de pistões e bronzinas utilizadas nos setores automobilístico e aeronáutico e que se tornou referência de inovação durante o processo de industrialização patrocinado pelo governo do presidente Juscelino Kubitschek. Industrial e bibliófilo, José Mindlin recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* pela USP, foi Secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo e, em 2006, eleito para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Escreveu, entre outros, *Uma vida entre livros: Reencontros com o tempo* (2008) e *No mundo dos livros* (2009).

Guita compartilhava com José a paixão pelos livros e se dedicou à conservação da coleção que formaram ao longo da vida. Em 1988, ela foi uma das fundadoras da Associação Brasileira de Encadernação e Restau-ro (Aber), que reúne profissionais ligados à conservação e ao restauro de livros, documentos impressos e manuscritos e à encadernação artesanal. A união entre o casal completava quase 70 anos quando Guita faleceu em 2006; José Mindlin faleceu quatro anos depois, em 2010.

► *Continue até a Alameda 1, desça uma rua e observe o primeiro túmulo no início da R4.*

11

**Q2 R4 N49** Essa sepultura de Berta, falecida em 1925, se destaca na paisagem e tem uma estela que é uma torre com cinco pedras, de dimensões, alturas e tonalidades diferentes.

► *Desça pela Alameda 1 até a R5 e entre à direita até os túmulos N68 e N69.*



12

**Q2 R5 N68** Bertha Kogan (1912-1998), jornalista, fundadora e editora da *Revista Brasil-Israel*, era irmã de Samuel Wainer. A revista, lançada em 1949, um ano após a fundação do Estado de Israel, foi durante décadas uma publicação que promovia e destacava as relações e o intercâmbio político, social, cultural e científico entre os dois países.





13

**Q2 R5 N69** Sepultura de Leonardo (1917-1934), nascido em Pouso Alegre, Minas Gerais, falecido jovem. A placa lembra que, apesar da pouca idade, 17 anos incompletos, ele era estudante de medicina.

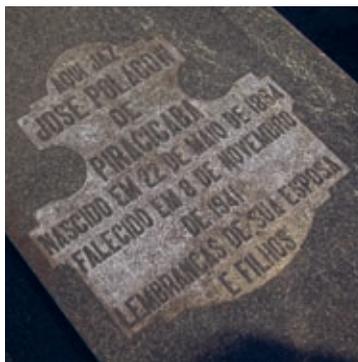
► Voltando pela mesma rua até a Alameda 1, desça para a rua seguinte, R6, e ande até o número 89.

14

**Q2 R6 N89** Nessa sepultura, com uma estela alta que se destaca na paisagem, vê-se o nome do falecido, José (1894-1941), e a origem: “de Piracicaba”.

Muitos dos imigrantes recém-chegados foram para o interior de São Paulo, da mesma forma que no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Amazonas, Pará e outros estados, seguindo as rotas de trabalho e oportunidades de comércio.

A referência “de Piracicaba” indica uma forte identidade com



a cidade, orgulho de ter ali nascido ou fincado raízes. A sepultura tem uma pedra vertical ladeada por duas colunas que parecem velas e, em cima, um círculo com a Estrela de David e dentro dela a fotografia.

► *Volte pela mesma rua, passe para a rua de baixo, R7, siga até o N100.*

15

**Q2 R7 N100** A coluna interrompida simboliza de forma marcante uma vida jovem interrompida pela morte precoce. Aqui, foi a vida de Sarah (1910-1932), de 22 anos, com uma família recém-formada, casada e com filhos, como mostra a inscrição na lápide.

► *Desça uma rua, até a R8, e vire à direita para observar os túmulos N114 e N117.*



16

**Q2 R8 N117 e N114** Dois túmulos em forma de pequenas capelas, sólidas, com o interior preenchido e sem entradas, as sepulturas de duas mulheres chamam a atenção. Embora se pense que capelas são destinadas a rabinos ou reconhecidos estudiosos da religião, é interessante observar que algumas das capelas neste cemitério são de mulheres.

Uma é Nessia e na parte de trás da capela pode-se ler que ela era “Cognominada mãe da escola Beth-Jacob por tê-la construído para pobres / Britcevo (Bassarabia) 13-3-1877 / falecida a 6-11-1940 / Saudades do seu esposo, filha e netos”. Assim, capelas podiam ser erguidas como reconhecimento à benemerência e trabalho em prol da comunidade e dos seus inte-





grantes mais necessitados. A outra sepultura próxima em forma de capela é a de Sure (1898-1936). “Recordações de seu esposo filhos e paes”, sendo que o texto em hebraico destaca que ela e sua família realizavam boas ações.

Uma das características marcantes é que os túmulos, neste cemitério, não exibem marcas de riqueza. É claro que há dezenas, centenas, de lápides mais simples, sem ornamentos, um modelo mais básico de sepultura, e existem, como veremos, sepulturas mais elaboradas com esculturas e as pequenas capelas. Mas as capelas e algumas das sepulturas mais vistosas trazem, como vimos, informações sobre a atuação dessas pessoas em prol da comunidade e das instituições e do seu conhecimento em judaísmo, mas não de riqueza. Neste sentido, mesmo sepulturas de importantes empresários, como veremos, estão entre as mais discretas deste cemitério, onde o valor destacado é outro.

► Voltando para a Alameda 1 e descendo um pouco mais, até a altura das R9 e R10, vemos um pequeno conjunto relativamente

uniforme de sepulturas (foto acima) que têm na pedra vertical uma escultura de livro. Entrando na R9 chegamos ao N132.

## O RITUAL DE PREPARAÇÃO DO CORPO

O ritual fúnebre judaico trata com muita dignidade e respeito o corpo. A Associação Cemitério Israelita de São Paulo, conhecida em hebraico como Chevra Kadisha (“Sociedade Sagrada”), além de administrar os cemitérios, se encarrega dos rituais referentes ao falecimento e ao enterro, entre eles a manutenção de um grupo de pessoas que realizam a *tahará* (banho ritual antes do enterro), considerada uma *mitsvá*, mandamento ético, de extrema importância, que os vivos oferecem aos mortos sem esperar qualquer gesto de reconhecimento ou gratidão.

No ritual de preparação do corpo antes do sepultamento, este é lavado e envolto em um lençol (ou “mortalha”, em geral de linho branco). No judaísmo, os

corpos não passam por nenhum processo de maquiagem ou embalsamamento ou tampouco são vestidas com roupas além do lençol. É costume colocar nos homens o *talit*, o xale ritual usado em cerimônias religiosas.

O caixão é sempre fechado e assim permanece durante todo o velório. Nos cemitérios do Butantã e Embu, existe uma construção para o velório e é tradição se rezar antes de levar o caixão para o sepultamento. É também comum que familiares e amigos falem sobre o falecido. Um rabino ou cantor litúrgico, *chazan*, conduz a cerimônia. Os familiares enlutados próximos cortam simbolicamente um pedaço da roupa, em geral da blusa ou camisa. Depois, um curto cortejo, mesmo dentro do cemitério, acompanha o caixão até o local do sepultamento.

18

**Q2 R9 N132** Esta espessa lápide é a sepultura de Abrahão, nascido no Amazonas, como destaca a inscrição, falecido em 1944. A presença judaica no Norte e na Amazônia começou nos anos 1820 e Belém se tornou a primeira comunidade judaica do País, desde a comunidade em Pernambuco, no século 17, período colonial, que existiu durante a ocupação holandesa (1630-1654). Em Belém, foram erguidas nos anos 1920 e 1930 as sinagogas Essel Abraham e Shaar Hashamaim. Na verdade, eram casas de oração, já que, segundo a Constituição de 1824, não podia haver forma exterior de templo para nenhuma religião fora o catolicismo, religião oficial.



A existência de duas casas de oração em Belém, uma comunidade pequena, se devia a diferenças culturais. De um lado, frequentavam a sinagoga Essel Abraham os oriundos da zona espanhola do Marrocos, de Tânger, de Tetuán, de Ceuta, sefaradim descendentes da

Península Ibérica, que falavam espanhol, ladino ou hakitia. Frequentavam a sinagoga Shaar Hashamaim os judeus-árabes que viviam há séculos na região norte da África, do Marrocos árabe (e berbere), de Fez, Rabat, Marrakesh, da Argélia, e também judeus associados à França e à zona inglesa do Gibraltar, que falavam árabe e francês.

Essas diferenças implicavam em línguas diferentes na conversa diária, mas também em livros de reza, cantos e liturgias diversas. As demais entidades, inclusive o cemitério, eram comuns. O Cemitério Judeu da Soledade, anexo ao Cemitério da Soledade, foi estabelecido em 1842. No Pará, além dos cemitérios de Belém, há cemitérios israelitas nas cidades de Cametá (76 sepulturas), Óbidos (15 sepulturas), Santarém (42) e Itaituba (12). Havia uma mobilidade dos judeus marroquinos, no século 19, entre a Amazônia e o Rio de Janeiro, e um núcleo fundou a União Israelita Shel Guemilut Hassadim.

Cerca de mil famílias, com um número estimado em cinco mil pessoas pelo geógrafo Samuel Benchimol, a maioria do Marrocos, imigrou para Belém, Manaus e outras cidades da Amazônia entre 1810 e 1910, incluindo os anos mais intensos do ciclo da borracha. Benchimol estima em dezenas de milhares os descendentes dos imigrantes judeus, que eventualmente guardam traços de memória judaica. Em seu livro *Eretz Amazônia*, Benchimol chama a Amazônia de a “nova Canaan da Seringa”. Primeiro foram atraídos pelas chamadas “drogas” do Sertão, depois pelo “El Dorado da borracha”, e foram viver também em Porto Velho, Rio Branco, Ilha de Marajó e no Peru.

A comunidade judaica de Manaus tem uma história posterior à de Belém. Após 1870 chegaram a Manaus cerca de 50 a 100 famílias de

judeus franceses, alemães e ingleses. No final do século 19 chegaram judeus da Turquia, Líbano, Síria e Egito. Depois vieram cerca de 100 famílias de judeus da Alemanha, Polônia e Europa Oriental. Mas em Manaus foi apenas na década de 1920 que se organizaram instituições, ao final do ciclo da borracha e com a migração para a capital de pessoas do interior. O Cemitério Judeu de Manaus foi estabelecido em 1928 em terreno contínuo ao Cemitério São João Batista.

► *Volte para a Alameda 1 e siga até o Memorial.*

## O ENTERRO

Seguindo a tradição bíblica da matriarca Sara, esposa do patriarca Abraão, que foi enterrada dentro de uma caverna comprada especialmente por Abraão, os sepultamentos são realizados em covas embaixo da terra. Depois Abraão foi sepultado junto de Sara. Esta é a principal referência na Torá, a Bíblia judaica, ao tema do sepultamento e se tornou uma lei. Na religião judaica, a cremação não é permitida e a exumação ou traslado de sepultura é autorizada em casos excepcionais (há neste cemitério algumas sepulturas trazidas de outros cemitérios, como veremos).

O ritual do sepultamento tem orações, é costume o oficiante das rezas falar algumas palavras sobre o falecido e outras pessoas podem falar também (mesmo que se tenha falado no velório). É tradição que familiares e amigos joguem terra na sepultura, simbolicamente, para ajudar

a fechar a sepultura. É tradição que um rabino ou um *chazan*, cantor litúrgico, realize a cerimônia de sepultamento, mas isso não é necessário, basta alguém que conheça o ritual e as rezas, como os Salmos e o *Kadish*.

O sepultamento é sempre realizado durante o dia. Se o falecimento ocorrer à noite, espera-se até o dia seguinte. A família pode esperar um ou mais dias a chegada de parentes que morem em outros locais. É costume a família e amigos próximos velarem o falecido sem deixar o caixão só. Tampouco se sepulta no *shabat*, sábado e em alguns dias de festas religiosas. O calendário de dias de restrição está sempre disponível no site da Associação Cemitério. Antes de sair do cemitério, há o costume de se lavar as mãos, por isso há torneiras especialmente colocadas junto à saída do cemitério.



19

**Casa de Tahará/Memorial** No final da Alameda 1, que parte do portão, se encontra o Memorial, antiga Casa de *Tahará*, o local onde o corpo era lavado e preparado para o enterro. O ritual de lavagem não é mais realizado aqui, já que o cemitério está quase inteiramente completo e o número anual de sepultamentos é mínimo. Assim, a casa foi transformada no Memorial do Cemitério Israelita da Vila Mariana, onde é possível aos visitantes conhecer um pouco da história do próprio cemitério, da comunidade judaica e dos outros cemitérios judaicos paulistas.

## GENIZÁ

Cemitérios e sinagogas têm, muitas vezes, uma *genizá*, um local específico para depositar livros e manuscritos religiosos ou objetos rituais, como *talitim* e *tefilim*, quando já não são utilizáveis. A ideia é a de que estes livros e objetos, que contêm o nome de Deus, devem receber esta deferência. O cemitério do Butantã possui, mas não há registro de que o da Vila Mariana

possuísse. As antigas *genizot*, nas quais os livros foram preservados por terem ficado fechados, acabaram se tornando também verdadeiros arquivos e bibliotecas. A mais célebre delas é a *Genizá* de uma antiga sinagoga do Cairo. Importantes bibliotecas judaicas mantêm coleções de *genizot*, entre elas as de Cambridge e a da Jewish Theological Library, em Nova York.



## O RITUAL DO LUTO

Existe, em geral, um calendário de luto (*shivá*, que vem de *sheva*, sete em hebraico), com ciclos de uma semana, um mês (*shloshim*, trinta em hebraico) e um ano. Na primeira semana, é costume a família ficar em casa e receber parentes e amigos, que fazem companhia, apoiam e rezam juntos as orações da manhã e da noite. Não há o costume de vestir preto.

Após essa semana, no primeiro mês, volta-se parcialmente ao trabalho e à vida normal. O judaísmo sugere que a vida deve ser retomada após um período de luto, em sua maior parte

após uma semana ou um mês. Após um mês, em geral se reza no cemitério (a cerimônia dos *shloshim*) e após um ano é tradição inaugurar o túmulo, ou seja, a *matzeivá*, lápide com a inscrição, mas isso são costumes, não regras. Existem famílias que inauguram o túmulo após um ou poucos meses. Existem tradições específicas (e diversas referências no Talmud) do que fazer ou não em cada período e a adesão a cada uma delas depende de cada pessoa e da sinagoga ou corrente religiosa ao qual cada um é filiado ou não.

## VISITAR O CEMITÉRIO E REZAR PELOS MORTOS

**T**radicionalmente, após a inauguração do túmulo, no dia do aniversário do falecido (chamado em ídiche de *yurtsait*) acende-se uma vela de 24 horas (ou lamparina elétrica) em casa. Também é costume visitar as sepulturas nesse dia. Com exceção do sábado, o *shabat*, e alguns dias do calendário religioso que a Associação Cemitério divulga em seu site, a visita é livre e há pessoas que vão com mais frequência. A visita não é um ritual codificado, é uma opção de familiares e amigos.

A memória dos mortos é intrinsecamente presente no cotidiano da tradição e da religião judaica. Os mortos em eventos históricos são lembrados em inúmeras datas do calendário, incluindo o Dia da Destruição do Antigo Templo (Tishá beAv) e o Dia em Memória do Holocausto.

Existe uma oração, o *kadish* (literalmente, sagrado), escrito em aramaico, que é recitado pelos enlutados nos serviços religiosos diários e no calendário de festas religiosas ao longo do ano – seja em uma versão integral ou reduzida. Assim, a memória dos mortos é presente diariamente, mas com a peculiaridade de que o *kadish* é um hino de louvor a Deus e de esperança

pelo estabelecimento do Reino de Deus, tempos messiânicos de ressurreição dos mortos e de justiça e paz. Embora seja uma reza dos enlutados, o *kadish* não tem a palavra morte e nem se refere diretamente aos mortos.

O judaísmo reconhece que, após a morte física, tem início uma jornada espiritual para a alma. A visão judaica explica a morte como uma passagem deste mundo de ações e construções para a espiritualidade eterna.

O judaísmo não tem uma autoridade central e uma doutrina única e, assim, não existe somente uma concepção sobre o que ocorre após a morte. A religião judaica é dividida em grandes correntes organizadas, ortodoxos, liberais e reformistas e existem também correntes laicas.

Em geral, acredita-se em almas, que elas continuam vivas, seja de forma mais individual e direta seja de forma mais coletiva e figurada. Existe também a ideia de que, com a vinda do messias (ou nos tempos messiânicos), vai ocorrer uma ressurreição de todos (por isso não se move cemitérios de lugar) ou um tempo de paz e justiça para a Humanidade. Não existem as ideias de paraíso, purgatório e inferno, e de reencarnação.

## CEMITÉRIO ISRAELITA DE CUBATÃO

Como se pode conhecer no Memorial, a Associação Cemitério Israelita de São Paulo mantém os quatro cemitérios paulistas, entre os quais o Cemitério Israelita de Cubatão, fundado em 1922 dentro do cemitério municipal quando a cidade era um distrito de Santos, onde estabeleceu-se uma comunidade judaica a partir dos anos 1910 e 1920. Quem criou o cemitério foi a Associação Beneficente e Religiosa Israelita de Santos (Abris), entidade social, assistencial e funerária de mulheres judias que trabalhavam como prostitutas, conhecidas como “polacas”. Com a instalação de uma Refinaria da Petrobras, o cemitério municipal (e o israelita) foi transferido no início dos anos 1950 para o local atual (Cubatão se emancipou como cidade em 1949).

O Cemitério Israelita de Cubatão é pequeno, com um total de 75 sepulturas, a maioria de mulheres originárias da Europa Oriental, Polônia e Rússia. A sepultura mais antiga é de 1924 e o último sepultamento se deu em 1966. Com o encerramento da Abris, o cemitério ficou abandonado.

Em 1996, a Associação Cemitério Israelita decidiu assumir a sua manutenção e começou uma obra de restauração, com o apoio da prefeitura de Cubatão. Em dezembro de 1997, 30 anos depois do último sepultamento, foi realizada a cerimônia que marcou a preservação do local. Em 2010, o cemitério foi tombado como patrimônio histórico pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Cubatão (Condepac).



## CEMITÉRIO ISRAELITA DE SANTANA

**P**ara se organizar, cuidar da sua saúde e dos idosos, manter sinagoga e cemitérios e, principalmente, manter-se como judias, as mulheres que trabalhavam como prostitutas, as “polacas”, fundaram quatro entidades de ajuda mútua, pequenas comunidades autônomas, no Rio de Janeiro (em 1898 e em 1906), em Santos e em São Paulo.

Em São Paulo, uma das principais razões de fundação da Sociedade Feminina Religiosa e Beneficente Israelita (SFRBI) em 1924 foi estabelecer um cemitério, já que elas foram excluídas do sepultamento do Cemitério Israelita da Vila Mariana. As polacas podiam ser sepultadas em cemitérios públicos, mas faziam questão de serem enterradas como judias em um cemitério judaico. Tanto assim que a SFRBI colocou como uma de suas finalidades: “Auxiliar os funerais dos associados que falecerem, enterrando-os no cemitério da Associação e mandando colocar em suas sepulturas lápides com as respectivas inscrições”. A importância do assunto do cemitério era tal que a aquisição de um terreno foi uma das primeiras providências.

A exclusão do sepultamento no cemitério da comunidade paulistana era explícita no primeiro estatuto da Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo, de 1923, em seu art. 2º, que colocava como exigência para ser admitido como sócio contribuinte: “*Possuir bom comportamento moral e civil*”, o que

era reforçado pelo art. 27, que definia: “*Deixarão de fazer parte da Diretoria e da Sociedade: Os que a justiça condenar por motivo indecoroso ou deshonestos; Os que abandonando sua profissão passarem a exercer profissão indigna; Os que se apoderarem de qualquer objeto ou quantia que pertença à sociedade, a qual poderá rehavê-los judicialmente*”. Mas as exigências quanto à conduta social e moral não se restringiam aos sócios contribuintes e diretores e o estatuto especificava que havia judeus aos quais seria negada a “qualidade de israelita”, categoria criada para definir quem seria sepultado. O art. 28 dizia explicitamente: “Será negada a qualidade de israelita: à prostituta, como também a todo homem ou mulher que explorar o lenocínio”. A única exceção possível era “no caso especialíssimo das partes terem se reabilitado perante a sociedade e isto a juízo da diretoria”. Todos estes artigos foram suprimidos dos estatutos de 1947.

Diante dessa exclusão, em 1925 a presidente da SFRBI, a entidade das polacas, enviou uma carta ao prefeito municipal pedindo autorização para “construir um cemitério de acordo com a sua religião”. Foi o segundo cemitério judaico da cidade, após o da Vila Mariana. O Cemitério Israelita de Santana, inaugurado em 1928, recebeu 233 sepultamentos até os anos 1960 e depois, com a dissolução da SFRBI, acabou entrando em estado de abandono, quando



a maioria de suas associadas já havia falecido, estava idosa ou doente. A última assembleia da sociedade foi realizada em 1968 e seus bens doados à Sociedade Religiosa e Beneficente Israelita Lar dos Velhos, que passou a abrigar também algumas das mulheres idosas.

Em 1970, dado o abandono do cemitério, a prefeitura escreveu à Sociedade Lar dos Velhos (atual Residencial Albert Einstein) pedindo providências e esta repassou a solicitação à Sociedade Cemitério. Sem resposta, pelo Decreto Municipal nº 9.972, de 24 de maio de 1972, a prefeitura cassou o funcionamento do abandonado Cemitério Israelita de Santana e, de acordo com a legislação, os restos mortais poderiam ser transferidos para o ossário do cemitério municipal. A prefeitura indagou se a Sociedade Cemitério ou a coletividade judaica se interessavam pela remoção dos corpos e das sepulturas e se era

necessária uma orientação religiosa para a exumação, informando que noticiaria pelos jornais o prazo aos familiares e interessados para que removessem os restos mortais.

Dos 233 túmulos listados pela prefeitura, apenas 24 foram reivindicados por familiares, sendo que seis foram transladados para outros cemitérios e 18 tiveram suas sepulturas transladadas ou receberam túmulos com lápides e nomes no Cemitério do Butantã. Os outros 185 túmulos, tiveram seus restos mortais transladados e foram sepultados sem nome ou identificação no Cemitério do Butantã, em pequenos túmulos de concreto, um esquecimento coletivo. Apenas no ano 2000 os nomes foram inscritos nos túmulos em respeito à memória de cada falecido e falecida e completando a tradição judaica de sepultamento com a identificação dos nomes nas lápides.



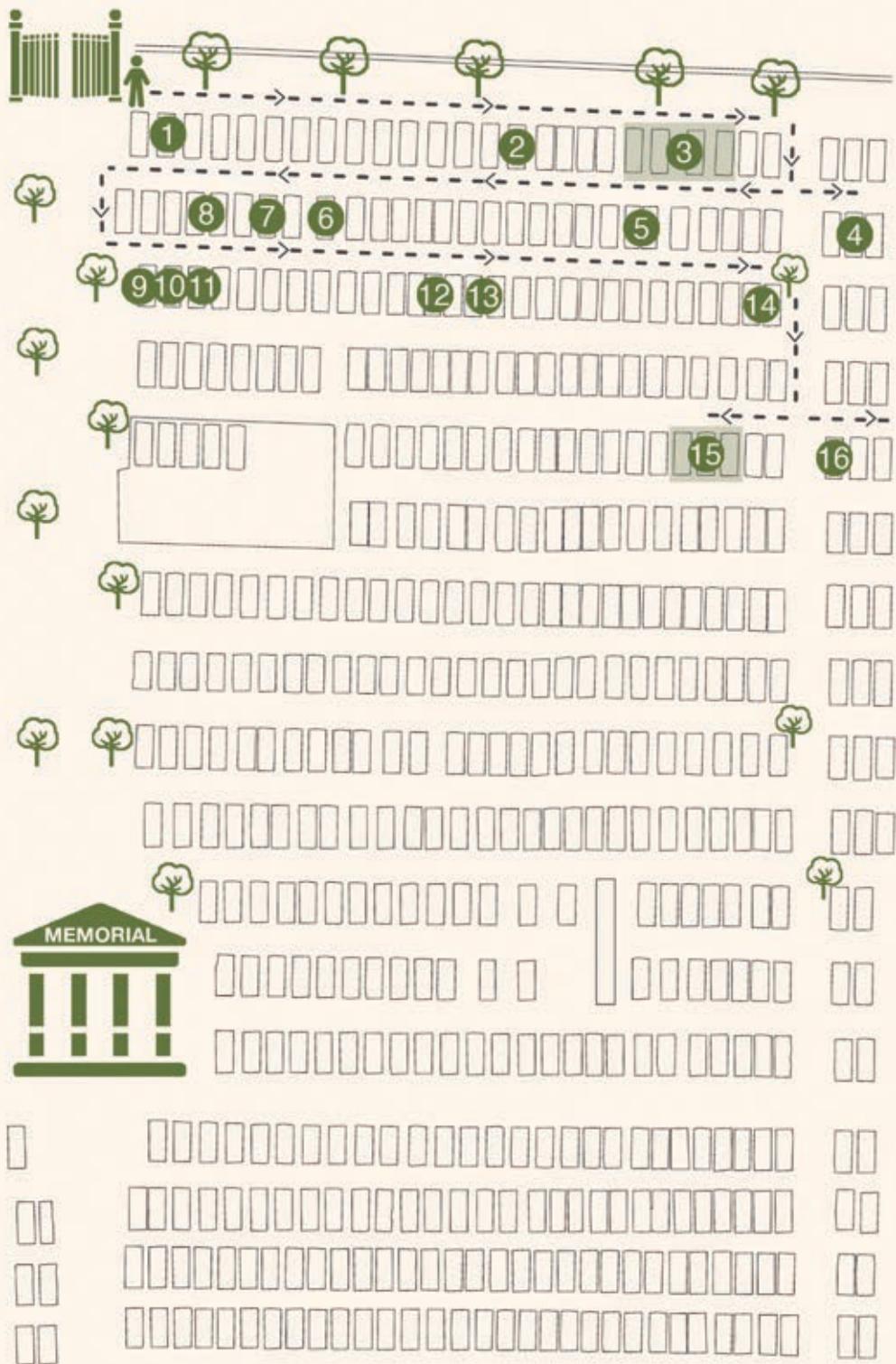
QUADRAS

1

13

14

19





**N**osso segundo roteiro também tem início no portão do Cemitério, visitando o lado esquerdo de quem olha em direção ao Memorial. Assim, começamos o passeio pela R1, a mais próxima do muro do cemitério, à esquerda da entrada.

**1** Q1 R1 N2 Ao lado da sepultura de Nathan Tabacow, a primeira deste cemitério, já visitada no Roteiro 1, fica a de Elisa (1890-1921), um dos primeiros sepultamentos, com uma *matzeivá*,



lápide, de mármore claro cobrindo um túmulo em forma de caixão. Tem desenhos e epitáfio em hebraico em alto relevo e pintado de preto, realçando os detalhes. Além da Estrela de David, encontramos o desenho de duas urnas com chamas, símbolo encontrados em vários túmulos da época, tanto desenhados como em forma de escultura.



► *Continuando pela mesma rua, há diversas sepulturas dos primeiros anos de abertura do cemitério; caminhe até a N15.*

2

**Q1 R1 N15** Sepultura de Israel (1843-1923, grafado Istrael na lápide), imigrante de Odessa, Rússia (atual cidade da Ucrânia), falecido aos 80 anos, apresenta na parte superior da estela as mãos em benção, reforçadas pela palavra abaixo delas, *ha-cohen*, identificando-o como um descendente da casta dos sacerdotes do antigo Templo de Jerusalém. A presença da memória familiar dessas descendências genealógicas da Antiguidade é uma tradição que tem mais importância para os grupos religiosos ortodoxos. E mantêm-se para alguns como uma memória ancestral, que passou de geração em geração e que, muitas vezes, ganha significado no momento do falecimento, um símbolo de distinção religiosa.

► *Continuaremos pela mesma rua até chegar aos túmulos N2 e N4, próximos de uma alameda, transversal à rua onde estamos. A numeração dos túmulos não é sequencial com as do início da rua, porque fazem parte de uma nova quadra, a Q14, embora as quadras não tenham uma divisão física visível.*



## OS JUDEUS CHEGAM AO BRASIL E A SÃO PAULO

Os imigrantes judeus chegaram a São Paulo e a outras nove capitais do Brasil a partir dos anos 1910 e estabeleceram comunidades que se consolidaram até o início dos anos 1920. No Nordeste, em Recife, Salvador e Natal. No Norte, em Belém e Manaus. No Sudeste, em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. No Sul, em Curitiba e Porto Alegre. As comunidades de Belém e do Rio de Janeiro formaram-se, na verdade, no século 19. A população judaica no País chegaria a cerca de 50 mil pessoas nos anos 1930, sendo que as comunidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre respondiam por mais de 80% do total.

No ano de 1900, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Belém, Porto Alegre, Manaus, Fortaleza, Teresina e Curitiba eram, nesta ordem, as cidades mais populosas do País, e comunidades judaicas se formaram nas sete primeiras capitais desta lista e na décima. Em 1920, as cidades mais populosas eram: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Belém, Porto Alegre, Curitiba, Fortaleza, Manaus e Maceió, ou seja, em oito das dez cidades mais populosas (menos Fortaleza e Maceió) estabeleceram-se comunidades judaicas, expressão de uma associação entre imigração, formação de comunidades, urbanização e desenvolvimento econômico.

Em 1912 foi fundada a primeira instituição judaica na cidade de São Paulo,

a sinagoga *Kahalat Israel* (Comunidade de Israel), no bairro do Bom Retiro. No mesmo lugar, foi criada uma biblioteca e começaram atividades teatrais em ídiche. As primeiras entidades assistenciais foram a Sociedade Ezra, em 1915, e a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, em 1916. No ano de 1920 foi estabelecido o Cemitério Israelita da Vila Mariana. Em 1922, foi inaugurada a primeira escola regular judaica de São Paulo, o *Gymnasio Hebraico-Brasileiro Renascença*. Diversas outras entidades se seguiram, entre elas a Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro, em 1928.

Os imigrantes fundaram dezenas de instituições – em torno de 1930 havia cerca de 100 entidades judaicas no País – que propiciaram não apenas manter uma identidade de grupo, como, aos recém-chegados, saúde, educação, crédito, apoio ao trabalho, vida social, esportiva, cultural, diante da ausência do Estado, criando as condições objetivas para promover individualmente as oportunidades de inserção cultural e econômica. Entre essas entidades, em cada comunidade estava um cemitério e uma sociedade funerária. Foi a atuação dessas instituições, junto com a urbanização acelerada e o contexto de desenvolvimento econômico, comercial e industrial e as oportunidades criadas de trabalho que definiram a inserção dos judeus no País.

3

**Q14 R1 N2 e N4** Os quatro túmulos da família Lichtenstein formam um conjunto uniforme e austero. Os túmulos em granito negro e polido, com a parte superior chanfrada – na qual em uma das faces aparecem os nomes em português e as datas de nascimento e falecimento discretamente inscritos –, repousam em bases da mesma pedra, com o texto em hebraico na lateral, quase coberto por pequenas floreiras.

Hugo Lichtenstein (1878-1948) e Roberto Lichtenstein (1901-1958), pai e filho, falecidos com uma diferença de apenas dez anos, foram os dois primeiros presidentes da Sociedade (depois Associação) Cemitério Israelita de São Paulo, em 1923 e em 1930. Além de administrar o cemitério, representá-lo perante prefeitura e autoridades, realizar as obras e cuidar dos sepultamentos e dos rituais, a diretoria da Sociedade desde cedo teve que lidar com a necessidade de ampliar a área original do cemitério.

Em 1929, os herdeiros de Mauricio Klabin (falecido em 1923) doaram ao cemitério uma nova área de 4.287 metros quadrados. Em 1932,



por estarem as quadras destinadas aos não sócios quase esgotadas, o presidente Hugo Lichtenstein sugeriu a compra de uma área anexa de 10 mil m<sup>2</sup>. A área foi comprada dos herdeiros de Mauricio Klabin e doada à municipalidade para ser incorporada ao cemitério e em 1934 foi aprovada a execução das obras: muros de arrimo, ruas e terraplanagem. A Sociedade também cumpria seu papel social cedendo lugares para sepultamento de imigrantes pobres.

► *Depois de conhecer os túmulos da família Lichtenstein, desça pela Alameda 2 até a próxima rua e entre na Q13 R2 do lado esquerdo. Logo no segundo túmulo encontrará o Q13 R2 N17A.*

## SOCIEDADES FUNERÁRIAS

A Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo administra o cemitério e proporcionava as sepulturas e o ritual judaico, ou seja, atuava de fato como sociedade funerária, *chevra kadisha*.

Esta última missão era compartilhada com outras sociedades funerárias (*chevrot kedishot* no plural), entre elas a Sociedade Religiosa Israelita Última Caridade (Chessed Shel Emes), fundada em 1944, a da Congregação Israelita Paulista, dos imigrantes alemães, uma *chevra kadisha* sefaradi e a Sinagoga Israelita Paulista, ligada à imigração húngara – que mantinham alguns costumes diferentes entre si. Podiam ser pequenas diferenças rituais que os grupos preferiam manter no momento solene do sepultamento, uma

música na língua natal, uma melodia, uma liturgia específica ou simplesmente estar entre os mais próximos e os conterrâneos em um momento tão especial da vida do grupo. Essas entidades eram constituídas por grupos de voluntários que se reuniam quando necessário.

A Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo e a Sociedade Religiosa Israelita Última Caridade inauguraram sua sede conjunta na Rua da Graça, número 435, e em 1956 as duas entidades se uniram formalmente. Este foi o endereço da sede da Chevra Kadisha até os anos 2010.

Atualmente, a Associação Cemitério Israelita de São Paulo cuida dos rituais de preparação do corpo e de sepultamento (ver pp. 57 e 59).

## ESPÍRITO DE FRATERNIDADE

A Congregação Israelita Paulista (CIP), fundada em 1937, possui sua própria Chevra Kadisha, com uma seção masculina e outra feminina. A função da entidade ou serviço era “manter usos mortuários estabelecidos”, cumprir as funções e rituais ligados ao cerimonial funerário e “dar o último apoio característico e distintivo do judaísmo”. Segundo Alice Irene Hirschberg, participar da Chevra Kadisha significa, entre todas as instituições, “a que exige maior espírito de fraternidade

e disposição para o sacrifício, mas também a mais gratificante para aqueles verdadeiramente imbuídos de espírito religioso”. A CIP mantinha uma atividade chamada Tarde de Costura, que reunia mulheres que costuravam as primeiras (utilizadas na cerimônia de circuncisão, o *brit milá*) e últimas vestes rituais. Em dez anos de atividades, de 1937 a 1947, a Chevra da CIP atendeu 526 enterros, de 225 mulheres e de 301 homens, com serviços prestados exclusivamente por voluntários.

4

Q13 R2 N17A Benjamin Kulikovsky foi um dos fundadores do Sanatório da Ezra para tuberculosos, inaugurado em 1936 na cidade de São José dos Campos, considerada uma “zona climática”, em uma época na qual não existia cura e se preconizava tratamentos relacionados ao clima e ao repouso.

A inauguração do sanatório foi o resultado de duas décadas de trabalho assistencial em prol de doentes tuberculosos, desde a fundação da própria Ezra em 1916. Diante do número de pacientes que a entidade sustentava em pensões-sanatórios privadas, decidiu construir e manter seu próprio sanatório, que chegou a ter 120 leitos. A Ezra recebia pacientes de comunidades judaicas de todo o País, formavam-se Comitês Pró-Sanatório que mantinham os seus pacientes e coletavam fundos para a manutenção da entidade. O sanatório funcionou até 1966, época em que os antibióticos (desde os anos 1940) já possibilitavam a cura da tuberculose.



## Clima, repouso e disciplina

---

Quando o Sanatório da Ezra foi construído nos anos 1930, não havia medicamento eficaz para a cura da tuberculose. Prevalecia o tratamento higiênico-dietético, que preconizava procedimentos de rotina, de descanso e de alimentação, fazia-se cirurgias, como o pneumotórax, e discutia-se os efeitos do clima na cura da doença. Enviava-se os doentes para as chamadas “zonas climatéricas”, em São José dos Campos e Campos do Jordão.

Foi em 1882 que Robert Koch apresentou a descoberta do bacilo causador da tuberculose, que passou a ter seu nome, e elucidou questões sobre a sua transmissão. Segundo Koch, uma sétima parte dos homens do seu tempo morriam de tuberculose. O médico e sanitarista Oswaldo Cruz afirmara, em 1907, que “a tuberculose, no Rio de Janeiro, mata mais gente do que todas as epidemias juntas; as outras epidemias aparecem, fazem muitas mortes, depois acabam, mas a tuberculose mata o ano inteiro, sem cessar um dia”. A tuberculose era ainda uma das doenças que mais mortes provocava no mundo até pelos menos os anos 1940, quando drogas efetivas foram descobertas.

► *Volte pela mesma rua, seguindo em direção à Alameda 1. O sétimo túmulo após a Alameda 2 é o Q14 R2 N5, que vamos visitar agora e que também se refere aos esforços da comunidade para atender às necessidades de saúde.*

5

**Q14 R2 N5** A epidemia da gripe espanhola que assolou São Paulo em 1918 levou à criação de um hospital improvisado por parte da entidade assistencial Ezra na sinagoga Knesset Israel no bairro do Bom Retiro. O Hospital Israelita, como ficou conhecido, teve capacidade para 200 leitos e recebeu 390 pacientes, dos quais faleceram 18. Entre os ativistas que ergueram esse hospital estava José Teperman (1887-1957), aqui sepultado, que também foi fundador da Associação Cemitério Israelita de São Paulo. A então estudante de medicina, Rebeca Guertzenstein, que atendeu os doentes, contraiu a doença e faleceu.

## A pandemia de 1918

---

A pandemia de gripe de 1918 se destacava por suas altas taxas de infectividade e letalidade. Estima-se que cerca de 20 milhões de pessoas morreram vítimas da doença, o que correspondia a 1,5% da população mundial. Em São Paulo, a Gripe Espanhola alterou completamente o cotidiano da cidade. O memorialista Jacob Penteado relembra a epidemia: “O mais forte surto epidêmico de que há memória, na Capital, viria em outubro de 1918, quando a gripe epidêmica, crismada de ‘espanhola’, explodiu de maneira virulenta. Não houve lar que não fosse atingido. Em alguns deles, seus moradores foram encontrados todos mortos. Famílias inteiras pereceram, nessa triste fase da vida paulistana, embora as autoridades houvessem mobilizado todos os seus recursos e apelado para todas as instituições e entidades. (...) Viam-se, pelas ruas, a qualquer hora do dia, lúgubres cortejos de carros funerários em plena atividade”.



A epidemia da Gripe Espanhola teve, em São Paulo, os primeiros casos registrados em 16 de outubro e os últimos em 19 de dezembro de 1918. O número total de casos foi estimado em 350 mil, o que corresponderia a 2/3 da população paulistana. Em decorrência da epidemia foram suspensas as atividades escolares, fecharam-se os bares e cinemas e interromperam-se as atividades industriais e comerciais.

Diante de uma situação de tamanha gravidade, o governo e o Serviço Sanitário apelaram a toda a iniciativa particular que pudesse ser tomada para colaborar com a solução do problema. Foram então criados, além do hospital da Hospedaria dos Imigrantes e da enfermaria especial da Santa Casa, cerca de 40 hospitais provisórios na capital para receber os doentes de gripe, em espaços cedidos por entidades como clubes – entre eles o Paulistano e o Palestra Itália – e escolas, destacando-se o Grupo Escolar da Barra Funda (com 500 leitos), o Colégio Diocesano (com 400), o Mackenzie (400), o Salesianos (300), o Ginásio do Carmo (300) e o Santa Inês (250). Durante a epidemia, os enterramentos chegaram a 8.703 nos dez cemitérios da cidade. Apenas no Cemitério do Araçá foram 3.727 sepultamentos, sendo 158 apenas no dia 11 de novembro de 1918.

► *Continuamos seguindo pela mesma rua até o N24. Em seguida vamos visitar uma série de túmulos muito próximos um do outro.*

6

Q1 R2 N24 O túmulo de Clara, mulher que faleceu aos 28 anos em 1929, se destaca pela variedade de detalhes: a pedra polida sobre a base de pedra bruta, o gradil, a urna, a placa com epitáfio, a estrela e a estela com placa decorada e fotografia.



Também chama a atenção a sua largura, maior que a maioria. Isto se deve à menor padronização dos lotes nos primeiros anos de funcionamento do cemitério. O texto em hebraico enfatiza que era uma “mulher jovem” e foi sepultada pelos pais, esposo, filhos e irmãs.

► *Dois túmulos adiante está o N22.*

7

Q1 R2 N22 Este túmulo possui uma escultura de árvore cortada (foto na p. 77), que em geral simboliza uma morte prematura, a vida interrompida de uma pessoa jovem. Neste caso, era de Jayme, jovem de 14 anos, quase menino, nascido em 1910 em Córdoba, Argentina, e falecido em 1924 em Santos, sepultado pelos pais e irmãos. Com a mesma simbologia, uma vida interrompida precocemente, existem outros túmulos com esculturas e desenhos de coluna cortada.

► *Próximos estão os túmulos N19 e N20, os seguintes neste roteiro.*

8

Q1 R2 N19 e N20 Os sóbrios túmulos de Olga Nebel (1866-1937) e Jacob Nebel (1893-1950), mãe e filho, fundadores de algumas das primeiras instituições da comunidade judaica em São Paulo. Olga foi fundadora da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, em 1915, ao lado de Olga Tabacow e Bertha Klabin, de quem falaremos mais adiante. Jacob foi um dos fundadores da Associação Cemitério Israelita de São Paulo em 1923.

A Sociedade Beneficente das Damas Israelitas foi a primeira entidade da comunidade judaica fundada por mulheres e a segunda entidade



נפטר ביום כי  
 שלשה ימים מחדש  
 אדרה שני  
 בשנת תרפ"ו לפ"ה

פיני המנוח ר'  
 יעקב ברוך אברהם  
 דוד הלוי סגל  
 איש תם וישר

תנצבה  
 ה'תש"ו  
 ה'תש"ז  
 ה'תש"ח  
 ה'תש"ט  
 ה'תש"ל  
 ה'תשל"א  
 ה'תשל"ב  
 ה'תשל"ג  
 ה'תשל"ד  
 ה'תשל"ה  
 ה'תשל"ו  
 ה'תשל"ז  
 ה'תשל"ח  
 ה'תשל"ט  
 ה'תש"ל

האברך וייסודו פ"ר יצחק נולד בעני  
 קורדובה מדינת ארזענטינא פל שנת  
 בשנת תרע"ע ל'פ"ק. נפטר ב'ע"ב  
 ל'ה'ר"ש שבת בשנת ה'תש"ו פ"ד  
 ה'ת"נ צ"ב ה'





fundada pelos imigrantes em São Paulo, após a sinagoga. Era uma entidade assistencial para amparar mulheres imigrantes pobres, principalmente grávidas. As Damas, como eram conhecidas, ou *Froien Farein*, nome em ídiche, a

língua falada pelos judeus na Europa Oriental, criaram nos anos 1930 um Lar das Damas Israelitas para abrigar crianças imigrantes órfãs ou cujas famílias não tinha possibilidade de prover os cuidados básicos.

Neste cemitério da Vila Mariana encontram-se as sepulturas dos fundadores e das fundadoras de oito diferentes entidades assistenciais estabelecidas entre os anos 1910 e 1930, como veremos neste percurso, três delas especificamente para amparar a infância, indicando que a condição dos imigrantes que chegavam requeria amparo, seja para recepcionar no porto de Santos, abrigar em uma pensão, ensinar o português, providenciar trabalho e assim por diante. É neste sentido, o do estabelecimento de uma rede de instituições, que se pode falar em uma “comunidade” judaica na capital. Nessas entidades, as mulheres imigrantes tiveram papel central, inclusive com uma abordagem voltada às necessidades das mulheres e das crianças.

► *Continuando pela mesma rua, ao chegar na Alameda 1, desça uma rua em direção ao Memorial e encontrará o Q1 R3 N34 logo em seu início, ao lado da árvore.*

**9** Q1 R3 N34 Uma sepultura única neste cemitério, três falecidos sepultados no mesmo túmulo, na verdade restos mortais de três diferentes pessoas trasladados de Ribeirão Preto para cá: Mauricio Ullmann, que nasceu na Alsácia em 1822 e faleceu em Ribeirão



## SOCIEDADE CEMITÉRIO ISRAELITA DE SÃO PAULO

O Cemitério Israelita da Vila Mariana foi aberto em 1920, anexo ao Cemitério Municipal, e em 1923 foi criada a Sociedade (atual Associação) Cemitério Israelita de São Paulo, para administrar o cemitério, representá-lo legalmente perante a prefeitura e realizar as obras necessárias. Até então, embora o cemitério estivesse funcionando, não existia uma entidade que o organizasse, mas um grupo de pessoas que trabalhava para a sua manutenção.

Em 23 de fevereiro de 1923 foi formada uma comissão composta por representantes de três sociedades fundadoras: Isaac Tabacow, Jacob M. Nebel e Hugo Lichtenstein, pela Comunidade Israelita de São Paulo; Miguel G. Lafer e Samuel Lafer,

representantes da Congregação Israelita “Askenazi”, e José Teperman e M. Zeitz, pela Sinagoga Centro Israelita, além de Mauricio Klabin como diretor honorário. Conforme os estatutos da Sociedade, a sua função era: “Manter e cuidar exclusivamente do Cemitério Israelita de São Paulo (anexo ao Cemitério Municipal da Vila Mariana)” e “Concorrer e dar sepulturas aos israelitas necessitados e a todos ministrar o ritual hebraico”. Ou seja, aliava a administração do cemitério e seus cuidados com a responsabilidade pelas sepulturas de todos, inclusive os pobres, e pelo ritual judaico de sepultamento.

A Associação Cemitério Israelita de São Paulo, a Chevra Kadisha, administra os quatro cemitérios judaicos do Estado: Vila Mariana, Cubatão, Butantã e Embu.

Preto em 1906 (“Lembram filhas, genros e netos”); José Ullmann, que nasceu no Peru em 1872 e faleceu em Ribeirão Preto em 1904, aos 32 anos (“Lembram irmãos e cunhados”) e Leopoldo Gelber, nasceu em 1899 em Ribeirão Preto e faleceu na Suíça em 1918, aos 19 anos (“Lembram pais e irmãos”). Com a abertura do cemitério em 1920, os restos mortais foram provavelmente trazidos de Ribeirão Preto, o que talvez explique porque foram colocados juntos em um único túmulo.

► *Continuando pela mesma rua, vamos observar o N35.*

## HISTÓRIA DOS CEMITÉRIOS EM SP

Os primeiros cemitérios públicos e laicos começaram a ser construídos na cidade a partir da segunda metade do século 19, antes de se tornarem uma obrigação determinada pelo regime republicano. Em 1801, uma Carta Régia passou a regulamentar que os sepultamentos se fizessem fora das igrejas, como era costume até então, e que os cemitérios deveriam ser construídos distantes do centro da cidade.

Até esse período, o sepultamento fora dos templos era aceito apenas para aqueles que já estavam excluídos das igrejas, como negros escravizados, pagãos e “hereges”. Em São Paulo, muitos deles foram enterrados no Cemitério da Liberdade, que existiu a partir do século 18 e em cujo local original resta hoje uma pequena capela. Em 1828 um regulamento obrigou as Câmaras Municipais a erguer cemitérios, sob a justificativa de que era mais moderno e higiênico do ponto de vista da medicina e da saúde pública, já que se acreditava que a decomposição do corpo podia contaminar a água, o solo e o ar.

Com a chegada de imigrantes ingleses e alemães protestantes, começou a se reivindicar a criação de um cemitério não católico, o que se tornou mais expressivo após a morte do professor protestante Julio Frank,

da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1841, e que foi sepultado, em protesto diante da falta de cemitérios não católicos, na própria faculdade. O túmulo, em forma de obelisco, permanece na Faculdade como um monumento ao Estado laico.

O primeiro cemitério não católico, o Cemitério dos Alemães (ou dos Protestantes, da Luz e dos Estrangeiros), foi aberto em 1851. Localizava-se na Rua São Caetano, de frente para o Campo da Luz, mas em fins de 1855 o terreno foi desapropriado para abertura da Avenida Tiradentes e, em compensação, foi cedida uma área do novo Cemitério da Consolação e surgiram, assim, o Cemitério Católico da Ordem Terceira do Carmo e o Cemitério dos Protestantes, com acesso pela Rua Sergipe. Os primeiros registros de sepultamentos neste novo cemitério são de 1862. Os mais antigos túmulos judaicos em São Paulo encontram-se nesse cemitério, datando de 1884. A Associação Cemitério dos Protestantes considera esse como o primeiro cemitério ecumênico de São Paulo, afirmando que, desde sua fundação, a Associação sempre manteve um caráter ecumênico.

No Rio de Janeiro, os judeus eram sepultados no Cemitério de São Francisco Xavier, fundado em 1840 pela Santa Casa de Misericórdia, na Ponta do Caju, conhecido como Campo Santo

da Misericórdia. São 1.077 sepulturas de judeus. Em 1851 foi fundado ali o cemitério público.

Em São Paulo, o Cemitério da Consolação, estabelecido em 1858, foi o primeiro a receber o sepultamento de pessoas independentemente da religião, posição social e econômica, incluindo negros escravizados. Mas havia diferenças entre as sepulturas, sistema que foi seguido nos outros cemitérios públicos inaugurados, com sepulturas rasas e temporárias e outras perpétuas e ornamentadas.

Além do Cemitério da Consolação, foram construídos vários cemitérios públicos na cidade: Brás (4ª Parada) em 1880, Araçá (1897), Santana

(Chora Menino), em 1897, e o do então município de Santo Amaro (1856). Depois, no início do século 20, São Miguel (1901), Lageado (1903), Vila Mariana (1904), Freguesia do Ó (1908) e Penha (1910). E em seguida os da Lapa, Osasco e Cemitério São Paulo (1925).

Assim, quando o Cemitério Israelita da Vila Mariana foi aberto havia muitos cemitérios públicos (e alguns privados) na cidade e padrões tumulares já estabelecidos, com artistas e artesãos, e suas oficinas, dedicadas à arte tumular e às sepulturas. As primeiras sepulturas do cemitério judaico certamente foram encomendadas a esses mesmos artesãos e seus padrões, portanto, se assemelham aos dos túmulos da época.

10

Q1 R3 N35 Sepultura de Naum (1877-1918), natural de Sfat, Israel.

Não temos mais informações sobre ele, mas sabemos que nasceu na Palestina durante o Império Otomano. Em que ano terá imigrado ao Brasil? Só sabemos que foi antes de começar o Mandato Britânico na Palestina, ao final da Primeira Guerra Mundial, já que Naum faleceu em 1918.

► Ao lado, duas sepulturas em mármore branco nos N36 e N37.



## REPÚBLICA, CEMITÉRIOS PÚBLICOS E LAICOS

Pode parecer natural aos olhos de hoje que um grupo imigrante tenha erguido seu próprio cemitério, para manter suas tradições e praticar seus costumes, mas na época de sua fundação esse processo envolveu uma complexa discussão de princípios políticos. A solicitação dos imigrantes judeus se defrontou com um valor central para o regime republicano instaurado em 1889: com a integral separação entre Estado e Igreja, os cemitérios deveriam ser públicos e laicos.

Segundo a Constituição de 1824, a primeira do Brasil Império, a religião oficial do País era a católica e havia uma união entre o trono e o altar. A Carta admitia a liberdade de religião, desde que realizada em lugares privados. Assim, uma sinagoga era uma casa particular onde se rezava, sem assumir publicamente que era uma sinagoga.

Foi com a Proclamação da República, em 1889, que o País deixou de ter uma religião oficial e se instituiu a separação entre Estado e Igreja. A questão da laicidade do Estado era um princípio fundamental da República e implicou na secularização do ensino público, no reconhecimento do casamento civil e na consolidação da secularização dos cemitérios, além do princípio da igualdade de direitos, independentemente de crença e função religiosa. Em 1893 seria criado o registro civil para nascimentos e falecimentos.

Como consequência do ideário republicano, foi inicialmente proibida

no País a existência de cemitérios particulares, o que incluía os religiosos de forma geral, mas a prática de rituais religiosos nos cemitérios públicos era, evidentemente, liberada. A partir de 1889, seriam reconhecidos os cemitérios particulares de ordens religiosas ou de comunidades já existentes, entre eles o dos Protestantes e o da Ordem Terceira do Carmo (anexos ao da Consolação).

Foi baseado nessas exceções admitidas pelo regime republicano que um grupo de abaixo-assinados da “colônia israelita”, como se dizia na época, organizou o seu requerimento em 1915. Argumentava que só um cemitério próprio garantia o jazigo perpétuo aos que não pudessem pagar, o que seria impossível em um cemitério público, e dizia também que, apesar de públicos, os cemitérios tinham uma simbologia preponderantemente cristã.

O processo para discutir a abertura de um cemitério religioso e privado até a concessão definitiva da autorização transcorreu de 1915 até 1920, contribuindo para o voto favorável à existência de alguns cemitérios privados e religiosos, católicos e protestantes, e a confirmação da doação do terreno por parte do industrial Mauricio Klabin, com uma área inicial de 5 mil m<sup>2</sup>, e a sua localização adjacente ao Cemitério Municipal da Vila Mariana, o que facilitava aprovar eventuais questões de administração e avaliar e aprovar as questões sanitárias envolvidas.

11

Q1 R3 N36 e N37 A sepultura de Adolfo (1864-1923) possui um obelisco com uma escultura de urna com fogo no alto, símbolo bastante presente nas sepulturas mais antigas do Cemitério. Ao lado, na sepultura de José, falecido aos 27 anos em 1923, observa-se dois desenhos de jarros, como símbolo dos descendentes dos levitas (*leviim*, em hebraico), da mesma forma que as mãos abençoando representa a memória dos descendentes dos *cohanim*, os sacerdotes do Antigo Templo, destruído pelos romanos no século 1. O jarro remete aos descendentes dos levitas que, na Antiguidade, eram os responsáveis por lavar as mãos dos sacerdotes antes dos serviços e também



eram músicos, cantores e guardiões do templo. Ambos os símbolos ocorrem apenas em túmulos de homens, já que esta distinção é exclusiva a eles. Aliás, esta é provavelmente a única distinção nos símbolos, esculturas, ornamentos e formato dos túmulos entre homens e mulheres neste cemitério.

► *Seguindo pela mesma rua, encontraremos o N46 e em seguida os N48 e N49.*

12

Q1 R3 N46 Nos túmulos de Polly Saslavsky (1901-1992) e Samuel (1895-1965), vemos inscritos em alto relevo suas assinaturas. Polly foi uma das fundadoras do Lar das Crianças das Damas Israelitas e da Organização Feminina Israelita de Assistência

Social (Ofidas), criada em 1940, a partir da fusão de três entidades: Sociedade das Damas Israelitas, Lar das Damas e Gota de Leite.

A Ofidas, dirigida por mulheres, diferenciava-se do trabalho da Ezra, entidade assistencial fundada em 1915, e a complementava, porque a Ezra, dirigida por homens, atendia imigrantes considerados “chefes de família”, entendendo que auxiliando o homem estava-se resolvendo a situação da família. Já pedidos de auxílio à Ofidas eram realizados por mulheres e avaliados também por mulheres, o que definiu uma série de especificidades na compreensão dos problemas e na forma de resolvê-los, mesmo levando em conta as diferenças sociais entre as diretoras e as assistidas. A Ofidas possuía assim uma compreensão do lugar e das necessidades da mulher na sociedade, como a de levar uma vida economicamente autônoma e, no caso de mulheres casadas, uma vida financeira independente da dos maridos ou em situações em que quisessem se separar.

Nos estatutos da Ofidas, pelo menos a partir de 1942, constava que a diretoria da entidade deveria ser exercida por mulheres. Este item permaneceu provavelmente até a criação da União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social (Unibes), que a incorporou e sucedeu. No seu início, nos anos 1940, a Ofidas trabalhava em várias áreas: assistência social, gabinete dentário, higiene infantil (que sucedeu a Gota de Lei-



te) e uma área chamada *Peah*, um bazar de distribuição de roupas. Aos poucos, as áreas de atuação foram sendo estruturadas como departamentos, incluindo orientação profissional e biblioteca juvenil. Em um relatório publicado em 1943, a Ofidas definiu as suas principais preocupações: combater a mortalidade infantil, cuidar das crianças cujas mães trabalham, zelar pela saúde dos escolares, cuidar das famílias e pessoas desamparadas por doença e velhice, cuidar das crianças desprotegidas e assegurar aos adolescentes uma educação profissional para o seu próprio bem e o de suas famílias.

13

Q1 R3 N48 e N49 Ephim e Fanny Mindlin, casal de imigrantes ucranianos de Odessa, Ucrânia, são os pais do arquiteto Henrique Mindlin e do empresário e bibliófilo José Mindlin.

Fanny Mindlin (1886-1962) foi fundadora da Gota de Leite da B'nei B'rith, em 1932, com o objetivo de cuidar de crianças recém-nascidas, fornecendo leite e alimentos, além de orientar as mães sobre como cuidar dos bebês. A Gota de Leite era um modelo francês de atendimento a crianças e foi implantado em várias cidades do País entre o final do século passado e o início deste, segundo uma proposta considerada científica de amparar crianças carentes e educar e orientar as famílias a cuidar de seus filhos.

Além de José Mindlin, sepultado neste cemitério, Henrique Mindlin foi arquiteto e urbanista formado pela Universidade Mackenzie em 1932, tornou-se professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU/UFRJ) e foi sócio de importantes escritórios de arquitetura. Historiador da arquitetura, teve papel destacado na catalogação, difusão e afirmação da arquitetura moderna brasileira no País e no mundo. É dele o projeto da nova sede da Congregação Israelita Paulista (CIP), de 1954.

► *Continuando pela mesma rua, chegaremos aos Q14 R3 N12B e 12C, os dois últimos antes da Alameda 2, junto à árvore.*



14

Q14 R3 N12B e 12C Ao olhar para a sepultura de David Kopenhagen é inevitável pensar em chocolates finos e nos clássicos como Língua de Gato, Nhá Benta, Chumbinho, bombons de cereja e ovos de Páscoa. David (1896-1967) e Anna Kopenhagen (1895-1981) são os criadores da doceria e da fábrica de chocolates, que leva seu sobrenome e se tornou uma das mais conhecidas do Brasil. Seu nome na sepultura reproduz a assinatura, que remete ao trabalho e aos negócios industriais. A assinatura do fundador se tornou a logomarca da Kopenhagen na década de 1950, mas a história da loja começa antes.



Em 1925, chegaram ao Brasil David e Anna, casal de imigrantes vindo da Letônia. Ela era pianista e ele estudava medicina, mas para sobreviverem Anna começou a preparar em casa e vender docinhos de marzipã, uma massa doce a base de amêndoas, clara de ovo e açúcar, típica da Europa. O sucesso do produto levou o casal a inaugurar sua primeira loja, em 1929, no centro de São Paulo. Na vitrine, bonequinhos e bichinhos de marzipã, chocolates, balas e as requintadas embalagens chamavam a atenção. No ano seguinte, começou também a produção dos primeiros ovos de Páscoa. Na década de 1940, uma fábrica da Kopenhagen foi inaugurada no bairro do Itaim Bibi, ampliando a fabricação dos produtos, e várias lojas foram abertas em São Paulo e no Rio de Janeiro.

► *Descendo pela Alameda 2, entre na segunda rua do mesmo lado, Q14 R5, e logo encontrará o N20.*

15

Q14 R5 N19, N20 e 20A O que chama atenção nesta sepultura, além do fato de reunir os túmulos de pessoas de uma mesma família, entre eles Salo (que foi presidente da Policlínica Linath Hatzedek) e Antonina Wissmann, é a homenagem prestada a outras pessoas. Como já mencionado, no judaísmo os jazigos são sempre perpétuos e individuais, portanto não se trata de um jazigo familiar, mas de uma homenagem que registra nomes e tenta evitar o esquecimento



de pessoas que não puderam ter suas próprias sepulturas. No centro se presta homenagem a Selig e Else Wissmann, falecidos antes da guerra. E em cada lateral se registra e homenageia pessoas mortas durante o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial: Hirsch Wissmann e seus cinco filhos, mortos entre 1941 e 1945, do lado direito, e Flora Gerendasi e sua família, mortos entre 1942 e 1943, do lado esquerdo. A indefinição nas datas mostra a falta de informação sobre as condições em que foram mortos durante o Holocausto.

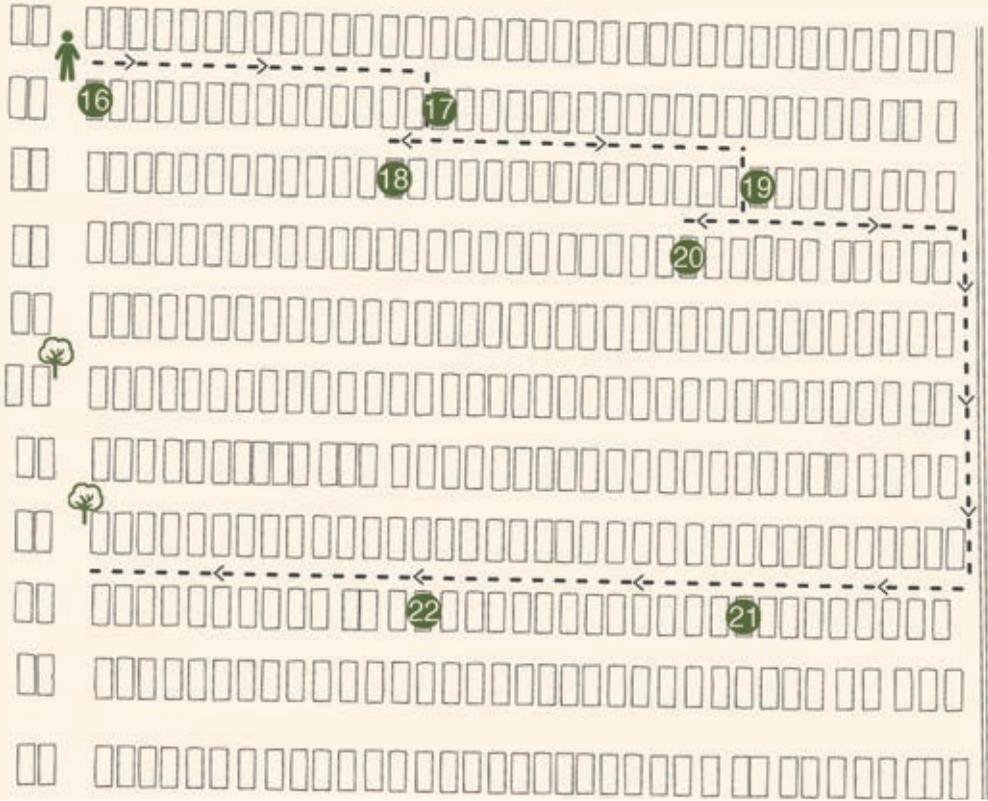
► Voltando pela mesma rua, do outro lado da Alameda 2, logo encontrará o Q13 R5 N65B.

16

Q13 R5 N65B A sepultura de Arthur com lápide e estela em granito preto e assinatura pessoal, como já vimos em outras deste roteiro, se destaca pela escultura do livro, branco e com as páginas manuseadas. O livro é um símbolo muito frequente nos túmulos deste cemitério, sendo representado de diversas formas e com variados materiais.



► Continue pela mesma rua, R5, até o N77.



17

Q13 R5 N77 Adolpho Tabacow (1913-1952) era pianista e sua efígie tem o símbolo da lira, da música, e no túmulo está escrito “Homenagem de Suas Alunas”. É uma das quatro efígies existentes no cemitério e um dos túmulos



que faz referência à profissão do falecido. É possível encontrar, identificado pela profissão, outros músicos, professores, médicos e atores.

► Com muito cuidado, passe pelo lado da sepultura, atravessando para a rua de baixo, onde verá à direita os túmulos Q13 R6 N90 e N91.

**18**

Q13 R6 N90 e N91 Duas sepulturas unidas como estas costumam ser as de um casal, mas neste caso são duas irmãs, Berta e Dora, nascidas em 1889 e 1895, ambas falecidas com uma diferença de apenas três dias, em 14 e 17 de junho de 1946.



Dentro da Estrela de David há a inscrição “irmãs”, marcando uma união eterna. Não sabemos a razão da morte tão próxima entre as irmãs, mas a sepultura as uniu na eternidade da lembrança.

► *Siga pela mesma rua, subindo em direção ao muro lateral do cemitério até chegar ao Q19 R6 N77 (a numeração não é linear).*

**19**

Q19 R6 N77 Esta sepultura de Bernardo, um imigrante húngaro nascido em 1884, se destaca na paisagem pelas suas grandes proporções em altura e em volume. O túmulo tem duas grandes colunas em granito preto ornamentadas em metal que, junto com uma sólida estela, seguram a cobertura também de pedra formando um templo em cima do qual brilha uma Estrela de David. Na estela há uma escultura em metal de um livro aberto com mensagem em hebraico e sobre a lápide o epitáfio em húngaro dedicado pela família.



► *Com muito cuidado, passe pelo lado da sepultura, atravessando para a rua de baixo, onde verá à direita o túmulo Q19 R7 N88.*

20

Q19 R7 N88 A Sociedade Beneficente Policlínica Linath Hatzedek foi funda-

dada em 1929 por pessoas como Max Schmiliver, para dar assistência aos imigrantes doentes. Na palavra dos fundadores, registrada na

Ata de fundação, eles “consideraram e observaram que, com o desenvolvimento da Colônia Israelita nesta Capital, também aumentava o número de necessitados, achou-se então que seria de suma importância organizar uma Sociedade sob a denominação Linath Hatzedek cujo fim seria trazer auxílio para os doentes em todos os casos”. Como objetivos, a entidade “velará junto ao co-irmão doente” e “cederá na medida do possível e a título de empréstimo os objetos necessários para o tratamento do doente, entendendo-se com isto: objetos sanitários etc.” Velar, neste caso, denota um sentido, antes de mais nada, de cuidado fraternal, de acompanhar, de responsabilizar-se pelo próximo e por sua saúde.

► *Siga pela mesma rua até o muro lateral do cemitério e desça, margeando o muro, cinco ruas. Entre nela, na altura do túmulo N168, e siga até Q13 R12 N160 e N161.*



21

Q13 R12 N160 e N161 Es-

tas sepulturas de Jacob (1895-1950) e Scheindel (1900-1959), nascidos em Lodz, Polônia, têm na estela de granito, além da Estrela de David, o desenho de sete velas. O candelabro de sete velas, a *menorá*, é um símbolo muito frequente em cemitérios judaicos, mas presente em poucos túmulos aqui.

► *Continue pela mesma rua, em direção ao Memorial, até N186 (a numeração não é linear).*





22

**Q13 R12 N186** Alice Philipson foi uma das fundadoras do Lar das Crianças da Congregação Israelita Paulista (CIP) em 1937, junto com Lotte Hamburger e Ida Hofmann. Estas mulheres, imigrantes alemãs e refugiadas do nazismo, entenderam que abrigar e cuidar das crianças, dos pequenos imigrantes, dos pequenos refugiados, era o coração de um projeto de reconstrução da vida no Novo Mundo, parte de compromissos e responsabilidades de cada um como membro de uma comunidade. A existência de dois diferentes lares de criança em São Paulo, o da CIP e o das Damas Israelitas, ambos criados nos anos 1930, mostra também a dimensão das necessidades dos imigrantes recém-chegados.

Aqui terminamos o nosso segundo roteiro. Para iniciar o Roteiro 3, basta seguir pela mesma rua, em direção ao Memorial, passando a Alameda 2 e parando em um canteiro com três pequenas tamareiras, ao lado de uma grande estrutura/construção.

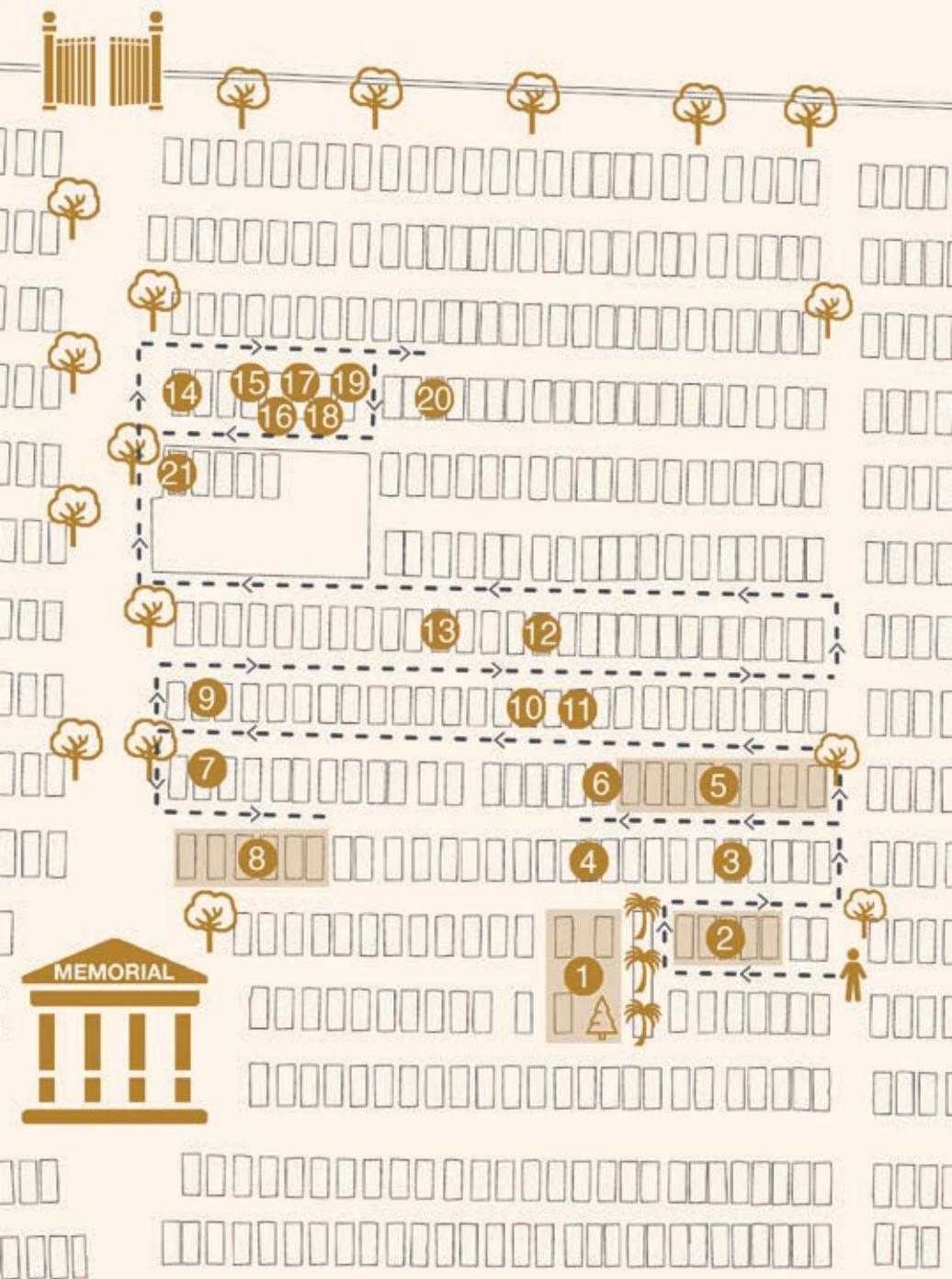


QUADRAS

1

6

14





**S**e você acabou de percorrer o Roteiro 2, continue na R12 em direção ao Memorial do Cemitério, passando a Alameda 2 até chegar a um canteiro com três pequenas tamareiras, ao lado de uma grande estrutura/construção, dentro da qual estão os túmulos da família Hessel Klabin que vamos visitar.

Se você está iniciando seu passeio agora, vá até o Memorial do Cemitério e vire à esquerda na R11 até a altura do N183.

**1** **Q6 R11 N183** Este espaço é único e singular no cemitério, seja pela relativa grandiosidade da construção e pelo jardim, seja pela posição dos túmulos, que não estão voltados na direção de Jerusalém, como todos os outros, seja ainda por ter a aparência de um jazigo familiar (o que não existe no judaísmo, já que as sepulturas são individuais e perpétuas). Mesmo as famílias que fizeram um conjunto com túmulos padronizados, como a família de Maurício e Berta Klabin, doadores do terreno do cemitério, não o fizeram em um espaço separado. Neste caso, é a padronização das sepulturas da família, aliás, muito discretas, que cria o ambiente e a paisagem de unidade familiar.

Estão sepultados aqui Hessel Klabin (1872-1946), irmão de Maurício, e suas filhas Ema (1907-1994) e Mina (1911-1940), homônima da filha de

FAMILIA  
HESSEL KLABIN

נשמותיהם חיות ברובת

בבית החיים

Maurício, a primeira a ser sepultada nesse espaço. A terceira filha, Eva Cecília (1903-1991), tem seu túmulo no Rio de Janeiro, e Fanny, esposa de Hessel, em Berlim, onde faleceu em 1926.

Hessel nasceu em 1872 em Poselva, Lituânia, casou-se com Fanny Gordon e imigrou para o Brasil, seguindo o irmão Maurício Klabin. Juntos, com o irmão Salomão e o cunhado Miguel Lafer, construíram a indústria de papel Klabin. Durante a infância e a adolescência, as três filhas viveram e estudaram em parte no Brasil e em parte na Europa, especialmente na Suíça e em Berlim.

Antes de falecer, Hessel expressou a vontade de contribuir para a construção de um hospital da comunidade judaica. Em 1955, um grupo de médicos liderados por Manoel Tabacow Hidal se reuniu para fundar a Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein e estabelecer um hospital. Sabendo do desejo de Hessel, o grupo procurou Ema Gordon Klabin e obteve uma doação que viabilizou a compra do terreno no Morumbi em 1958. Posteriormente, Ema foi eleita presidente honorária do Hospital Israelita Albert Einstein e apoiou suas atividades até falecer.

Ema e Eva dedicaram-se a atividades empresariais, filantrópicas e culturais. Ambas criaram fundações, em São Paulo e no Rio de Janeiro, para cuidar de seus legados e manter suas casas como museus abertos para a visitação pública. As Casas-Museus de colecionadores são uma forma de garantir um destino público e de manter coeso o conjunto reunido na coleção. Durante décadas, Ema Klabin formou uma ampla coleção de arte – holandesa, francesa, flamenga, italiana, chinesa e moderna brasileira e internacional – indissociável de seu gosto pessoal e da casa que ela construiu para abrigar a coleção, em 1961, e que está mantida como ela a decorou.

A Fundação Cultural Ema Klabin, criada em 1978, é responsável pela conservação, estudo e difusão da coleção de 1.500 peças de arte e do acervo bibliográfico e arquivístico. Ema faleceu em 1994 e desde 2007 a Casa Museu Ema Klabin, incluindo os jardins criados por Burle Marx, está aberta à visitação pública e desenvolve diversas atividades culturais, entre exposições, cursos e palestras.

Eva faleceu em 1991, sendo sepultada no Rio e deixando seu legado para a Fundação que leva seu nome. A Casa-Museu Eva Klabin,

na Lagoa, Rio de Janeiro, abriga uma das mais importantes coleções de arte clássica no País, com mais de duas mil peças. Assim como a Casa-Museu de Ema, a residência está aberta ao público e desenvolve atividades culturais.

► *Depois de visitar este conjunto de túmulos, vamos conhecer outro conjunto, do outro lado do canteiro das tamareiras, na rua de cima, R11, números 41 a 44A.*

2

**Q14 R11 N41a N44A** A reunião desses túmulos das famílias Kuperman e Rabinovich está ligada à tragédia de um acidente aéreo. O casal Julio e Amalia e o filho Milton Kuperman faleceram em um acidente de avião quando estavam voando para o recém-fundado Estado de Israel para comemorar o *barmitzvá*, cerimônia de maioridade religiosa aos 13 anos, de Milton. No dia 21 de dezembro de 1948, um avião Dakota da Czechoslovak Airlines caiu na Grécia, matando os 19 passageiros e cinco tripulantes. Os jornais estampavam na primeira página: “Passageiros do Brasil no avião sinistrado na Grécia”. O avião havia partido de Roma e dirigia-se para Atenas, onde os brasileiros pegariam outro avião em direção a Israel. A localização do acidente era de difícil acesso e o resgate dos corpos demorou vários dias.



Além da família Kuperman, estavam no avião e faleceram Samuel Rabinovich e sua esposa, Alegria Steinbruch Rabinovich, que deixaram duas filhas. Todos os cinco falecidos foram sepultados neste cemitério em 19 de janeiro de 1949, quase um mês após o ocorrido.

Alegria Steinbruch Rabinovich (1919-1948), esposa de Samuel, era neta de Abraham Steinbruch – líder religioso da Colônia Philippson da Jewish Colonization Association (JCA, leia o texto abaixo) em Santa Maria (RS) – e de Beile Kotek (1859-1937). Alegria era a filha mais velha dos sete filhos de Benjamin (1887-1946) e foi uma das primeiras mulheres médicas formada na Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Samuel Rabinovich, em sociedade com seu irmão Sam, se tornou dono da Fiação e Tecelagem Campo Belo, em São Roque (SP). Com o falecimento de Samuel, Mendel e Eliezer Steinbruch, irmãos de Alegria, entram na sociedade e a empresa foi rebatizada com a denominação de Têxtil Elizabeth, uma homenagem à mãe de Alegria. Desta associação entre as famílias Steinbruch e Rabinovich surgiu o Grupo Vicunha, um dos mais importantes da indústria têxtil nacional.

## As colônias da JCA

---

A Jewish Colonization Association (JCA) foi fundada em Londres em 1891 para desenvolver projetos de ensino técnico e de cooperativas para incrementar a agricultura das massas judaicas empobrecidas na Europa Oriental e do Império Russo. Quando a emigração dos judeus se tornou uma opção preferencial de parcela da população, a JCA passou a organizar colônias agrícolas fora da Europa. Na Argentina, onde a primeira colônia foi a de Moisesville em 1893, a JCA chegou a estabelecer cerca de 20 mil agricultores. A entidade também criou colônias no Canadá e nos Estados Unidos.

O fundador da JCA foi Maurice Hirsch, conhecido como Barão Hirsch (1831-1896), filantropo, banqueiro e investidor em negócios, entre eles a concessão oficial pelo governo turco, da Oriental Railway, que ligava Constantinopla, sede do Império Otomano, à Europa. Hirsch foi sucedido por Franz Moses Philippson (1851-1929).

No Brasil, a JCA fundou duas colônias agrícolas no Rio Grande do Sul: em 1904 um grupo de 37 famílias judaicas da Bessarábia, antiga província russa, chegou a Pinhal, próximo a Santa Maria, povoando a colônia agrícola de Philipppson. Pouco depois, em 1912, foi fundada uma segunda colônia agrícola, a de Quatro Irmãos, no município de Passo Fundo. Em 1915, esta colônia abrigava mais de 350 famílias, um total de 1.600 pessoas. Incluindo os chegados nos anos 1920, ficaram divididas em quatro núcleos – Quatro Irmãos, Baroneza Clara, Barão Hirsch e Rio Padre. As colônias agrícolas acabaram se dissolvendo e a maioria de seus habitantes reimigrou para cidades, mas este foi o principal movimento de imigração judaica para colônias agrícolas no País.

► *Continuando na mesma rua, na direção oposta ao Memorial, até chegar à Alameda 2, onde há uma árvore, vire à esquerda e entre na rua seguinte até a Q14 R10 N39 (a numeração não é linear).*

**3** **Q14 R10 N39** Itzel, falecida em 1º de janeiro de 1948 “aos 95 anos de idade”. A inscrição destaca a impressionante idade da falecida para os padrões da época.

► *Continue na mesma rua, em direção ao Memorial, e ande até o N169.*



**4** **Q1 R10 N169** Moyses Kauffmann (1908-1979), advogado formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, foi um dos fundadores e o primeiro presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp), em 1946, e um dos fundadores da Confederação das Entidades Representativas da Coletividade Israelita do Brasil (Cercib), depois Confederação Israelita do Brasil

(Conib), em 1948, da qual se tornaria presidente em 1960, sucedendo a Fritz Feigl, posição que ocupou até 1972.

Tanto a Federação de São Paulo (e outras federações estaduais) como a Confederação marcam o momento em que as comunidades judaicas se organizam politicamente para ter uma representação política em um contexto de redemocratização do País e de fundação do Estado de Israel. A Cercib foi fundada para que a comunidade judaica brasileira pudesse ser representada na Segunda Plenária do

Congresso Judaico Mundial (CJM), realizada em Montreux, Suíça, em 1948, com a participação de 44 países e que tinha em sua pauta a reconstrução da vida judaica após o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial – nos campos assistencial, econômico, educacional, cultural –, a constituição de uma esfera de defesa dos direitos civis das comunidades judaicas, a defesa dos direitos humanos, a luta contra o racismo e o antissemitismo e o apoio à criação e consolidação do Estado de Israel, fundado em 15 de maio de 1948.

► Voltando até a Alameda 2, suba uma rua, até a R9, para observar mais um conjunto familiar de túmulos.



5

**Q14 R9 N35 e N36** O conjunto de oito túmulos da família Leirner, como outros já visitados, chama atenção pela unidade e sobriedade das lápides: grandes pedras tumulares iguais, com uma das partes boleada, com poucas inscrições em metal: nome em português, datas e uma pequena Estrela de David ladeada das letras פ (*pei*) e נ (*nun*), iniciais em hebraico de *Po Nitman*, “aqui jaz”.



O casal Isai e Felicia Leirner faz parte da história da arte em São Paulo, ela como artista, ele como colecionador. As obras de Felicia podem também ser encontradas em diversos locais públicos da cidade de São Paulo, na Praça da Sé, no Parque do Ibirapuera e nos jardins do Palácio dos Bandeirantes.

Felicia (1904-1996) e Isai (1903-1962) nasceram em Varsóvia e emigraram para o Brasil em 1927. Felicia construiu uma obra como escultora, que teve início no ateliê de Victor Brecheret. Na década de 1950, recebeu o prêmio concedido pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ). Em 1963, na Bienal, recebeu o prêmio destinado ao melhor escultor do Brasil. Além das Bienais, realizou exposições coletivas e individuais e tem peças expostas em Amsterdã, Londres, Roma, Belgrado e Tel Aviv. Em 1978, Felicia resolveu doar suas peças ao Governo do Estado de São Paulo, que criou, no ano seguinte, o Museu Felicia Leirner, em Campos do Jordão, reunindo mais de 80 esculturas suas espalhadas por um parque de 350 mil m<sup>2</sup>.

Isai, junto com o irmão Zimon (1907-1972), sepultado ao lado, fundou uma pequena confecção, que se tornaria importante empresa têxtil, a Tricolã. O casal Isai e Felicia manteve intenso contato com artistas, colecionadores e críticos, o que levou Isai Leirner a

participar da diretoria do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) a convite de Ciccillo Matarazzo. Em 1957, afastou-se do MAM e criou a Galeria de Arte das Folhas, centro de exposições e debates, e instituiu o Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, concedido anualmente, que adquiria obras e as doava a museus brasileiros. A galeria e o prêmio são exemplos da valorização e do incentivo aos artistas e das transformações no meio artístico na década de 1950. Tanto a Galeria como o prêmio não tiveram continuidade após o seu falecimento em 1962.

Isai e Felicia tiveram dois filhos que também tiveram trajetória no campo das artes: Giselda Leirner (1928-), desenhista, pintora e gravadora, e Nelson Leirner (1932-2020), artista intermídia e professor universitário. Também o irmão Zimon e sua esposa Sarah tiveram descendentes ligados às artes, entre eles a filha Jeanete Musatti, artista plástica, o filho Adolpho Leirner, colecionador, e a neta, Jac Leirner, artista plástica.

► Ao lado, visite agora o N152A.

6

**Q1 R9 N152A** Uma pequena lápide em uma campa gramada se sobressai entre os outros túmulos deste cemitério, mas é semelhante ao padrão adotado atualmente no Cemitério Israelita do Embú. Kathe Schwarz (1902-1999) nasceu em Viena, Áustria, filha de Josephine e Robert Herzog, casou-se com Johann Schwarz em 1929, estudou Biologia e Química e ao mesmo tempo trabalhou no comércio de chapéus femininos do sogro. Em 1938, aos 36 anos, nasceu seu único filho, Roberto. Após a anexação da Áustria pela Alemanha, fugindo do nazismo, com o marido e o filho de meses, Kathe conseguiu chegar ao Brasil no início de



o Brasil no início de

1939. Viveram em Limeira e depois em São Paulo, onde Johann trabalhou para a fábrica de chapéus Prada (ele era formado em Direito, mas não conseguiu a revalidação do diploma). Durante algum tempo, ela foi voluntária na Ofidas, antes de começar a trabalhar.

Aos 50 anos, obteve o reconhecimento de seu diploma e um emprego no Instituto Biológico do Estado de São Paulo. Mesmo começando uma carreira tardia, em 1952, se tornou referência na área de bioquímica de plantas. Suas publicações no País e no exterior lhe renderam uma bolsa da Fullbright em 1959, passando um ano em Boston. Trabalhou no Instituto Biológico até se aposentar em 1969. O filho Roberto Schwarz se tornaria um dos mais reconhecidos críticos literários do País, professor da Unicamp e autor de clássicos como *Ao Vencedor as Batatas* e *Duas Meninas*.

► *Continuando pela mesma rua, quase na Alameda 1, chegamos ao N137.*

**7** **Q1 R9 N137** Encontramos aqui uma das quatro efígies do cemitério, neste caso de um jovem falecido no dia em que completava 24 anos. A escultura, provavelmente elaborada a partir de uma fotografia e pintada com cores, imprime intenso realismo à imagem e pode ser avistada de longe. Também chama atenção o formato peculiar da pedra vertical e a placa com epitáfio, que remete às Tábuas da Lei, um símbolo muito frequente em outros cemitérios judaicos, mas quase inexistente neste.



► *Atrás desse túmulo, uma sequência de pequenas capelas, que podemos observar dando a volta pela Alameda 1, que desce rumo ao Memorial do Cemitério.*



8

**Q1 R10 N153 a N158** Esta série de pequenas capelas se destaca no cemitério, com portas e aberturas através das quais se pode ver o interior. As capelas também permitem que familiares e amigos lembrem dos falecidos e rezem em seu interior abrigados do espaço aberto.

A maioria dos túmulos em forma de capela, que sugere que eram pessoas ilustres, está próxima ao Memorial, mas há alguns distribuídos pelo cemitério, tanto de homens como de mulheres.

Uma das discussões na Sociedade Cemitério no final da década de 1940 se referia justamente a estas construções, que se diferenciavam do padrão relativamente discreto e comedido. O regimento interno definiu que era preciso uma autorização da diretoria para a sua construção e apenas para “personalidades religiosas elevadas”. No regulamento interno de 1957 ficou reiterado que tal estrutura só poderia ser construída com autorização especial da diretoria e que, de qualquer forma, só seria concedida a rabinos.

Entre as capelas, o túmulo N155, de Maurício, tem um *shofar* desenhado. O *shofar*, semelhante a um berrante, é um instrumento feito

de chifre para ser tocado na sinagoga em *Rosh Hashaná*, o Ano Novo Judaico, e no Dia do Perdão, o *Yom Kipur*.

► *Para continuar o roteiro, volte até a Alameda 1 e suba em direção ao portão até a R8, entrando à direita, do mesmo lado que estávamos.*

9

**Q1 R8 N120 e N121** Lado a lado estão os túmulos do casal Olga Tabacow (1876-1949), fundadora da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, e de Isaac Tabacow (1870-1930), fundador da Sinagoga Comunidade Israelita em 1912, primeira entidade judaica de São Paulo, da entidade assistencial Ezra, em 1915, e da Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo em 1923.



A Sociedade Beneficente Amigo dos Pobres Ezra foi fundada em 1916 com o objetivo de amparar os imigrantes em todas as suas necessidades e logo se tornou não apenas a principal entidade que acolhia os recém-chegados como também uma instituição que organizava a comunidade em seus primeiros tempos. A maioria dos imigrantes judeus que começaram a chegar a São Paulo na década de 1910 era pobre, sem condições mínimas de sustento, sem moradia e sem falar a língua.

A Ezra organizava o processo de recepção legal dos imigrantes. A legislação brasileira sobre imigração de estrangeiros deixava margem a bastante ambiguidade e à possibilidade de recusar a entrada de viajantes pobres que chegavam de navio. Pela lei, praticamente toda pessoa que chegasse de segunda ou terceira classe era declarada imigrante e sujeita a uma série de restrições, como a recusa à entrada no País dos que não tivessem trabalho declarado ou endereço definido, entre outras cláusulas. Na prática, as ambiguidades e o excesso de cláusulas davam margem também a um certo território de negociações legais e era neste campo que a Ezra trabalhava, providenciando, por exemplo, certificados de trabalho e de moradia, além das cartas de chamada, que garantiam um responsável no Brasil pelo imigrante e um endereço de contato, o que viabilizava o processo de entrada.

A Ezra pagava auxílios pontuais e mensais para os imigrantes se manterem, para começarem a trabalhar, consultas e tratamentos médicos, internações e cirurgias. Em mais de um caso, custeou enterros de pessoas pobres no Cemitério. Em 1924 a Ezra incorporou a Sociedade Pró-Imigrante, ou Comitê de Socorro aos Imigrantes Israelitas, e o nome da nova entidade passou a ser Sociedade Beneficente Israelita Ezra, pelo qual tornou-se conhecida.

► *Continue pela mesma rua até chegar a N133.*

10

**Q1 R8 N133** José Preisz (1904-1932), estudante de Direito da Faculdade do Largo São Francisco e soldado paulista morto durante a Revolução de 1932. A ele, Miguel Reale, jurista, professor da Faculdade de Direito da USP e líder integralista nos anos 1930, dedicou o livro *O Estado Moderno (Liberalismo – Fascismo – Integralismo)*, editado em 1934.

A Revolução de 1932 atingiu a comunidade judaica devido à localização geográfica da maior parte dos imigrantes. Os bairros da Luz e do Bom Retiro foram um dos epicentros da movimentação, inclusive militar, uma vez que o quartel da Força Pública, o QG dos insurgentes, se localizava ali. A região sofreu pesados bombardeios e foi palco de duros combates. As aulas do Gymnasio Renascença, que funcionava



na Avenida Tiradentes, foram suspensas e numerosas famílias fugiram para o interior do Estado.

A mobilização na comunidade judaica ocorreu para prover os necessitados, com a criação de um Comitê de Emergência e um fundo especial. A Sociedade das Damas fez campanha na qual angariou doativos em dinheiro e objetos para a Cruz Vermelha Brasileira, inclusive com a confecção de capuzes para os soldados paulistas.

► *Na mesma rua, logo à frente, encontramos a sepultura N135.*

11

**Q1 R8 N135** Mauricio (Moritz) Rotschild (1870-1933) nasceu em Pforzheim, Alemanha, e veio para o Brasil jovem, primeiro ao Rio de Janeiro, depois a São Paulo, onde em 1904 tornou-se sócio, com Carlos Gerke, da gráfica *Typographia Brazil Rothschild & Co.*, que produzia mapas e cartões postais que se tornaram imagens icônicas de São Paulo, de Santos, do Guarujá e do interior do Estado. Entre 1911 e 1913 editou duas longas e célebres séries de cartões postais, alguns colorizados com a técnica conhecida como cromolitografia. Também imprimiu publicações da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, com precisa reprodução de fotografias e mapas.

► *Seguindo pela mesma rua, até a Alameda 2, suba uma rua, R7, e entre à esquerda até o N116 (a numeração não é linear).*





12

**Q1 R7 N116** Com quatro vistosas colunas ornamentadas que formam um templo, com uma Estrela de David, decoração de motivos florais e uma escultura de livro e de Tábuas da Lei em cima da lápide com a inscrição, esta sepultura de Bernardo (1863-1930) se destaca na paisagem. O efeito se intensifica quando olhamos através das colunas e vemos uma perspectiva do cemitério, o templo formado pelas colunas parece crescer em tamanho.

► *Continue pela mesma rua até o N112.*

13

**Q1 R7 N112** Sepultura de 1926 de Mayer, imigrante nascido em Smyrna em 1872, apresenta uma escultura que remete a um templo, ao antigo Templo de Jerusalém, com quatro colunas imponentes, frontal decorado e mais duas esculturas em pedra: um livro aberto, remetendo à Torá, o Pentateuco composto pelos cinco livros da Bíblia Hebraica (Antigo Testamento), ao estudo e à sabedoria, ao conhecimento e ao apego à tradição, e outra de duas mãos



que representa a memória da casta dos sacerdotes, os *cohanim*, que em geral aparece desenhada ou pintada na sepultura. Um detalhe diferente é que o nome do falecido está na lateral frontal da sepultura e não inscrita nela, como ocorre na quase totalidade dos túmulos. Esta sepultura é semelhante em sua forma à que vimos antes.

► *Seguindo pela mesma rua até a Alameda 1, subiremos em direção ao portão, até a R4, para visitar um grande conjunto de túmulos quase iguais formado pela família de Maurício e Berta Klabin.*

14

**Q1 R4 N51** No Cemitério Israelita da Vila Mariana existem alguns conjuntos familiares, como o da família de Maurício e Bertha Klabin, uma dinastia familiar, empresarial, cultural e política que inclui o pintor Lasar Segall e o arquiteto Gregori Warchavchik. A opção da família foi estabelecer unidade e padronização aos túmulos, que se mantém ao longo de cem anos, desde o primeiro sepultamento até o mais recente em 2020, de Maurício Segall. Não existem em cemitérios judaicos jazigos familiares como os de cemitérios públicos ou católicos e não se substitui os restos mortais por novos sepultamentos. Mas esse conjunto padronizado cumpre a função de um espaço familiar bem delimitado, que pode ser observado na sepultura de outras famílias, como dos Lichtenstein, Hugo e Roberto (p. 70), que participaram da fundação do cemitério, ou da família Leirner (pp. 101-103). Em todos estes casos se observa o valor comunitário da sobriedade e da simplicidade dos túmulos, destacando-se apenas a qualidade e a beleza da pedra tumular.

O primeiro túmulo, ao lado da Alameda 1 na R4 N51 é o de Maurício Klabin, que faleceu em



## MAURÍCIO KLABIN, MASCATE DE CIGARROS EM 1889

Foi em 1889 que Moissi Elkana ou, em ídiche, Moishe El-Chono Klabin, nascido na Lituânia, desembarcou na cidade, depois de viver em Londres, e adotou o nome de Maurício Freeman Klabin. Ao chegar a São Paulo, trazia 20 quilos de tabaco para começar a trabalhar e um baú com modestas posses. Os cigarros de papel que passou a vender eram uma novidade, diferenciavam-se do cigarro de palha de milho, definindo um novo gosto e hábito urbano elegante, distante do costume rural, em uma cidade que progredia e queria se diferenciar do campo.

Após o comércio com cigarros de papel, Maurício passou a trabalhar como funcionário em uma tipografia e papelaria, ofício e comércio associados ao desenvolvimento das atividades urbanas, comerciais e públicas na cidade de São Paulo. O casal dono do negócio se aposentou e vendeu a ele em prestações. A tipografia e a papelaria supriam uma demanda crescente por diversos tipos de impressos avulsos, itens de registros e de correspondência, livros de escrituração e contabilidade e outros. Percebendo o potencial dessa nascente vida urbana, em 1893 Maurício tornou-se sócio na tipografia M. F. Klabin & Martin Junior, quando ainda usava o nome Morris e tinha como sócio Jules Martin Junior.

Em 1895, aos 35 anos, e vivendo na capital paulista havia cerca de seis,

Maurício decidiu trazer ao Brasil a família que ficara na Lituânia. Após a dissolução da sociedade M. F. Klabin & Martin Junior, iniciou a empresa M. F. Klabin & Irmão e, depois, reunindo Hessel, Salomão, Luiz e o cunhado Miguel, fundaram a firma Klabin Irmãos e Companhia para continuar no mesmo ramo de negócio: papelaria, impressos, livros de contabilidade e objetos para escritório. Além disso, a empresa começou a fazer propaganda de suas folhinhas para 1900, provavelmente o item mais popular entre os produtos da empresa.

Pouco mais de uma década após chegar ao Brasil, Maurício Klabin arrendou em sociedade, em 1902, a mais antiga e importante fábrica de papel em funcionamento no estado de São Paulo, na cidade de Salto, e ingressou no campo industrial e no ramo da fabricação de papel. Em 1904, embarcou a negócios para a Europa, buscava *know-how* e tecnologia para expandir seus negócios e abrir, com os irmãos, uma fábrica própria, o que fez em 1909, quando inaugurou-se a Companhia Fabricadora de Papel (CFP) e teve início a trajetória das indústrias de papel Klabin.

Após o falecimento de Maurício, em 1923, os principais sucessores na direção da empresa foram Wolff Klabin e Horácio Lafer. Em 1925, a Klabin possuía quinze fábricas em funcionamento e em 1927 chegou a 23 fábricas.

setembro de 1923 na Alemanha e teve seus restos mortais trasladados para o Cemitério da Vila Mariana em 24 de outubro daquele mesmo ano. Ele foi o doador do terreno deste cemitério e um dos fundadores, em São Paulo, conjuntamente com a esposa, Bertha, e outros integrantes da família, de algumas das primeiras instituições da comunidade judaica nos anos 1900 a 1920: a sinagoga *Kahalat Israel* (1912), a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas (1915) e o Gymnasio Hebraico-Brasileiro Renascença (1922). São entidades que definiram a moldura institucional da comunidade quando teve início o fluxo de milhares de judeus à cidade de São Paulo, a partir de 1910.

Ao seu lado encontram-se os túmulos de seus pais, Leon e Chaia. Chaia Sarah, nascida em Wilkomir (atual Lituânia) em 1837, faleceu em 1910 e, portanto, seus restos mortais foram trasladados para este cemitério. O pai, Leão (Leib) Klabin, nascido em 1839, faleceu em 1924.

15

**Q1 R4 N54** Para concretizar o desejo de se casar, e como o núcleo judaico em São Paulo era muito pequeno, com apenas algumas dezenas de famílias, Maurício, aos 35 anos, decidiu seguir os costumes dos judeus mais religiosos e das pequenas aldeias judaicas da Europa Oriental e escreveu aos pais para que escolhessem uma noiva. Estes recorreram a um *chatchen*, literalmente um “casamenteiro”. O *chatchen* encontrou uma moça em Rejitzta, Rússia, de 25 anos, chamada Bertha Osband. Foi estabelecida a correspondência e trocadas as fotografias. Maurício gostou da moça pela correspondência e foi acertado o casamento, ela viria ao Brasil com os sogros e a cunhada, Nessel. O casamento celebrou-se em 1895.



Bertha Osband nasceu em 1870, se tornou professora, estudou hebraico, língua que ganhava impulso com o processo de fortalecimento do movimento nacional judaico, o Sionismo, e também com o Iluminismo judaico, e, segundo os relatos, era uma mulher culta. Em São Paulo, Bertha Klabin prosseguiu com as atividades na comunidade judaica e, na década de 1930, participou da fundação do Lar das Damas Israelitas. No ano de 1930, quando as Damas tiveram seus estatutos registrados, era a presidente.

### Mina, Jenny, Luiza e Emanuel

Maurício e Bertha tiveram quatro filhos: Mina, nascida em 1896, Eugênia (conhecida como Jenny), nascida em 1899, Luiza, nascida em 1901, e Emanuel (Manuel ou Maneco), nascido em 1902. A família residiu em Londres, em Genebra e na Alemanha, país no qual Bertha e os quatro filhos viveriam longos períodos de sua infância e juventude. Crescidas e educadas em um ambiente judaico e liberal, Luiza se casou com o médico Luiz Lorch, Mina com o arquiteto Gregori Warchavchik, e Jenny com o artista plástico Lasar Segall.

As casas onde viveram as duas filhas mais velhas de Maurício Klabin – Mina e Jenny – são instituições culturais importantes da cidade: a Casa Modernista, onde residiram Mina e seu marido, Gregori Warchavchik, que integra o Museu da Cidade de São Paulo, e o Museu Lasar Segall, dedicado ao pintor, marido de Jenny, instituição federal que pertence ao Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

Ao lado de Bertha, estão sepultados sua filha Jenny Klabin Segall e Lasar Segall.

16

Q1 R4 N55 Jenny Klabin, nascida em São Paulo em 1899, iniciou nos anos 1930 sua atividade literária como tradutora de clássicos do teatro ale-





cultura e na arte moderna europeia das primeiras décadas do século 20, ao migrar ao Brasil em 1926 Lasar Segall se tornou figura central no modernismo, nas artes plásticas paulistas nos anos 1920 e 1930. Entre pinturas, gravuras, aquarelas, desenhos e esculturas, Segall legou primorosos retratos judaicos da Europa Oriental (região de origem do principal influxo da imigração judaica ao Brasil), de avós e mestres, de imigrantes e refugiados, de pogroms, da guerra e do Holocausto, junto a uma profunda aproximação com as pessoas e as paisagens brasileiras, suas cores e seus sofrimentos (leia mais na p. 117).

O pai de Lasar Segall, Abel Segall, também está sepultado neste cemitério (Q1 R5 N76). Abel nasceu em 1850 e faleceu em 1927. Na sepultura, está escrito em hebraico: “Foi um grande escriba de seu povo”; ele era *sofer*, escriba da Torá, que copiava o texto da Bíblia Hebraica em pergaminho.

Ao lado de Lasar Segall estão sepultados Mina, a filha mais velha de Maurício e Bertha, e seu marido, Gregori Warchavchik.

18

**Q1 R4 N57** Mina foi a primeira criança da família Klabin a nascer no Brasil, em 1896. Em 1927, casou-se com o arquiteto Gregori Warchavchik e tiveram dois filhos. Na primeira obra de Warchavchik, residência do casal na Rua Santa Cruz (1928), considerada o primeiro exemplar da arquitetura moderna no Brasil, Mina fez o projeto paisagístico do jardim da residência, iniciando uma parceria com Gregori que se repetiu em outros projetos, utilizando espécies nativas brasileiras e rompendo com parâmetros europeus, o que é considerado por muitos como pioneiro no emprego de vegetação tropical, relacionando-se com a arquitetura modernista. O uso de cactos e mandacarus, içados à posição de ícones de uma cultura nacional pelo modernismo, são uma constante em seus jardins.

Foi na residência do casal que se fundou a Spam (Sociedade



Pró-Arte Moderna), com a participação de Jenny e Lasar Segall, da qual Mina foi a primeira diretora. Ela foi sempre uma incentivadora de projetos artísticos, fosse na música ou na arquitetura, e foi uma das fundadoras da Sociedade Sinfônica de São Paulo, em 1930.

## A ARTE JUDAICA

Nascido em 1891 em Vilna, na Lituânia, Lasar Segall estudou na Alemanha a partir de 1906. Foi de volta a Vilna, em 1910 e 1911, que Segall teve mais contato com a arte moderna judaica na Lituânia e na Rússia e com um movimento de artistas que pretendia criar uma arte nacional judaica, com inspiração popular, entre eles Marc Chagall e El Lissitzky.

Segall fez a primeira viagem ao Brasil em 1913, onde vivia sua irmã Luba, casada com Salomão Klabin, irmão de Maurício Klabin. Dos seis irmãos de Lasar, todos em algum momento moraram no Brasil. Nos poucos meses em que morou em São Paulo, apoiado pelo senador Vergueiro, mecenas das artes, Segall realizou duas exposições, exibindo quadros impressionistas em São Paulo e em Campinas.

Foi a partir de 1913, após retornar da viagem ao Brasil, e nos anos durante e após a Primeira Guerra Mundial, ao voltar a Dresden, na Alemanha, que Segall se inseriu no grupo expressionista Dresdner Sezession (Secessão de

Dresden). Ao imigrar para o Brasil em 1923, Segall era um artista que já havia participado de importantes exposições na Alemanha e integrava o movimento expressionista. Ele passou a viver em São Paulo, em função da irmã Luba e da família Klabin. Pouco tempo após imigrar ao Brasil, Segall e sua esposa, Margarete Quack, se separaram e, em 1925, ele se casaria com Jenny Klabin.

Em São Paulo, Segall integrou os círculos modernistas, com Mário de Andrade, e os salões de Olívia Guedes Penteado, onde se realizavam as festas da Sociedade Pró-Arte Moderna (Spam), para as quais ele desenhava cenários e roupas.

Em 1937, a Alemanha nazista confiscou, do Museu de Breslau, na Alemanha, dez gravuras do pintor Lasar Segall que ele havia enviado ao museu no começo da década de 1930. Estas gravuras foram consideradas “arte degenerada” pelo nazismo, que organizou uma grande exposição com este nome, incluindo Lasar Segall e outros expoentes da arte moderna.



19

**Q1 R4 N58** Gregori Ilych Warchavchik (1896-1972) nasceu em Odesa, Rússia, formou-se em arquitetura na Itália em 1920 e mudou-se para o Brasil em 1923, contratado como arquiteto pela Companhia Construtora de Santos. É considerado o introdutor da arquitetura moderna no Brasil e, por meio de suas obras e textos divulgados na

imprensa, é figura central na história da arquitetura brasileira. Em 1925, publicou o texto “Futurismo?”, tido como o primeiro manifesto da arquitetura moderna no País. Ele defendia uma nova arquitetura baseada na racionalidade, no antidecorativismo e na economia da construção.

Warchavchik se naturalizou brasileiro em 1927, se inseriu nos círculos modernistas e abriu o próprio escritório. Sua obra inicial, sua própria residência na casa da Rua Santa Cruz (1928), é considerada o primeiro exemplar da arquitetura moderna no Brasil. A família residiu ali até meados dos anos 1970. A residência foi tombada em 1984 pelo Condephaat e pelo Iphan e faz parte do conjunto de casas históricas do Museu da Cidade de São Paulo.

► *Continuando na mesma rua, um pouco a frente encontramos a N61.*

20

**Q1 R4 N61** Horácio Lafer nasceu em São Paulo em 1900, filho mais velho de Miguel Lafer e Nessel Klabin Lafer, irmã de Maurício Klabin, sepultados ao lado. Foi um dos mais importantes líderes industriais e políticos do País entre as décadas de 1930 e 1960. Estudou Direito na Faculdade do Largo São Francisco, especializou-se em economia e finanças na Alemanha, se diplomou pela Faculdade de Filosofia de Berlim e sucedeu o pai nas empresas da família.

Participou, junto com Roberto Simonsen e outros, da luta pela industrialização do País e da criação, em 1929, do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. Foi presidente emérito da Federação das In-

dústrias do Estado de São Paulo, deputado constituinte em 1934 e 1946 e deputado federal até 1962. Foi ministro da Fazenda do governo de Getúlio Vargas (1951-1953), ministro das Relações Exteriores



do governo de Juscelino Kubitschek (1959-1961), na qual desenvolveu uma ativa política em relação à Organização Pan-Americana e América Latina, assinando tratados que deram origem à Associação Latino-Americana de Livre Comércio (Alalc).

Foi fundador do PSD e, segundo Ulysses Guimarães, um líder e “um homem de inteligência política clara, precisa e realista”. Casou-se com Maria Luísa Salles Lafer. Teve também destacada atuação cultural, participando de muitas iniciativas de Assis Chateaubriand, tendo sido inclusive presidente do Masp. Faleceu em Paris em 1965.

► *Passando ao lado da sepultura de Miguel e Nessel Klabin, na rua de baixo podemos conhecer a sepultura dos outros integrantes da família.*

21

**Q1 R5 N71, N69 e N68** No N71, encontra-se sepultado Emanuel Klabin, o filho caçula do casal Bertha e Maurício Klabin, nascido em 1902. É interessante notar que há aqui uma área ajardinada ainda livre e reservada para novos sepultamentos da família. O descendente de Maurício Klabin que foi sepultado mais recentemente foi seu neto, Maurício Segall, filho de Jenny e Lasar Segall e diretor do Museu Lasar Segall. Seu túmulo está na rua de baixo, próximo à Alameda 1, e segue o mesmo padrão dos outros da família, mantendo a ideia de um só conjunto.

Na mesma rua, próximo à Alameda 1, estão os túmulos de Luiza e Luiz (Ludwig) Lorch. A terceira filha de Maurício Klabin, Luiza, nasceu em São Paulo em 1901 e, como os outros filhos, dividiu a infância e juventude entre Brasil e Europa. A família estava na Alemanha quando Maurício faleceu em 1923. Na volta ao Brasil, Luiza conheceu Ludwig Lorch, que era o médico do navio. Casaram-se em 1924 e depois passaram a viver no Brasil.

O casal teve expressiva atuação na comunidade judaica. Em 1932, a B'nei B'rith iniciou suas atividades no Brasil e Luiz Lorch assumiu como presidente. No mesmo ano, 1932, foi criada



a Gota de Leite da entidade, que providenciava cuidados a recém-nascidos e crianças de até cerca de dois anos, fornecendo leite, alimentos, roupas, remédios e procurando difundir conhecimentos considerados científicos sobre como cuidar dos bebês. Luiza Lorch assumiu a presidência e Luiz Lorch colaborava como médico voluntário. Em 1935, foi criado o Lar da Criança Israelita da Sociedade das Damas Israelitas, no bairro do Bom Retiro, abrigando crianças imigrantes órfãs e crianças cuja situação familiar era precária, e Luiza estava na primeira diretoria. Ela esteve também à frente do processo de criação da Ofidas, que reuniu as Damas Israelitas, o Lar da Criança e a Gota de Leite.

## A imigração de judeus da Alemanha

A partir de 1933, com a ascensão do nazismo ao poder, começam a chegar ao Brasil muitos imigrantes judeus da Alemanha e o casal Luiz, nome adotado no Brasil, e Luiza Lorch tornou-se o centro da vida judaico-alemã na cidade e o coração de uma rede informal de apoio aos imigrantes. A Comissão de Assistência aos Refugiados Israelitas da Alemanha – Caria –, fundada em 1933, quando chegaram os primeiros 150 imigrantes judeus da Alemanha a São Paulo, teve Lorch como um de seus criadores. A Caria auxiliou mais de 300 famílias refugiadas, em cooperação com várias entidades judaicas internacionais, como o Joint, da qual Lorch era o representante no Brasil. Em 1934 foi fundada a Sociedade Israelita Paulista – SIP –, a primeira entidade que reunia os imigrantes em uma sede no Largo Paissandu. Em 1936 foi fundada a Congregação Israelita Paulista – CIP. CIP e SIP unificaram-se em 1938. O auge da imigração da Alemanha foi o ano de 1939, com 1.425 novos imigrantes. Luiz Lorch foi presidente da CIP de 1936 até 1941.

Os imigrantes judeus alemães começaram a chegar em maior número a São Paulo em 1933. O antissemitismo, que era central na ideologia nazista, materializou-se em mais de 400 leis e decretos racistas entre 1933 e 1939, quando começou a Segunda Guerra Mundial. No mesmo ano em que assumiu o poder, o partido nazista promulgou leis que excluíaam os judeus alemães de cargos públicos e intensificou o discurso antissemita. Em abril de 1933 foi organizado um dia nacional de boicote contra as atividades econômicas de judeus. As faculdades de Direito perderam 78,5% dos professores por razões políticas ou porque eram judeus.

No total, dos cerca de 600 mil judeus que viviam na Alemanha, metade, 300 mil emigraram daquele país entre a ascensão do regime nazista em 1933, e o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939. Cerca de 15 mil pessoas se refugiaram em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, além de judeus austríacos e italianos, que fugiram da anexação da Áustria pela Alemanha e das leis antissemitas na Itália. Em São Paulo, foi fundada em 1936, a Congregação Israelita Paulista (CIP). Em Porto Alegre foi estabelecida em 1936 a Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (Sibra) e, na cidade do Rio de Janeiro, em 1942, foi criada a Associação Religiosa Israelita (ARI). O Brasil era uma exceção entre os países que aceitavam, embora com várias restrições, imigrantes. Entre 1935 e 1940, a Grã-Bretanha permitiu a entrada de apenas 75 mil judeus na Palestina. Os cerca de 300 mil judeus alemães que permaneceram na Alemanha foram, a partir de 1942, deportados para campos de concentração e extermínio.

O casal Lorch também está na origem de outra sinagoga paulista, a Comunidade Shalom. Foi na residência do casal Luiz e Luiza que várias famílias se reuniram, de 1948 a 1962, para celebrar as festas religiosas tendo como modelo o serviço religioso reformista do Templo Emanu-El (New York). Este grupo continuou se reunindo até a formalização da Shalom em 1970.

Aqui encerramos este roteiro. Se quiser continuar o passeio, desça em direção ao Memorial do Cemitério para iniciar o Roteiro 4.



QUADRAS

3

4

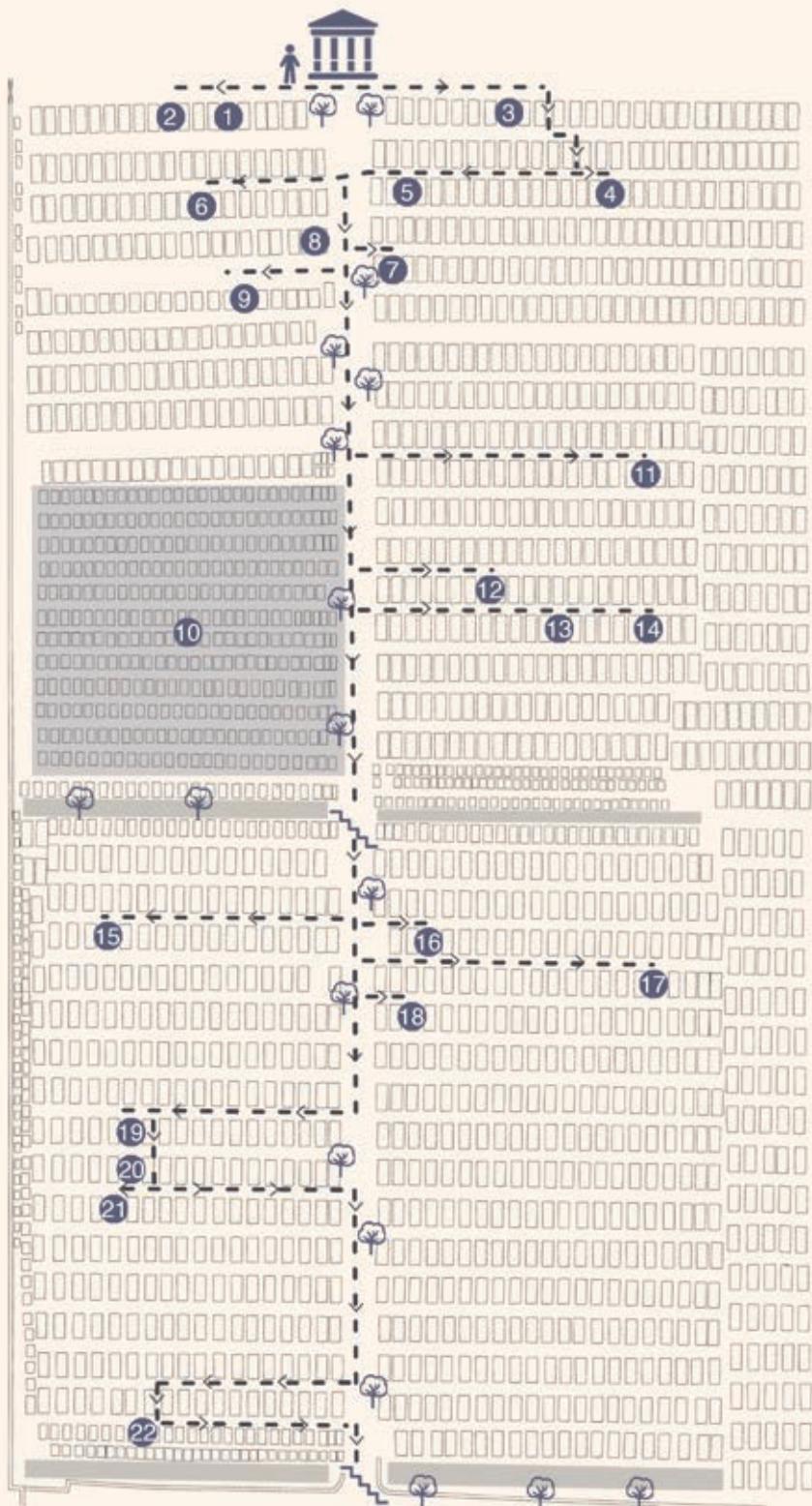
5

6

7

8

9





**P**ara iniciar o Roteiro 4, estando na Alameda 1, próximo ao portão e olhando o Memorial de frente, desça até ele e contorne-o pela direita até a rua que passa logo atrás e divide as Q<sub>2</sub> e Q<sub>3</sub>. Até os anos 1950, era por esta rua que se entrava no Cemitério Israelita, por meio de um portão, hoje fechado por muro, que o ligava ao Cemitério Municipal. Era por aqui que as carroças carregando os corpos chegavam até a Casa de *Tahará*, atual Memorial, para prepará-los para o sepultamento. O portão original encontra-se hoje exposto no Cemitério Israelita do Embu.

Comece observando o túmulo da Q<sub>3</sub> R<sub>1</sub> N<sub>4</sub>.

**1** Q<sub>3</sub> R<sub>1</sub> N<sub>4</sub> Apenas quatro sepulturas no cemitério têm efígies como esta de José (1899-1934), nascido em Lodz, Polônia, no





אשה חשובה  
 חביבה היתה למשפחתה  
 ונכבדה לבריות סאסי בר'  
 אברהם יודרה קושנינו פשטשונו  
 נולדה תרס"ו נפטרה פ"ח א"ר  
 תרצ"ח ת"נ צ"ב ר"ח



הא  
 מר  
 ידו  
 נול  
 פא  
 פים  
 7

פ"ח  
 כ"ב  
 ר"ש  
 נפטר  
 י"ס  
 מכת

י"ח  
 מ"ח  
 י"ח  
 מ"ח

caso uma imagem de perfil. As efígies, assim como as fotos, permitem perpetuar na pedra o rosto do falecido.

► *Bem próximo, na mesma rua, em direção ao muro do Cemitério Municipal, encontramos a N8.*

2

Q3 R1 N8 Sepultura de Peschanca (1900-1935), apelido carinhoso de Pешa, retratada na fotografia, apresenta ornamentos com desenho de flores semelhantes aos que encontramos em diversas outras sepulturas (foto na pág. ao lado).

► *Contornando a parte de trás do Memorial, atravesse a Alameda 1, no local onde há duas árvores, e continue na mesma rua do outro lado.*

3

Esta rua e as cinco ruas de baixo são formadas por túmulos da década de 1920, época de abertura do Cemitério. São bastante semelhantes, compostos por uma sepultura de alvenaria em forma de caixão coberta por uma pedra de mármore cinza.

► *Nosso roteiro continua, passando com muito cuidado entre os túmulos N10 e N11, descendo duas ruas, até a R3, e virando à esquerda até o N51.*





**4** Q6 R3 N51 Isaac (1897-1928) nasceu em Safed, Palestina, e faleceu aos 30 anos em São Paulo, onde foi sepultado pelos três irmãos, David, Morad e Raphael. O cemitério tem falecidos de diferentes origens, incluindo Safed, que abrigou uma das comunidades judaicas que existiu na Palestina ao longo dos séculos e era um centro religioso. Em 1897, a região era parte do Império Otomano, passou para o domínio inglês com o fim da Primeira Guerra Mundial e a cidade de Safed se tornou parte do Estado de Israel em 1948.

► Na mesma rua, continue na direção da Alameda 1 até o N37.

**5** Q6 R3 N37 A cidade de Oswiecim, na Polônia, onde nasceu Simon (1879-1927), possuía uma pequena e antiga comunidade judaica. Mas o nome Oswiecim se tornaria conhecido por outro motivo. Em 1941, ali passaria a funcio-



nar o campo de extermínio de Auschwitz (nome alemão dado à cidade durante a ocupação), onde cerca de 1 milhão de judeus foram assassinados durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Este campo se tornou o triste e trágico símbolo do genocídio nazista.

► *Continuando na mesma R3 do outro lado da Alameda 1, siga até o N39.*

**6** Q3 R3 N39 Como podemos observar em algumas sepulturas, alguns textos muito pessoais ficam registrados e eternizados. Este comovedor texto foi escrito pela irmã Mirla na sepultura de Rachel (1873-1940): “A sua inesquecível irmã ideal acima de todas as futilidades humanas, com a vida eterna e viva lembrança de todos os momentos. Esta singela e simples homenagem de quem a levará ante seus olhos durante toda a existência. Praza a deus que a tua luz sempre viva acompanhe minha estrada deserta e saudosa”.

► *Volte pela mesma rua, vire à direita na Alameda 1, desça até a R5 e entre nela à esquerda, parando logo no segundo túmulo.*

**7** Q6 R5 N74 Miklós faleceu aos 52 anos em 1928, “lutador, guerreiro, nobre”, de quem permanece a “memória eterna, sagrada, orgulhosa, triste”, conforme está escri-



to em húngaro junto à sua efígie entalhada na pedra. Ao lado está Helena, falecida em 1942, que “viveu o tempo que pôde dar seu coração terno e nobre, sua alma inquebrantável nos acompanhando, amor eterno, memória dolorosa”.

► Voltando, do lado oposto da Alameda 1, veja no início da Rua 4 os túmulos N49A e N49B.

8

Q3 R4 N49A e N49B Em dois túmulos quase iguais, com uma área ajardinada cercada por pedras marrons e com pequenas lápides, encontramos as sepulturas de Tatiana Belinky e Júlio Gouveia.

Tatiana Belinky é um dos nomes mais conhecidos da literatura para crianças no Brasil. Foram duas centenas de livros escritos ou traduzidos por ela. Em suas memórias, *Transplante de menina. Da Rua dos Navios à Rua Jaguaribe*, Tatiana relata com emoção e delicadeza a experiência de ser uma criança imigrante. Os nascidos nos anos 1940 e 1950 também vão lembrar do pioneirismo dela, e do marido Júlio Gouveia, no início da TV brasileira, quando escreveram, interpretaram e dirigiram alguns dos primeiros programas para crianças.





Tatiana nasceu em 1919 em São Petersburgo e vivia em Riga, capital da Letônia, quando a família imigrou para o Brasil em 1929; ela tinha dez anos. Na infância, Tatiana falava letão, russo, alemão, ídiche e, depois, português. Em São Paulo, formou-se no Curso Comercial do Mackenzie, trabalhou como secretária e cursou filosofia na Faculdade São Bento. Júlio Gouveia nasceu em Santos em 1914, graduou-se em Medicina pela USP em 1939 e se especializou em Psiquiatria e Psicologia. Júlio e Tatiana casaram-se em 1940. Poucos meses depois, o pai de Tatiana, Aron, faleceu em um acidente aéreo e com 20 anos ela teve que assumir os negócios da família.

A história de Tatiana e Júlio com o teatro e a televisão começou quase por acaso. Os dois eram apreciadores de teatro e fizeram uma apresentação no aniversário da filha de um amigo. Lá receberam o convite para apresentar a peça em um teatro da prefeitura e o sucesso os levou a fazer um espetáculo teatral gratuito que era exibido cada fim de semana em um bairro. Assim nasceu o Teatro Escola de São Paulo (Tesp) em 1948 (leia mais na p. 132).

Os três túmulos, incluindo o do filho André, falecido jovem, estão próximos e são de pedra rústica cercando um jardim com uma pequena lápide com inscrições. No de Tatiana, falecida em 2013, está escrito: “Ela quis ser bruxa ou Emília / foi de fato encantadora / de crianças e adultos / Está agora no mundo mágico / que lhe pertence / Quem sabe um dia a gente se encontra”. No de Julio consta: “Julio / Amoroso / Amado / Deste muito a muitos” e no de André: “Andrezinho / Momento de Luz e beleza / Afirmação de Vida para sempre”.

A mãe da escritora Tatiana Belinky, Rosa, está sepultada próxima, em Q3 R2 N17. Era dentista na Rússia e imigrou ao Brasil com o marido e os filhos, continuando a exercer a profissão. O detalhe da escultura com a flor rosa, remetendo ao nome, ocorre em outras sepulturas de mulher com o nome Rosa.

► *Do outro lado da rua, descendo, atrás dos túmulos de Tatiana Belinky e Júlio Gouveia, há uma fileira na qual estão sepultadas crianças e jovens, público a quem dedicaram grande parte da vida. Vamos seguir agora pela R4, que liga a Alameda 1 até o muro que separa o Cemitério Israelita do Cemitério Municipal.*

## TV AO VIVO E LITERATURA INFANTIL

Quando surgiu a televisão, Júlio Gouveia e Tatiana Belinky se tornaram pioneiros no teleteatro infanto-juvenil. No Natal de 1951, eles levaram ao ar a adaptação de “Os Três Ursinhos” pela TV Paulista. O sucesso levou a um convite para um programa permanente na TV Tupi. Com produção e direção de Júlio, roteiro de Tatiana e os atores do Tesp, a partir de 1952, o programa “Fábulas Animadas” apresentava adaptações de obras literárias de várias origens em quatro programas semanais.

Pouco depois, o casal realizou a primeira adaptação da obra de Monteiro Lobato para a televisão, na época em que esta era ao vivo, e *O sítio do picapau amarelo* ficou no ar por mais de 13 anos seguidos. Durante anos, o casal manteve quatro programas semanais na

Tupi: *O sítio do picapau amarelo*, duas minisséries e um teatro aos domingos, inicialmente chamado de *Era uma vez* e depois de *Teatro da Juventude*. Nesse período, se dedicaram exclusivamente à TV. Em 1965, Júlio retomou o consultório como psiquiatra, trabalhando até falecer em 1988.

Tatiana escrevia as adaptações e os roteiros, a partir de contos, escritos de tradição oral, lendas e narrativas bíblicas. Ela respeitava o público infantil como um espectador plenamente capaz de acompanhar uma estrutura narrativa, sem a necessidade de se explicitar ou “pedagogizar” o texto. Em 1985 publicou suas primeiras obras autorais, *A Operação Tio Onofre* e *Medroso! Medroso!* A partir de então, publicou dezenas de livros infantis e recebeu importantes prêmios.

9

**Q3A R4 N68** Nesta fileira, na R4, que liga a alameda ao muro, observamos uma sequência comovente de túmulos de crianças, alguns com fotografia. Entre eles, há o de Maurício no N68. Em sua fotografia, menino de 12 anos falecido em 1947, o vemos em uniforme do Grupo Avanhadava, o movimento escoteiro judaico ligado aos imigrantes alemães e à Congregação Israelita Paulista. A presença das fotografias permite manter uma lembrança muito viva dos que se foram e, neste caso, associado a uma atividade que, certamente, o jovem apreciava muito.



Próximos, seguindo em direção ao muro, na **Q3A R4 N59**, a sepultura do menino Izidoro (1933-1943) tem um tronco cortado e texto em ídiche. Na **Q3A R4 N62**, a da menina Sofia (1937-1943) também tem o texto em ídiche. Embora fosse uma tradição escrever os textos em hebraico, o ídiche era a língua cotidiana dos imigrantes da Europa Oriental e, assim, encontramos alguns textos também em ídiche.

► *Volte para a Alameda 1, desça quatro ruas e siga até a Q4 e Q5.*

10

**Q4 e Q5** Chama muito a atenção a área separada de sepulturas de bebês, crianças e jovens. A grande maioria não tem a identificação do nome, mas o número da sepultura permite às famílias saberem a localização exata. Algumas das sepulturas deste setor têm fotografias com o nome das crianças e jovens e a idade com que faleceram.

Existem mais duas áreas do cemitério e algumas fileiras com recém-nascidos, crianças e jovens, nos limites das duas áreas incorporadas ao cemitério após a inauguração em 1920.



Nas décadas de 1930 e 1940, quando faleceram a maioria das crianças e bebês aqui sepultados, o índice de mortalidade infantil – a proporção de falecimentos antes de completar um ano de vida por 1.000 nascidos vivos – no Brasil e no estado de São Paulo era de 162 e 150 por mil, respectivamente. Atualmente o índice é 27 no Brasil e 10,7 no estado de São Paulo.

► *Do outro lado da Alameda 1, vamos visitar a Q7, começando pela R4 e seguindo até o N72.*

11

Q7 R4 N72 Sepultura de Hana com uma escultura de pedra com a metade de um globo que tem incrustado um mapa-múndi com a cidade de nascimento, Hoduciszki, na Lituânia, e São Paulo, cidade de destino e de falecimento, com uma linha tracejada ao longo do mapa unindo as duas cidades.

É provavelmente a mais original e inusitada escultura deste cemitério pela sua forma e representação do trajeto de um imigrante, uma mulher imigrante que atravessou o globo.

► *Voltamos agora pela mesma rua até a Alameda 1, descendo até a R7 e entrando do mesmo lado que estávamos até N115 e N116.*





12

Q7 R7 N115 e N116 Sepulturas de Heléne e Paul, ambos nascidos na região da Alsácia, França, de onde vieram algumas dezenas de judeus para São Paulo no final do século 19, ainda antes de se formar uma comunidade judaica organizada.

► Voltando para a Alameda 1, entre na rua seguinte do mesmo lado e siga até o N138.

13

Q7 R8 N138 Sepultura de Vitorio Funaro (1895-1934), combatente judeu italiano da Primeira Guerra Mundial, piloto e aviador, nascido em Livorno e falecido em São Paulo: “Piloto aviador na Grande Guerra. Seu coração ardente de amor pátrio e de ternura familiar apagou-se prematuramente aos 38 anos”. “As irmãs, os sobrinhos e os cunhados em lágrimas” o sepultaram. Há mais dois soldados italianos que lutaram na Primeira Guerra Mundial sepultados no cemitério: Hugo Piazza, Marechal de Artilharia (Q6 R5 N81), próximo daqui, e Giuseppe (Pino) Jesi (Q17 R1 N10).



► Continuando pela mesma rua, siga até o N144.



14

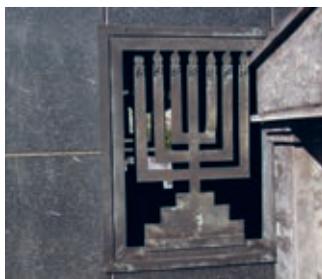
Q7 R8 N144 Além de judeus da Europa Oriental, que constituíram a maioria dos imigrantes que vieram a São Paulo, e de oriundos da Alemanha, Áustria e Itália, judeus do Líbano e da Síria chegaram a São Paulo nos anos 1920 e passaram a viver no bairro da Mooca, em São Paulo. Foram fundadas duas sinagogas na Rua Odorico Mendes: Sinagoga Israelita Brasileira, da qual Nassim Elias Nigri (1897-1989), aqui sepultado, nasceu em Sidon, Líbano, foi importante ativista, e

União Israelita Paulista. Em São Paulo, foi fundada em 1924 a Comunidade Sefardi de São Paulo.

► Voltando para a Alameda 1, continuamos o roteiro descendo em direção à parte mais baixa do cemitério. Antigamente o cemitério terminava antes da escada que estamos descendo; a parte que visitaremos foi uma das ampliações que o cemitério teve. Após a escada, entre à direita na R3.

15

Q8 R3 N45 Sepultura de Ester (1895-1936), em forma de capela, destacando-se na paisagem. Pode ser visitada (pela família) por dentro, com detalhes interessantes como a menorá (candelabro de sete velas) de metal na janela e um lustre interno em forma de Estrela de David.



► Voltando pela mesma R3, atravesse a Alameda 1 e continue no outro lado pela mesma rua, R3, até o N34.

16

Q9 R3 N34 Na sepultura de Amalie (1880-1940), um pequeno monumento aos mortos no Holocausto: “Em memória dos Nossos queridos que não voltaram dos campos de concentração 1941-1945”. A sepultura homenageia nominalmente 15 pessoas. Há cerca de dez sepulturas no cemitério que incluem uma placa ou a inscrição de outros falecidos, seja antes da guerra seja principalmente durante a guerra e o Holocausto. Para quem quiser conhecer, são elas: Leopold Aron (Q13 R10 N151), Basia Krynski (Q19 R9 N116), Rafael Landau (Q26 R6 N78), Ida Bloch (Q16 R3 N31), Richard Bernstein e Rieckchen Bernstein (Q25 R1 N1), Rosa Hermann (Q12 R3 N36), David Della Torre (Q17 R3 N43), Willy Edmund Brandt e Marie Brandt Goldman (Q17 R6 N95 e N96).

As sepulturas de Antonina Wissmann e Salo Wissmann (Q14 R5 N19 e N20) e Max e Gertrude Boas (Q16 R3 N36 e N37) já estão nos roteiros 2 e 5 deste guia.

► Voltando para a Alameda 1, entre na rua seguinte, R4, do mesmo lado, a Q9, seguindo até o N64.



17

Q9 R4 N64 Entre as sepulturas que destacam a profissão do falecido, esta, de 1987, é possivelmente a mais original, com a escultura da maleta de médico e a inscrição da frase na lápide se referindo ao falecido Dr. Theodoro: “Aquele

que deu o melhor de si a toda a Humanidade”. Sepultado ao lado da esposa, Rosa, pode-se observar o conjunto simétrico das duas pedras verticais, a da maleta um pouco deslocada e com alça.

► Voltando para a Alameda 1 desça até a rua de baixo, a R5, do mesmo lado, Q9, observando logo em seu início o N66.

18

Q9 R5 N66 A estela de mármore branco deste túmulo tem desenhada uma *menorá*, candelabro de sete velas, e, acima, uma Estrela de David, na qual foi colocada uma fotografia de Isac (1905-1941), falecido aos 36 anos (sobre os símbolos, veja texto nas pp. 32-33).

► Voltando para a Alameda 1, desça até a R8 do lado direito, Q8, e siga até a sepultura N124.



19

Q8 R8 N124 A estela da sepultura de Sarah (1859-1937) tem dois castiçais de uma vela desenhados, ladeando uma Estrela de David e sua fotografia. Castiçais e velas são símbolos muito presentes na vida judaica e em cemitérios israelitas mais antigos. Diferente da *menorá*, que vimos no túmulo anterior, a representação de dois castiçais remete ao costume, tradicionalmente das mulheres, de acender duas velas na sexta-feira à noite, no início do *shabat*.



► Com muito cuidado, passe por entre os túmulos e observe logo atrás o túmulo N140 na rua seguinte.

20

Q8 R9 N140 Assim como o túmulo anterior, a estela da sepultura de Esther (1892-1937), imigrante da Polônia, tem uma inscrição pintada à mão, e possui a singularidade de ter quatro símbolos e ornamentos, além da fotografia: Estrela de David, dois castiçais, árvore cortada e ornamento de plantas e flores.

► Ainda passando cuidadosamente à direita do túmulo de Esther, observe o túmulo N157 na rua seguinte.



21

Q8 R10 N157 Na sepultura de Francisco, falecido em 1937, destacam-se os desenhos com motivos florais compondo, acima, com a Estrela de David, e, abaixo, com um singelo coração.

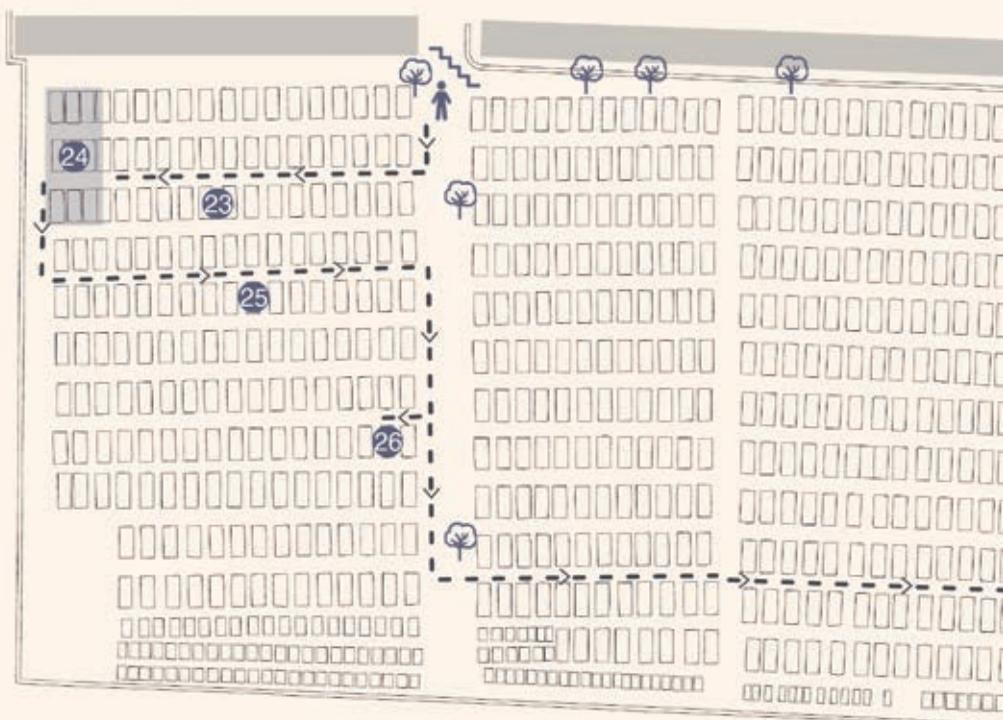
► Volte agora para a Alameda 1, desça até a R15 à direita, antes da escada, seguindo até o N235. Logo atrás dele, na rua sem numeração, está o túmulo de Graziela.

22

Q8 R15 N240P Esta é outra sequência de túmulos de natimortos, bebês e crianças. Antes da nova ampliação, que vamos visitar depois de descer a escada, este era o final do cemitério. Vamos entrar nesta rua e visitar o túmulo de uma das crianças.

Graziella nasceu em Lucca, Itália, em 26 de setembro de 1936 e faleceu em São Paulo em 8 de outubro de 1939. A fotografia eterniza, de forma comovente, a memória de uma criança imigrante.

► Voltando para a Alameda 1, desça a segunda e última escada para visitar a área da nova ampliação do cemitério. Siga até a R18 do lado direito e entre nela até os túmulos N277 e N278.



Continuação do mapa da p. 124.



23

Q8 R18 N277 e N278 Duas sepulturas singulares, de Ester e de Josef, em pedra não lapidada, especialmente a de Ester (1893-1939), notando-se que constam apenas nome, sobrenome e data de nascimento e falecimento, como se a própria pedra guardasse a memória das informações sobre a vida de Ester.

► *Continuando pela mesma rua até o final, chegamos a um conjunto de 12 túmulos iguais.*

24

Q8A R16 N9 Este conjunto de 12 sepulturas é formado de judeus falecidos na cidade de Franca, interior do Estado, onde se formou um pequeno núcleo judaico e cujos restos mortais e lápides foram trasladados em 1978. Entre eles está a sepultura de José (1846-1881), nascido em Ataki, na Bessarábia. Da mesma forma que em Franca, pequenos núcleos judaicos se estabeleceram em cidades do interior ou do litoral, entre elas Santo André, São Bernardo, Santos, Piracicaba, Campinas, São José dos Campos, Mogi das Cruzes, Sorocaba e outras.



► *Seguindo beirando o muro, desça até a R20 e siga até o túmulo N304.*

25

Q8 R20 N304 “Podia ser alguma coisa, mas meu destino foi adverso” diz o epitáfio de Meyr. “Acadêmico”, como eram chamados os estudantes da Faculdade de Medicina, ele nasceu em 1922 na Bahia e faleceu precocemente em 1939 em São Paulo. A inscrição destaca sua trajetória, aprovado em primeiro lugar na faculdade, e que ele foi sepultado por “teus pais, irmãos, tios e pelo teu avô”.

► Voltando para a Alameda 1, continue descendo e entre na R23 do mesmo lado direito, seguindo até o N340.



26

Q8 R23 N340 Miguel (Mile) Cipkus (1899-1940) foi um ator ídiche de uma dinastia de atores ídiches, conforme se pode ver no próprio túmulo, no qual está registrado, em ídiche, que ele era um artista “amado e inesquecível”. Também está sepultado neste cemitério Jacob Cipkus (1852-1935), em cujo túmulo está escrito: “Dedicou sua vida ao palco israelita, do qual foi um dos fundadores”.

Entre as manifestações culturais dos imigrantes da Europa Oriental nas principais comunidades judaicas, em São Paulo e outras cidades, entre os anos 1910 e 1950, o teatro ídiche foi a mais popular. As peças eram em geral melodramas, comédias e operetas, musicais e teatro de revista, com dança, música, declamação, com retratos dramáticos, críticos, líricos, tristes, engraçados, irônicos, satíricos – em geral tudo ao mesmo tempo – do cotidiano da vida judaica.

Desde o final do século 19, o teatro ídiche era difundido e popular na Europa Oriental, entre companhias profissionais e estáveis e grupos amadores de entidades em apresentações que integravam o cotidiano das comunidades. Eram encenados os clássicos do teatro ídiche, como Scholem Aleichem, com uma carga literária, dramática e crítica densa, e, ao mesmo tempo, peças de entretenimento e dirigidas a um divertimento leve.



Chegamos agora ao final do nosso roteiro. Se quiser continuar a passear pelo cemitério, percorrendo todas as áreas, o Roteiro 5 é o último proposto neste guia. Para iniciá-lo, siga a partir daqui as orientações do Roteiro 5. Se quiser encerrar o passeio aqui, basta voltar e subir pela Alameda 1 na direção do Memorial.

## O TEATRO ÍDICHE NO BRASIL

O teatro ídiche proporcionava aos imigrantes se sentirem conectados e próximos às origens. Isso criava um público que comparecia às apresentações de turnês de companhias profissionais estrangeiras (como da Polônia e da Argentina) e de grupos de teatro amadores (que chegavam, por vezes, a ser semiprofissionais). Muitas vezes os amadores completavam o elenco das companhias profissionais que traziam uma ou duas estrelas. Também havia apresentações de dezenas de grupos ligados a instituições judaicas as mais variadas, não necessariamente com finalidades culturais, que mantinham o teatro como atividade para seus integrantes.

Mesmo com as condições duras de vida, prevalecia o gosto pela cultura, escreveu Esther Prizskulnik em seu livro sobre o teatro ídiche no Brasil, sendo o teatro um exemplo de preservação e transformação cultural: “Palco e plateia, nunca essa empatia foi tão envolvente, nunca as partes se amalgamaram tão bem, como personagens coesas e definitivamente inseridas num contexto comum”. Assim, o teatro era, ao mesmo tempo, um entretenimento popular, uma manifestação de saudades e de saudosismo e também de crítica social.

Apresentações teatrais e leituras dramáticas integravam o cotidiano dessas instituições, que tiveram

diretores profissionais de primeira grandeza contratados, como Zygmunt Turkow e Jacob Rotbaum. Havia, é claro, uma interface permanente entre esses grupos institucionais e o teatro amador e o teatro profissional.

O período de ouro do teatro ídiche em São Paulo se deu nos anos 1950, quando foram encenadas 174 peças apenas até 1956. Em 1954 foi fundado o Instituto Cultural Israelita Brasileiro, conhecido como Casa do Povo, dedicado à cultura ídiche e à militância judaica de esquerda. Nos quatro anos seguintes, 1957 a 1960, foram encenadas 56 peças. Isto se deve provavelmente também à efervescência da cultura ídiche na Argentina, em Buenos Aires, que nos anos do pós-guerra se tornara um polo fora dos Estados Unidos, recebendo imigrantes e refugiados.

O ídiche, base desta cultura e do teatro, mais do que uma língua, era uma cultura e se tornou a expressão e interface entre o mundo judaico, especialmente o ashkenazi da Europa Oriental, e o mundo do entorno, intermediando a herança religiosa e educacional judaica, com a ciência, a literatura, a arte do mundo que o circundava, produzindo uma cultura de via dupla iluminista e secular. O ídiche esteve no centro e foi o principal veículo da secularização e da modernização dos judeus no século 19 e na primeira metade do século 20.



QUADRAS

11

12

16

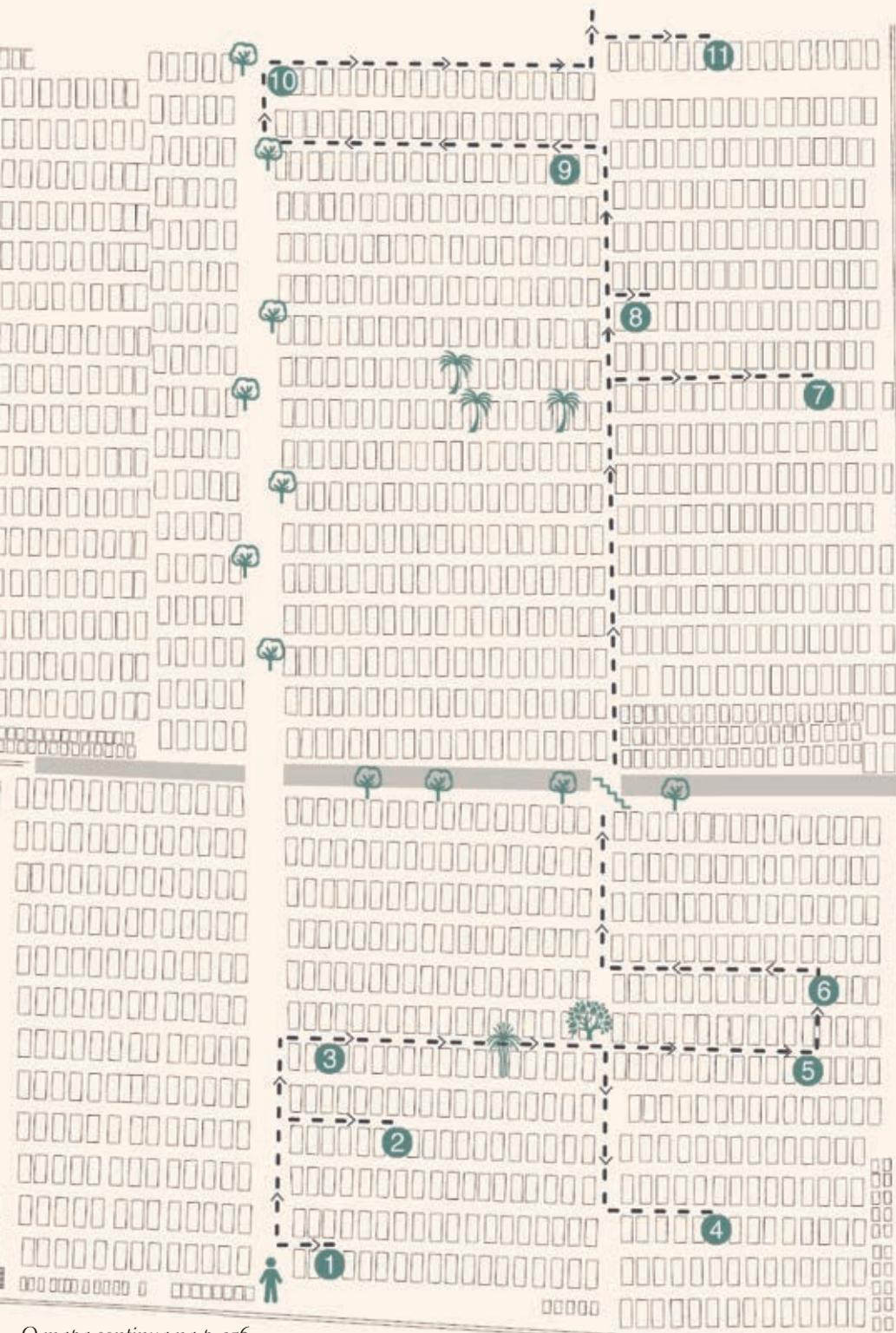
17

22

24

25

26





**O** Roteiro 5 percorre várias quadras na parte de baixo (o terreno é em declive), à esquerda de quem entra no Cemitério, em um retângulo formado pela Alameda 2, o muro de baixo (paralelo ao muro da entrada), o muro lateral (do lado contrário ao Cemitério Municipal) e a rua que passa atrás do Memorial.

Este roteiro completa os anteriores, de forma que o visitante passe por todos os diferentes espaços do Cemitério. Aproveite para ver a vista a partir da parte de baixo, uma visão diferente do conjunto. A área que vamos percorrer é composta também de um terreno incorporado nas ampliações que este Campo Santo passou ao longo dos anos. Isso será bem perceptível pela numeração das quadras e das ruas, que não seguem uma sequência linear.

Se você terminou o Roteiro 4 e estava no final da Alameda 1, logo após a última árvore da Alameda, entre à esquerda (olhando para o muro de baixo) na R11 da Q10, a mais próxima e paralela ao muro. Continue em frente pela Q21 R11, após a pequena transversal, e siga até a Q17, que fica após a Alameda 2.

Se você está começando o Roteiro 5 a partir do portão de entrada, desça a Alameda 1 até o Memorial, entre à esquerda na rua que passa atrás dele, siga até a Alameda 2 e desça-a até o final, próximo ao muro de baixo do cemitério. Nosso passeio começa na Q17 pela rua mais próxima do muro de baixo (nesta quadra ela é a R12), à esquerda da Alameda 2 (olhando para o muro de baixo), seguindo até o N177.



**1** Q17 R12 N177 A ideia de que a vida de uma pessoa “daria um livro” pode ser um clichê, mas duas sepulturas, de um casal, Cypa (1907-1948) e David (1912-1948), levaram essa ideia até o formato do túmulo, que são literalmente em forma de livro. Por que a vida deles daria um livro, não sabemos. Ambos faleceram em 1948 com uma diferença de dois dias, primeiro Cypa, em 21 de fevereiro, depois David, de quem estamos vendo o túmulo agora, em 23 de fevereiro.

► *Para conhecer o túmulo da esposa Cypa, volte para a Alameda 2, suba três ruas até a R9 (a numeração aqui é decrescente) e siga até o N133.*

**2** Q17 R9 N133 A frase que diz que antes de morrer todo homem deveria “plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro” associa o livro à perpetuação da memória e a um legado para as próximas gerações. Neste cemitério, repleto de símbolos relacionados ao livro, representando a tradição, a lei, o estudo e o conhecimento, chamam a atenção estas sepulturas com lápides em forma de livro.

► *Voltando pela mesma rua até a Alameda 2, suba até a R7 e ande até o N97.*



3

Q17 R7 N97 A singela sepultura de Nina chama a atenção pela escultura da Estrela de David com a fotografia ao centro. Elevada em relação à lápide, a estrela formada de mármore se destaca.



► *Siga pela mesma rua, R7, até a Alameda 3, uma pequena travessa que separa as Q17 e Q11, onde há uma pitangueira, desça em direção ao muro de baixo até a Q11 R3 (nesta quadra a numeração das ruas é crescente) e visite o túmulo N33.*

4

Q11 R3 N33 O que chama a atenção neste túmulo de Nora (1916-1942), falecida aos 26 anos, é o tocante texto do epitáfio: “Esperança radiosa nublada / pelo negor traiçoeiro da morte. / Saudades imortais / dos corações que solitários / buscam no gélido mármore / rever o teu semblante / divino e inesquecível / Esposo, filho, mãe, irmão”. Neste Roteiro 5, vamos conhecer outras frases singulares e comoventes como esta.

► *Voltando pela mesma rua até a Alameda 3, suba até a R7, do mesmo lado e na mesma quadra em que você estava.*



5

Q11 R7 N77 De longe, as sete velas desenhadas na estela da sepultura de José (1882-1943) parecem apenas linhas geométricas. De perto podemos ver que é uma *menorá*, o candelabro de sete velas, um dos símbolos judaicos mais antigos e, ao mesmo tempo, atuais e presentes nas casas. As velas parecem iluminar o cemitério como um todo. Também podemos observar no túmulo a foto do falecido e a escultura de um livro aberto, além do epitáfio sobre a lápide.



► *Exatamente na mesma altura do túmulo de José, duas ruas acima está o N104. Com muito cuidado, passe entre os túmulos para vê-lo de frente.*

6

Q11 R9 N104 Na sepultura de Chana, falecida em 1943, uma singular e comovente frase: “Éramos 9 a sorrir, / ficamos 8 a chorar. / É dor que o tempo não cura, / e nem tem consolação” (foto na pág. ao lado).

► *Voltando pela mesma rua, entre na Alameda 3, suba as escadas, continue subindo, passe dez ruas transversais, entre na R8 à direita e vá até o N111.*

7

Q12 R8 N111 O desenho de uma coroa, a fotografia e a inscrição “A companheira divina, saudades eterna de seu esposo e única filha” expressam os sentimentos e a memória de Maria por parte do marido companheiro e singularizam esta sepultura de uma mulher falecida em 1945. A coroa é um símbolo frequente em outros cemitérios judaicos, mas raro neste.



► *Volte pela mesma rua até a Alameda 3 e suba duas ruas, entrando à direita na R6 e logo encontrará o N72.*



האשה החשובה  
 חנה יהודת גרין בת הר  
 פייול ווינאגראן עה  
 נולדה בעיר שעדלעץ  
 בפולין בשנת תרל"ו  
 ונפטרה יג ימים חודש  
 תמוז בשנת תשג"א לבק  
 כסן פאולא

ת נ צ כ ר



אשה צדקה ליומיה  
 יודת ליבת ליבסקיט  
 נולדה בשנת ה'ת"ס  
 בעיר חוסיאט פולין  
 נפטרה י"ג ימים  
 כבודשסין בשנת תש"ג  
 ת"נ צ"כ ה'

IN MEMORIAM

A NOSSA INESQUECIVEL E  
 IDOLATRADA MÃE

CHANA IDES GREEN

NASC.: SIEDLEC, V 1876

FAL.: SÃO PAULO, VII 1943

MÃE

"ERAMOS 9 A SORRIR,  
 FICAMOS 8 A CHORAR.

É DÔR QUE O TEMPO NÃO CURA,  
 É NEM TEM CONSOLAÇÃO."

SAUDADES ETERNAS DOS SEUS  
 FILHOS, GENROS, NORAS

8

**Q12 R6 N72** Túmulo de uma mulher, Rifca (1893-1945), esta é uma das sepulturas mais originais do cemitério. As firmes patas de leão que sustentam a sepultura remetem ao leão de Judá, uma referência tradicional, da antiga tribo de Judá, que simboliza força e união, neste caso atribuídas a uma mulher. É interessante que as patas são o suporte de uma sepultura em forma de caixão, lembrando que no judaísmo os corpos são sempre enterrados embaixo da terra.

► *Siga pela Alameda 3, subindo até a R3 da Q25, e, logo à esquerda, veja os túmulos N47 e N48.*



9

**Q25 R3 N47 e N48** Uma lápide que se destaca pela originalidade é a das sepulturas de Cláudia Segre Calabi e Livia Calabi Zagrande, respectivamente mãe e irmã do engenheiro e arquiteto italiano Daniele Calabi. A lápide única para as duas, formada por uma estrutura vertical (monólito) no centro de um pequeno jardim gramado, remete mais a um *brise* da arquitetura moderna do que a uma estela funerária. Daniele Calabi era formado em engenharia civil na Universidade de Pádua em 1929 e em arquitetura na Universidade de Milão. Os Calabi – os pais, Emilio e Cláudia, e os filhos Fabio, Daniele, Livia e Emma e suas famílias – imigraram para o Brasil fugindo do fascismo italiano e das leis antissemitas daquele país. Em São Paulo, Daniele trabalhou com Rino Levi e fundou a Construtora Moderna. Na década de 1950 voltou para a Itália, onde retomou com sucesso sua atividade de arquiteto.



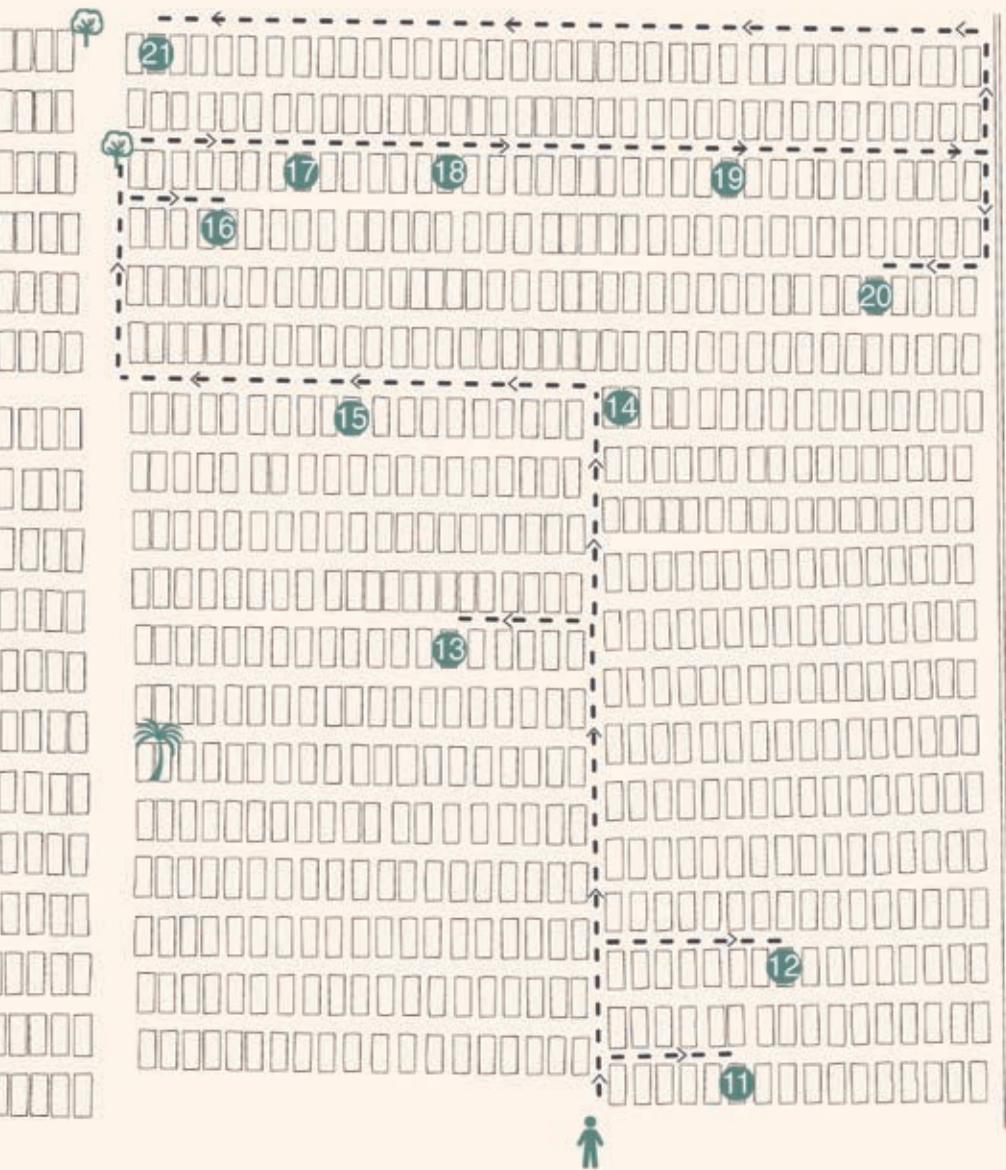
► *Continuando pela mesma rua, siga até a Alameda 2, subindo duas ruas, vire à direita e logo encontrará os túmulos N1A e N1B.*

10

Q25 R1 N1A e N1B Existem pelo menos dez sepulturas cujas famílias incluíram placas e inscrições com nomes de judeus mortos no Holocausto e, em alguns casos, falecidos na Europa antes de emigrarem (ver pág. 138). Neste caso, o texto “Em memória dos nossos entes queridos desaparecidos durante os anos de perseguição 1933-1945” se refere aos familiares dos aqui sepultados, mas pode-se ler incluindo todos os mortos. Uma pequena placa-monumento.

► *Siga pela mesma rua até a Alameda 3 e entre à esquerda e, depois, na primeira rua à direita e ande até o N6.*





Continuação do mapa da p. 148.



11

Q16 R1 N6 Nesta sepultura de Samuel (1880-1946) podemos observar um interessante trabalho em torno da tipologia, o desenho e o formato das letras, na inscrição sobre a sepultura e também na Estrela de David, com as letras nas pontas da estrela, criando uma certa poesia em seus desenhos, que se tornam um elemento ornamental. Muitos túmulos apresentam esse tipo de trabalho com as letras e o texto escrito, às vezes um pequeno detalhe que personaliza as inscrições.



► Voltando à Alameda 3, suba duas ruas e entre à direita, seguindo até os túmulos N36 e N37 à sua direita.



12

Q16 R3 N36 e N37 “Em memória de seus filhos Fritz Boas e sua esposa que desapareceram durante a Grande Guerra Mundial no ano de 1943”, frase escrita na sepultura do casal Max (1871-1954) e Gertrud (1874-1946) lembra o filho e a nora mortos no Holocausto. Como vimos anteriormente em outros túmulos, essa homenagem

foi uma forma encontrada por aqueles que tiveram seus entes queridos desaparecidos durante o nazismo e o Holocausto e que ficaram sem sepultura que lhes guardasse a memória.

► *Volte pela mesma rua, suba pela estreita Alameda 3, entrando na sexta rua à esquerda, seguindo até o N76.*

13

Q24 R5 N76 Muitas frases inscritas nas lápides em memória das falecidas e dos falecidos perpetuam um traço significativo da vida de quem se foi ou das saudades ou falta que a pessoa faz aos que ficaram. A frase “Só, assumiu a família e levou-a ao destino”, sobre Thereza (1908-1981), é extremamente dramática e tocante, sintetiza a vida de uma mulher que assumiu o destino de sua família, antes, durante e depois da trajetória de imigração desde Kiev, na época parte do Império Russo, hoje capital da Ucrânia.

► *Volte pela mesma rua até a Alameda 3, suba quatro ruas e observe os dois primeiros túmulos do lado direito, na Q26 R8 N106 e N107.*



**Q26 R8 N106 e N107** Paulina Pistrak Nemirovsky (1924-2005) nasceu no Rio de Janeiro, filha de um casal de imigrantes russos: Isaac Pistrak e Maria Feffer Pistrak (1900-1962). Isaac era sócio de Leon Feffer, irmão de Maria, no início da empresa de papel Suzano, foi também fundador do clube Hebraica e voluntário na entidade assistencial Ezra. Maria atuava na organização feminina Wizo.

Paulina e José Nemirovsky se casaram em 1943. Ela cursou a Faculdade de Filosofia na USP, formando-se em 1949. Depois, na década de 1970, fez formação em Psicanálise.

José Nemirovsky (1914-1987) nasceu em Buenos Aires, filho de imigrantes russos, veio ao Brasil, se formou em Medicina no Rio de Janeiro, foi ginecologista e empresário (trabalhou na Suzano), também pintor, poeta e principalmente colecionador de arte. O casal participou



do grupo fundador da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein, em 1955, mantenedora do Hospital e do Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa. Paulina ajudou a criar o Voluntariado do Einstein e foi voluntária por quase 50 anos.

José e Paulina Nemirovsky reuniram ao longo de mais de 30 anos uma das mais relevantes coleções de arte moderna brasileira, da qual fazem parte obras icônicas do século 20, como “Antropofagia” (1929), “Carnaval em Madureira” (1924) e “Distância” (1928), de Tarsila do Amaral, “Bordel” (1940) e “Mulheres na Janela” (1926), de Di Cavalcanti, “Madona Negra” (1935), de Cândido Portinari, entre obras destes artistas e de outros ícones como Lasar Segall e Lygia Clark.

Em 2004, foi firmado um comodato entre a Pinacoteca do Estado e a Fundação José e Paulina Nemirovsky que tem permitido que a coleção possa ser apreciada pelo público em diferentes exposições. Em 2017, a coleção foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que a considera uma síntese do modernismo brasileiro, bem como um modelo de colecionismo disseminado a partir dos anos 1960.

► *Seguindo pela mesma rua em direção à Alameda 2, a R2 da Q24, siga até o túmulo N24.*

## PRÓXIMOS AOS MUROS LATERAIS

**T**radicionalmente, as pessoas suicidas eram sepultadas à margem dos cemitérios judaicos, bem próximas ao muro. O suicídio, fortemente rejeitado pela religião, era considerado uma ofensa religiosa. Faz algumas décadas, com uma nova compreensão sobre as questões psíquicas, isto não ocorre mais

nos cemitérios judaicos em São Paulo. Neste cemitério é possível observar, próximo ao muro, sepulturas separadas e fora do alinhamento regular. É possível, mas não é certeza, inferir que parte delas seja de pessoas que foram assim sepultadas nas primeiras décadas do cemitério.



15

**Q24 R2 N24** Nascido em Breslau, Alemanha, onde havia uma expressiva comunidade judaica, Siegfried Gotthilf imigrou para o Brasil em 1938 como refugiado do nazismo. Ele trabalhava com produtos agrícolas que comercializava em viagens à Polônia e à Tchecoslováquia. Ao chegar a São Paulo, abriu uma mercearia, depois uma tinturaria e em seguida passou a vender anúncios para um programa judaico de rádio, a “Hora Israelita”, na Rádio Piratininga. Acabou assumindo o programa em 1940, mudando seu nome para “Mosaico”, tornou-o diário, com notícias, entrevistas, músicas, notas sociais e informações para a comunidade judaica, notícias dos refugiados e notas de falecimentos. Havia também uma modalidade de anúncios que eram os cumprimentos em festividades, chamados “Momento Social Mosaico”. Às vezes havia mais de 100 nomes que saudavam famílias que faziam a comemoração festiva.

## A ERA DO RÁDIO

**O**uvir o programa Mosaico no rádio era um ritual diário das famílias da comunidade judaica. As notícias eram muito importantes, particularmente durante a Segunda Guerra Mundial, um período de intensas expectativas e apreensões, quando transmitia notícias e informações relacionadas aos judeus e aos sobreviventes. O Joint (American Jewish Joint Distribution Committee, entidade assistencial norte-americana fundada em 1914), por exemplo, enviava pedidos para saber se havia alguma pessoa da família em São Paulo.

Apesar do discurso nacionalista do governo Vargas, não existe registro de intervenção oficial sobre o Mosaico ou mesmo que o programa tenha ficado fora do ar, além da censura em geral que

havia durante o Estado-Novo e a guerra, especialmente contra manifestações de cidadãos alemães e japoneses e imigrantes e descendentes desses países. Eram tocadas músicas judaicas, em hebraico, um pouco em ídiche, e toda a programação era voltada para temas de interesse da comunidade judaica. “No tempo da criação do Estado de Israel, em 1948, tocávamos sempre o hino nacional de Israel, conhecido como *Hatikva*, Esperança. Nós ficamos orgulhosos porque conseguimos essa gravação. Outras emissoras até chegaram a nos pedir se podíamos emprestar esses discos. Pouco a pouco, a gente estava tocando músicas mais avançadas, mais modernas. O alcance do programa era a capital. Pegava em qualquer lugar da cidade”, contava Francisco Gotthilf.

Siegfried Gotthilf faleceu em 1952 e o filho, Francisco, assumiu e dinamizou o programa, que passou por emissoras como Santo Amaro, Piratininga, América e Rádio Mulher, mantendo o Mosaico diário no rádio até o início dos anos 1980. Em 1961, Francisco Gotthilf chegou à televisão com o programa “Mosaico na TV”, o mais antigo programa de TV exibido até hoje, sem interrupção, agora dirigido por Rony Gotthilf, neto de Siegfried.

► *Siga pela mesma rua até a Alameda 2, vire à direita e suba três ruas virando à direita na R5 e parando próximo ao túmulo N68.*



16

**Q22 R5 N65 a N68** Nesta área do cemitério os túmulos são mais recentes, quase todos da década de 1970. Durante quase vinte anos esta área foi um pequeno memorial. Em 1950, entre o N65 e o N68 foi sepultada uma urna funerária contendo cinzas de judeus mortos no Holocausto. Foi uma iniciativa da União dos Israelitas Poloneses em São Paulo e a urna continha cinzas de judeus mortos no campo de extermínio de Maidanek. Este sepultamento teve o mesmo significado que o das sepulturas que incluem nomes e homenagens a pessoas mortas no Holocausto, uma vez que milhões de judeus assassinados não tiveram sepultura.

O sepultamento dessa urna seria provisório, já se prevendo que as cinzas seriam trasladadas para um monumento, a ser construído, em memória dos seis milhões de judeus assassinados pelo nazismo, que foi afinal erguido no Cemitério do Butantã. O monumento começou a ser construído apenas em 1971 e a inauguração ocorreu em 1974. No dia da inauguração (as fotos mostram a retirada da urna no Cemitério da Vila Mariana), transportada em carro fúnebre do Serviço Funerário, as cinzas chegaram ao Butantã, onde a urna foi entregue, na escadaria que leva ao monumento, a um grupo de jovens composto



por escoteiros da Avanhandava, da Congregação Israelita Paulista e estudantes de escolas judaicas, que a conduziram em revezamento.

O monumento no Cemitério do Butantã vem cumprindo, desde sua inauguração, um lugar central na memória e nas celebrações da comunidade judaica. Na entrada está gravado “Homenagem em Memória às Vítimas do Nazismo” e em suas paredes internas encontra-se um texto bíblico do profeta Jeremias: “... Fossem meus olhos uma fonte de lágrimas sem fim e eu choraria noite e dia a memória dos mortos do meu povo” e em ídiche: “Sagrada memória dos seis milhões de mártires, vítimas do nazismo na Europa em 1933-1945”. As pessoas que o visitam acendem velas em memória de seus parentes e prestam homenagem a todos os mortos no genocídio nazista, no aniversário de morte dos antepassados e outras datas significativas.

Existem diversas datas em que se lembram os mortos do Holocausto. A ONU instituiu em 2005 o “Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto”, celebrada em 27 de janeiro, dia em que soldados soviéticos liberaram o campo de extermínio de Auschwitz. As comunidades judaicas e o Estado de Israel lembram o “Dia do Holocausto e do Heroísmo”, *Yom HaShoá VehGvurá*, comemorado

anualmente no dia 27 do mês de *Nissan* do calendário judaico, que lembra as vítimas do nazismo e a resistência heroica, em especial o Levante do Gueto de Varsóvia, desencadeado em abril de 1943.

► *Volte para a Alameda 2 e suba mais uma rua, entrando do mesmo lado em que se encontra, indo até os N54 e N55.*

17

**Q22 R4 N54 e N55** Charlotte Margarete Hamburger imigrou ao Brasil junto com o marido, Hans, em 1936. Dona Lotte, como se tornou conhecida, foi uma das fundadoras do Lar das Crianças da Congregação Israelita Paulista (CIP). Hans trabalhou na redação dos estatutos e envolveu-se profundamente nas atividades da CIP.

Nascida na Alemanha em 1899, Charlotte Liepmann estudou no Programa de Treinamento de Professores para Pré-Escola na renomada escola Pestalozzi-Froebel-Haus e trabalhou em uma creche municipal na cidade de Treptow. Depois, estudou Serviço Social e trabalhou em diversas escolas. Lotte casou-se com Hans em 1926. Ele era juiz, veterano da Primeira Guerra Mundial, na qual foi ferido e, inválido, recebeu importantes condecorações do exército. Após 1933 e a ascensão do nazismo, conforme escreveu Lotte, ele acreditava que o regime nazista não o atingiria, identificava-se profundamente com a Alemanha e entendia que, inválido e com quatro filhos, a decisão de emigrar seria sobremaneira custosa. Também acreditava que o regime nazista não duraria muito e continuaram vivendo na Alemanha.

Mesmo decidindo emigrar, contava-se nos dedos os países que aceitavam imigrantes, refugiados. Países cogitados por eles foram Nova Zelândia, que se fechou à imigração, e a então Palestina-Israel. Hans pensou em viajar e ver *in loco* as possibilidades, mas então eclodiram conflitos entre judeus e árabes e eles desistiram. Em 1935 passaram seis semanas na Inglaterra para sondar as possibilidades



profissionais para Hans, mas viram poucas chances e regressaram. A decisão de abandonar a Alemanha deu-se em dezembro de 1935, quando Hans foi demitido. Ele integrou a última leva de funcionários judeus, veteranos, condecorados da Primeira Guerra Mundial, demitidos do serviço na Justiça. Em 1936, chegaram ao Brasil.

► *Continuando pela mesma rua, vá até o N62.*

18

**Q22 R4 N62** Moysés Vainer, professor e diretor pedagógico de 1924 a 1956 da escola Renascença, primeira escola judaica da comunidade em São Paulo, que ensinava o currículo oficial ao lado das disciplinas de língua e cultura judaica, fundada em 1922. Nascido na Bessarábia, Vainer estudou



Pedagogia e era diretor de escolas judaicas antes de imigrar ao Brasil em 1923. Ele chegou no Rio de Janeiro, onde o irmão Jaime tinha uma loja de móveis. A esposa, Rosa, e os quatro filhos vieram em 1924, junto com o irmão Efraim, que era militante de esquerda e também se tornou professor da *Gymnasia Hatchia*, como a escola era conhecida.

O primeiro endereço foi em uma casa na esquina das ruas Amazonas e Três Rios, no Bom Retiro. Em 1937, foi inaugurada na Rua Prates a sede própria com doação da família Klabin-Lafer. Até os anos 1940, o Renascença mantinha cursos profissionalizantes, já que a maioria dos filhos dos imigrantes dificilmente seguia os estudos além do primário, entrando no mercado de trabalho na idade de 11, 12 anos. Eram cursos para aprender o ofício de alfaiate, mecânico de máquinas, sapateiro, datilógrafo e costureiro. Em 1945, a escola abriu o Seminário Hebraico de Professores e, em 1948, o curso ginásial. Os alunos da escola gostavam tanto dele que em seu enterro, aos 84 anos, as próprias crianças fizeram questão de carregar o seu caixão para se despedir do mestre.

► *Continuando pela mesma rua, siga até o N52. Como é em outra quadra, embora sem separação aparente, a numeração passa do 64 para 46, quando volta a ser crescente.*



19

**Q26 R4 N52** Esta é uma das sepulturas que destacam a profissão do falecido, no caso de maestro, Carlos Ostronoff (1915-1951). No cemitério há outros músicos, artistas de teatro, professores, médicos e estudantes de medicina. Mostra o valor que um grupo imigrante dava a artistas, professores e aos que obtinham diploma e galgavam profissões como a Medicina.

► *Continue pela mesma rua até o final, desça duas ruas margeando o muro lateral do cemitério, entre na Rua 6 e siga até o N87.*

20

**Q26 R6 N87** A sepultura do casal Desidério e Thereza Farkas se destaca pela originalidade com uma mureta no lugar da estela, formada por pequenas pedras de tons marrom fundo de rio, onde estão fixados dois pequenos quadros cerâmicos com os nomes dos dois. O restante da campa é uma área ajardinada.

Dézso (Desidério) Farkas (1890-1960) nasceu em Nógrád, Hungria, com o nome de Dezsö Grünhut, segundo dos seis filhos de Jenö e Gizella. Depois a família adotou o sobrenome Farkas (lobo em húngaro)

e se mudou para Budapeste. Ele se formou na Escola Técnica de Engenharia e teve alguns trabalhos em fábricas de máquinas, mas foi em 1919 que começou a trabalhar no ramo que o tornaria conhecido: a fotografia.

Seu irmão mais velho, Béla, foi aprendiz de um óptico e já possuía uma firma, desde 1912, a “Hatschek és Farkas”, conhecida como HAFA. Em 1919, Béla abriu outra loja em Budapeste, que foi assumida por Desidério. Nessa época, um conhecido voltou de uma viagem ao Brasil descrevendo as possibilidades no ramo fotográfico.

Desidério chegou a São Paulo em 1920 para abrir uma filial da HAFA e montou uma loja com o nome de Casa Fotoptica, na Rua São Bento. Uma das poucas lojas de fotografia na época, junto com a Lutz Ferrando e a Panamericana, que pertencia à Kodak, a Fotoptica prosperou. Apesar disso, Desidério resolveu voltar para a Hungria em 1923, deixando a loja aos cuidados dos sócios minoritários e gerentes. Na Hungria nasceu seu único filho, Thomaz Jorge Farkas. Em 1930 retornou ao Brasil e



reassumiu a loja, que se tornou referência e ponto de encontro entre os amantes da fotografia.

Thomaz Farkas (1924-2011) se tornou um dos pioneiros da fotografia moderna no Brasil, professor, produtor e diretor de cinema. E assumiu a Fotoptica depois do falecimento do pai.

► *Voltando pela mesma rua até a Alameda 2, suba até a rua que leva ao Memorial e pare no N1A, próximo à Alameda 2.*



21

Q22 R1 N1A Os primeiros escritores que retrataram a imigração e a presença dos judeus no País escreveram em ídiche, entre eles Menache Halperin (1871-1960), nascido na Volínia, Império Russo, e que, após viver nos Estados Unidos e na Ucrânia, imigrou ao Brasil em 1926 e foi autor dos livros *Do velho poço*, *Pergaminhos* e da coletânea de poesia *Líder*.

\* \* \*

E aqui encerramos os nossos roteiros guiados pelo cemitério. Fique à vontade para percorrer outros caminhos e conhecer mais sepulturas.

Para sair, basta seguir em direção ao Memorial que se encontra no final desta rua e, contornando-o, chegar à Alameda 1, que leva ao portão de entrada.

Não esqueça de devolver a *kipá* (se você pegou emprestada na entrada) e de lavar as mãos antes de sair. É uma tradição judaica e, afinal, “em Roma, como os romanos”.

# Fontes de Pesquisa e Bibliografia

## LIVROS DE REFERÊNCIA

- Cytrynowicz, Monica Musatti e Cytrynowicz, Roney. *Associação Cemitério Israelita de São Paulo 85 Anos. Patrimônio da História da Comunidade Judaica e da Cidade de São Paulo*. São Paulo, Narrativa Um, 2008.
- Faigenboim, Guilherme; Valadares, Paulo e Andreas, Neil. *Os Primeiros Judeus de São Paulo. Uma breve história contada através do Cemitério Israelita da Vila Mariana*. São Paulo, Fraiha, 2009.

## BIBLIOGRAFIA

- Abraham Ramiro. *Das Ruínas de Jerusalém à Verdejante Amazônia. Formação da Primeira Comunidade Israelita Brasileira*. Rio de Janeiro, Bloch, 1987.
- Aguiar, Airan Milititz. “Palco para a Vida: Cemitério e Identidade”. São Paulo, *Anais do IV Encontro Nacional do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro*, 2008, pp. 193-203.
- Ariès, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- Barata, Rita B. “Cem anos de endemias e epidemias”, *Ciência & Saúde Coletiva – Abrasco*, vol.5 (2), 2000, p. 337.
- Belinky, Tatiana. *Transplante de Menina. Da Rua dos Navios à Rua Jaguaribe*. São Paulo, Agir, 1989.
- Belinky, Tatiana. *Acontecimentos*. Belo Horizonte: Dimensão, 2002.
- Benchimol, Samuel. *Eretz Amazônia. Os judeus na Amazônia*. Manaus, Valer, 2008, 3ª ed. Revista e Bentes.
- Bentes, Abraham Ramiro. *Das Ruínas de Jerusalém à Verdejante Amazônia. Formação da Primeira Comunidade Israelita Brasileira*. Rio de Janeiro, Bloch, 1987.
- Bertolli Filho, Cláudio. *A Gripe Espanhola em São Paulo-1918: epidemia e sociedade*. São Paulo, Paz e Terra, 2003.
- Blay, Eva A. “Mulheres cientistas: aspectos da vida e obra de Khäte Schwarz”, *Estudos Feministas*. Florianópolis, 18(2): 352, maio-agosto/2010.
- Cornejo, Carlos e Gerodetti, João Emilio. *O Litoral Paulista nos Cartões-Postais. Álbuns de Lembranças*. São Paulo, Solaris, 2001.
- Costa, Paulo de Freitas. “Ema Gordon Klabin” in *A Coleção Ema Klabin*, São Paulo: Fundação Cultural Ema Klabin, 2017 e *Universos Sensíveis: As coleções de Eva e Ema Klabin*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2004.
- Cymbalista, Renato. *Cidade dos Vivos*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2002.
- Cytrynowicz, Monica Musatti e Stücker, Ananda. *Do Lazareto dos Variolosos ao Instituto de Infectologia Emilio Ribas. 130 Anos de História da Saúde Pública no Brasil*. São Paulo, Narrativa Um, 2006.
- Cytrynowicz, Roney. *Maurício Klabin: Empreendedor e pioneiro da indústria brasileira*. São Paulo: Narrativa Um, 2019.

- Cytrynowicz, Monica Musatti e Cytrynowicz, Roney. A “Congregação Israelita dos Pequenos”. *História do Lar das Crianças da Congregação Israelita Paulista*. (S.P., Narrativa Um, 2003).
- Cytrynowicz, Roney e Cytrynowicz, Monica Musatti. *Unibes 85 anos. Uma história do trabalho social na comunidade judaica em São Paulo*. São Paulo, Narrativa Um, 2000.
- Cytrynowicz, Roney e Zuquim, Judith. *Renascença 75 anos – 1922-1997*. São Paulo, Sociedade Hebraico-Brasileira Renascença, 1997.
- Depoimento de Paulina Nemirovsky para o projeto de história do Voluntariado do HIAE (para Mirian Chansky e Monica Cytrynowicz, em 31/07/2003).
- Encyclopaedia Judaica*. Verbetes “Brazil”, “Cemetery”, “Death”, “Graves”, “Hevra Kadisha”, “Rio de Janeiro”, “São Paulo” e “Tombs”. Thomson Gale/Keter, 2007, Second Edition.
- Farkas, Ladislau. *A história da família Farkas*, manuscrito, 1985.
- Heynemann, Claudia Beatriz. “As Cientistas: Refugiadas e Sobreviventes da Shoah no Brasil”, *Mulher e Seus Saberes*, São Paulo: Fundação Cultural Ema Gordon, 2019.
- Hidal, Jairo Tabacow. “Meu pai teria completado 100 anos – texto de 28/06/15”, texto de memória disponível em <https://mostlykind.com/meu-pai-teria-completado-100-anos-texto-de-28-06-15>.
- Hirschberg, Alice Irene. *Desafio e Resposta. A História da Congregação Israelita Paulista* (S.P., CIP, 1976).
- Ianneli, Lucía. *Análisis de la Materialidad Funeraria Presente en el Cementerio Israelita de Moisés Ville, Provincia de Santa Fé (1889-1920)*. Trabalho de Licenciatura em Antropología. Escuela de Antropología. Facultad de Humanidades y Artes. Universidad Nacional de Rosario, 2018.
- Kushnir, Beatriz. *Baile de Máscaras: Mulheres Judias e Prostituição*, Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- Largman, Esther e Levine, Robert. “Jewis in the Tropics. Bahian Jews in the Early Twentieth Century”.
- Lesser, Jeffrey. *O Brasil e a questão Judaica*. Rio de Janeiro, Imago, 1995.
- Lima, Dircelei Adomes Palma de. *Teatro para Crianças: um Estudo sobre a Dramaturgia de Fátima Ortiz*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Paraná, 2016.
- Os Judeus na Bahia. *Shalom Documento n. 1*, encarte da revista *Shalom* n. 296.
- Lafer, Celso. “No Centenário de Horácio Lafer” in *Horácio Lafer: Democracia, Desenvolvimento e Política Externa*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2002.
- Lafer, Celso. “Evocando tia Ema” in *Universos Sensíveis: as coleções de Eva e Ema Klabin*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2004.
- Mattos, Claudia Valladão de. *Lasar Segall. Expressionismo e Judaísmo*. São Paulo, Perspectiva, 2000.
- Mayer, Jorge Miguel. “Horácio Lafer”, Verbetes Biográfico, CPDOC-FGV disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/lafer-horacio>
- Mizrahi, Rachel. *Imigrantes Judeus do Oriente Médio. São Paulo e Rio de Janeiro*. S.P., Ateliê, 2003.
- Moreno de Carvalho, Francisco. “Visão histórica do sepultamento no judaísmo: dos tempos bíblicos até nossos dias”, in: *Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo: Um Marco de Construções da Vida Comunitária*. Mimeo. São Paulo, SCISP, 2001.

- Penteado, Jacob. *Belenzinho*, 1910, 2ª ed., São Paulo, Narrativa Um/Carrenho, 2003.
- Perecin, Tatiana. *Azaléias e mandacarus: Mina Klabin Warchavchik, paisagismo e modernismo no Brasil*. Dissertação de Mestrado, EESC-USP, 2003.
- Podolska, Joanna. Spacerownik. *The Jewish Cemetery of Lodz*. Lodz, Agora, 2010.
- Priszkulnik, Esther. *Ensaio de um Percurso. Estudos e Pesquisas de Teatro*. S.P., Perspectiva, 2013.
- Rabinovich, Elaine P. “Mulheres da família: as descendentes de Beile, uma história não escrita”, *WebMosaica revista do instituto cultural judaico marc chagall* v.5 n.2 (jul-dez) 2013.
- Reis, João José. *A morte á uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- Rezende, Eduardo Coelho Morgado. *Cemitérios*. São Paulo, Necrópolis, 2007.
- Rezende, Eduardo Coelho Morgado. *O céu aberto na terra: uma leitura dos cemitérios de São Paulo na geografia urbana*. São Paulo, Necrópolis, 2006.
- Roveri, Sérgio. *Tatiana Belinky...e quem quiser que conte outra*. (Coleção Aplauso Perfil), São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.
- Salgado, Elias. “Presença judaica na Amazônia, séculos XIX e XX: Preservação e aculturação. Um estudo através do caso dos Elmaleh Salgado”. In: Salgado, Elias e David. *Amazônia Judaica. 15 Anos de Travessia*. Rio de Janeiro, Amazônia Judaica, 2017, pp. 37-53.
- Timpanaro, Mirtes. *A morte como memória: imigrantes nos cemitérios da Consolação e do Brás*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2006.
- Valladares, Clarival do Prado. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Rio de Janeiro, MEC, 1972.
- Wolff, Egon e Frieda. *Breve Histórico da Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo – 65 anos*. Rio de Janeiro, Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Sepulturas de Israelitas*. S. Francisco Xavier Rio de Janeiro. São Paulo, Centro de Estudos Judaicos, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Sepulturas de Israelitas II. Uma pesquisa em mais de trinta cemitérios não israelitas*. Rio de Janeiro, Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Sepulturas de Israelitas III. As Mishpakhot de Belém*. Rio de Janeiro, Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Sepulturas IV. Simbolismo e Arte Sepulcral Judaica*. R.J. Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro, 1989.
- Zuquim, Judith e Cytrynowicz, Roney. *A Construção de um Projeto para a Juventude. 60 anos de Escotismo e Judaísmo. Uma história do Grupo Escoteiro e Distrito Bandeirante* (S.P., Narrativa Um, 1998).

## SITES

- <http://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/05/kopenhagen-os-mais-finos-chocolates.html>
- <https://achougastromonia.com.br/kopenhagen-a-historia-por-tras-do-chocolate-que-encanta-a-todos>
- [http://memoria.bn.br/DocReader/090972\\_09/40466](http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/40466)
- “José e Guita Mindlin”, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin disponível em <https://www.bbm.usp.br/pt-br/hist%C3%B3ria/#jose-e-guita-mindlin>

“A Metal Leve e o legado de seu fundador”, *O Estado de S. Paulo*, 02/03/2010 disponível em <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,a-metal-leve-e-o-legado-de-seu-fundador,518132>

Dados demográficos: Tabela 1.6 - População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais - 1872/2010. In: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>. Acesso em 3 de julho de 2018

Brasil, IBGE, “Séries Históricas e Estatísticas: Mortalidade Infantil”, CD100 disponível em <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=13&op=o&vcodigo=-CD100&t=taxa-mortalidade-infantil>

Brasil, IBGE, “Séries Históricas e Estatísticas: Esperança de Vida ao Nascer”, POP209, disponível em <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP209>

Judeus na Bahia

Associação Cemitério dos Protestantes, site oficial consultado em 2008

<http://www.mls.gov.br/lasar-segall/jenny-klabin-segal>

<https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/sobre-mcsp/casa-modernista>

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa226676/gregori-warchavchik>>. Acesso em: 24 de março de 2021. Verbetes da Enciclopédia

<https://www.museufelicialeimer.org.br/institucional/museu-felicia-leimer>

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9219/felicia-leimer>

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa484982/isay-leimer>

“Síntese do modernismo brasileiro, Coleção Nemirovsky é tombada pelo Iphan”, publicada em 27 de setembro de 2017, <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4355>

<https://pinacoteca.org.br/programacao/arte-no-brasil-uma-historia-na-pinacoteca-de-sao-paulo-galeria-jose-e-paulina-nemirovsky-arte-moderna>

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9880/jose-nemirovsky>

“O Governo de Juscelino Kubitschek: Horácio Lafer” disponível em [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Horacio\\_Lafer](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Horacio_Lafer). *Apud* Lafer, Celso. “No Centenário de Horácio Lafer” in *Horácio Lafer: Democracia, Desenvolvimento e Política Externa*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2002, p.120.

Daniele Calabi. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa469683/daniele-calabi>>. Acesso em: 22 de Abr. 2021. Verbetes da Enciclopédia

[https://www.ebiografia.com/tatiana\\_belinky/#:~:text= Tatiana%20Belinky%20\(1919%2D2013\),18%20de%20mar%C3%A7o%20de%201919](https://www.ebiografia.com/tatiana_belinky/#:~:text= Tatiana%20Belinky%20(1919%2D2013),18%20de%20mar%C3%A7o%20de%201919)



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C998g

Cytymowicz, Roney, 1964-

Guia de visitação do Cemitério Israelita da Vila Mariana / Roney Cytymowicz ; fotogr fa Laila Zilber Kontic. – 1. ed. – São Paulo : Narrativa Um, 2021.

176 p.; il.; 13,7 × 21 cm.

ISBN 978-65-89301-04-2

1. Cemitério Israelita da Vila Mariana (São Paulo, SP) – História. 2. Judeus – História – São Paulo. I. Kontic, Laila Zilber. II. Título.

21-74131

CDD: 393.1098161

CDU: 393.1(815.6)

---

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135





Este guia propõe cinco roteiros para visitar o Cemitério Israelita da Vila Mariana, que completa seu centenário em 2021, considerando-o um lugar significativo do patrimônio histórico e cultural da cidade e do estado de São Paulo. São roteiros que apresentam diversos aspectos da história de como um grupo migrante se inseriu na cidade e passou a fazer parte do seu dia a dia. Os percursos contam a história do próprio cemitério e destacam detalhes de formatos de sepulturas, esculturas, símbolos, ornamentos, epitáfios, mostrando tanto os padrões, as regularidades e as tradições como também as singularidades e os detalhes que vão compondo uma história da presença e do imaginário da imigração judaica e do cotidiano da cidade. Os roteiros também destacam sepulturas de homens e mulheres que tiveram vida pública nas artes, na cultura, na ciência, na economia, na política e nas diversas instituições da comunidade judaica